BOLETIM DA

SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

SECRETARIA DA FAZENDA
SÃO PAULO ★ BRASIL

ANO XXIX ★ JUNHO DE 1954 ★ N.° 328

Boletim da Superintêndencia dos Serviços do Café

Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo

Redator-Chefe: J. TESTA
Sede: Largo da Misericórdia, 24

Ano XXIX	JUNHO DE 1954	N.o 328

Sumário

NOSSA CAPA: Um aspecto das sementeiras e viveiros de café ao abrigo natural de árvores de sombra, situados em Florianópolis e pertencentes à Secretaria da Agricultura do Estado de Santa Catarina.

Foram plantadas sementes do "café de Ilha" (Café de Santa Catarina), de Bourbon, Caturra e Mundo Novo.

Colaboração

TRAÇÃO

PNEUS

Firestone

CHAMPION

Barras abertas ou
Barras de centro
de Tração

para o máximo de
rendimento segundo
as condições de seu terreno

Alguns característicos que explicam a GRANDE TRAÇÃO dêstes dois pneus Firestone CHAMPION

Barras curvas e cônicas

Êste desenho permite que as barras agarrem melhor no solo, dando ao pneu o máximo de tração.

Banda de rodagem mais larga e chata

Maior área de contacto com o solo maior tração e vida mais longa para o pneu, porque o desgaste é mais uniforme.

Barras maiores e mais profundas

Agarram firmemente o solo, eliminando derrapagens e assegurando o máximo rendimento.

O espaço é afunilado entre as barras

As barras abrem-se para fora, nos ombros. Êsse desenho impede o acúmulo de barro ou lama. O pneu limpa-se sòzinho, enquanto roda.

Haverá nova superprodução cafeeira?

II

JOSÉ TESTA
(Da Superintendência do Café)

Mas, afinal, poderemos vir a ter novamente uma superprodução cafeeira?

Depende a resposta do sentido que se deseja dar ao assunto: — Superprodução brasileira ou mundial. E que se pode entender por superprodução? 35.000.000 de sacas? 40.000.000? Como reagiria o consumo, no futuro? Poderia absorver os 35.000.000? Os 40.000.000? Que fazer para aumentar o consumo? Que fazer para vender o **nosso** café, e sobrarem os dos concorrentes, isto é, exatamente o oposto do que se se tem verificado anteriormente?

Estamos, como se vê, no terreno especulativo. Mas, pode-se esmiuçar o problema, à procura de possíveis soluções.

Antes de mais nada, é possível admitir-se um aumento do consumo mundial. Em primeiro lugar e mesmo abstendo-nos de países que são apenas **teóricos** consumidores, mercados em potencial muito vago, como a China, a Índia, a Rússia e outros com que nos acenam os otimistas, ainda sobram muitas regiões que não apenas **poderiam** consumir café, mas podem realmente fazê-lo, pois já o usaram, no passado, e sòmente o proscreveram, no presente, devido a condições especialíssimas de momento, como ruína financeira, sistemas políticos fora de nossa esfera de relações, etc. Algumas dessas regiões poderão, de fato, vir à consumir quantidades ponderáveis de café. E em segundo lugar, o próprio aumento **vegetativo** do consumo, nos países já consumidores, pode assegurar um crescimento seguro e constante, embora paulatino. Só nos Estados Unidos, cuja população cresce de cêrca de 2.000.000 por ano, e cuja média de consumo, **per capita**, também cresce seguidamente, é possível esperar um aumento de cêrca de 500.000 sacas anuais. A recuperação cafeeira da Europa Ocidental ainda não se completou, muito embora já tenha ela, econômicamente, ultrapassado os índices de antes da guerra. Faltam ainda 2.000.000 de sacas por ano, apenas, para atingir aos níveis anteriores ao conflito. Nesse setor é lícito, pois, esperar-se alguma coisa. E outros grandes mercados que se nos apresentam, como o do Canadá e o da Argentina, justificam fundadas esperanças.

O consumo mundial subiu de 32 a 34.000.000 de sacas, nos últimos anos. Dentro de dez anos poderá somar pelo menos mais 5 milhões, e talvez mais 8 ou 10. É uma expectativa prudente e razoável.

* * *

E que se pode esperar da produção, nesse lapso de tempo?

PRODUÇÃO DE CAFÉ EM SÃO PAULO — 1926-1953

Safras	Cafeeiros em produção	Avaliação (em sacas)	Médias arrôbas por mil pés (segundo a avaliação)	Embarques ferroviários (em sacas)	Médias arrôbas por mil pés (segundo os embarques ferroviários)
1926/27 ..	950.000.000	9.600.000	40,42	9.877.000	41,59
1927/28 ..	1.068.496.000	18.131.150	67,88	17.982.000	67,32
1928/29 ..	1.075.000.000	6.934.250	25,80	8.815.000	32,80
1929/30 ..	1.100.000.000	17.687.387	64,32	19.490.000	70,87
1930/31 ...	1.117.306.000	9.337.075	33,43	10.097.000	36,15
1931/32 ..	1.242.405.000	18.750.522	60,37	18.829.000	60,62
1932/33 ..	1.335.193.000	10.978.500	32,89	11.689.000	35,02
1933/34 ..	1.479.392.301	20.250.000	35,48	21.850.000	59,08
1934/35 ..	1.467.847.688	10.519.998	28,68	10.943.877	29,82
1935/36 ..	1.420.555.884	12.124.340	39,77	13.497.300	38,01
1936/37 ..	1.366.605.403	15.368.129	44,98	17.531.497	51,31
1937/38 ..	1.372.305.489	17.708.000	51,62	15.886.795	46,31
1938/39 ..	1.352.501.425	14.607.881	43,20	15.613.375	46,18
1939/40 ..	1.321.416.839	15.661.131	47,41	12.363.692	37,43
1940/41 ..	1.270.890.205	14.833.468	46,69	10.259.020	32,29
1941/42 ..	1.240.911.010	5.884.350	18,97	9.140.173	29,46
1942/43 ..	1.262.444.518	8.041.948	25,48	8.528.500	27,02
1943/44 ..	1.268.278.462	8.906.164	28,09	5.936.100	18,72
1944/45 ..	1.218.422.942	5.092.245	16,72	4.721.800	15,50
1945/46 ..	1.124.487.926	6.609.945	23,51	6.100.600	21,70
1946/47 ..	1.027.983.911	8.000.778	31,13	8.874.312	34,53
1947/48 ..	1.035.322.019	7.168.957	27,70	6.522.481	25,20
1948/49 ..	1.024.510.732	9.034.685	35,27	11.206.659	43,75
1949/50 ..	1.047.487.103	8.681.309	33,15	7.244.046	27,66
1950/51 ..	1.056.857.138	8.014.053	30,33	8.117.779	30,72
1951/52 ..	1.061.125.037	6.698.916	25,25	6.261.325	23,60
1952/53 ..	1.071.432.399	8.302.329	31,00	7.186.798	26,83
1953/54 ..	1.093.375.944	7.834.866	28,66	6.016.403(*)	22,01

(*) Até 31 de Março de 1954

PRODUÇÃO MUN

SAFRA	Pernambuco	Bahia	Espírito Santo	Rio de Janeiro	Minas Gerais	São Paulo	Pa
1920/21	205.000	442.000	484.000	1.144.000	4.202.000	10.246.000	1
1921/22	169.000	415.000	472.000	1.021.000	3.497.000	8.198.000	1
1922/23	195.000	415.000	555.000	1.414.000	4.220.000	7.047.000	1
1923/24	152.000	400.000	577.000	735.000	3.190.000	10.374.000	1
1924/25	157.000	478.000	917.000	704.000	3.011.000	9.877.000	
1925/26	145.000	478.000	1.284.000	767.000	2.711.000	10.087.000	1
1926/27	200.000	683.000	1.784.000	913.000	4.414.000	9.877.000	1
1927/28	421.000	554.000	1.546.000	1.611.000	4.928.000	17.982.000	4
1928/29	406.000	472.000	1.656.000	1.152.000	3.131.000	8.815.000	2
1929/30	482.000	407.000	1.579.000	1.115.000	5.135.000	19.490.000	5
1930/31	137.000	330.000	1.532.000	909.000	3.200.000	10.097.000	3
1931/32	250.000	390.000	1.800.000	1.370.000	5.226.000	18.829.000	6
1932/33	150.000	250.000	1.050.000	850.000	2.131.000	11.689.000	3
1933/34	150.000	184.000	1.859.000	905.000	4.062.000	21.850.000	6
1934/35	123.000	293.000	1.350.000	893.000	3.427.000	10.943.877	2
1935/36	178.000	265.000	1.623.000	995.000	3.686.000	13.427.300	6
1936/37	123.000	452.000	1.813.000	931.000	4.640.000	17.531.497	5
1937/38	23.000	278.000	1.452.000	711.000	4.030.000	15.886.795	1.1
1938/39	104.000	319.000	1.787.000	900.000	3.872.000	15.613.375	5
1939/40	112.000	208.000	1.484.000	646.000	3.167.000	12.363.692	1.1
1940/41	163.000	199.000	1.161.000	505.000	3.224.000	10.259.020	9
1941/42	122.000	354.000	1.950.000	614.000	2.577.000	9.140.173	8
1942/43	124.000	236.000	1.429.000	519.000	2.177.000	8.528.500	5
1943/44	124.000	148.000	1.866.000	728.000	3.141.000	3.936.100	1
1944/45	211.000	211.000	1.278.000	215.000	1.874.000	4.721.800	5
1945/46	110.000	360.000	2.132.000	689.000	2.909.000	6.100.600	6
1946/47	113.000	162.000	1.207.000	271.000	2.177.000	8.874.312	1.1
1947/48	80.000	101.000	2.042.000	446.000	2.753.000	6.522.481	1.5
1948/49	41.000	89.000	1.032.000	142.000	2.413.000	11.206.659	1.8
1949/50	60.235	102.400	2.543.100	586.200	3.213.900	7.244.046	2.3
1950/51	99.000	115.300	1.387.800	210.000	2.750.600	8.117.779	4.0
1951/52	93.000	87.500	2.010.600	324.200	3.373.500	6.261.325	2.8
1952/53	63.900	131.994	1.528.822	207.553	1.842.745	7.186.798	5.0
1953/54	100.301	129.218	1.594.078	198.491	3.231.634	6.016.403	3.0

NOTA: — São Paulo a partir de 1931-32, cifras baseadas nos despachos feroviá
...... a retificação) — no total estão incluidas 400 sacas do Estado da Paraí

DIAL DE CAFÉ

Quantidade em sacas

araná	Goiás	Mato Grosso	Santa Catarina	Total Brasil	Outros Países	Total Mundial
11.000	64.000	—	—	16.898.000	5.787.000	22.685.000
14.000	98.000	—	—	13.984.000	6.926.000	20.910.000
20.000	49.000	—	—	14.015.000	5.705.000	19.720.000
15.000	53.000	—	—	15.596.000	6.878.000	22.464.000
50.000	50.000	—	—	14.560.000	6.762.000	21.322.000
77.000	113.000	—	—	15.762.000	7.052.000	22.814.000
29.000	117.000	—	—	18.117.000	7.068.000	25.185.000
55.000	128.000	—	—	27.625.000	8.003.000	35.628.000
64.000	166.000	—	—	16.062.000	8.860.000	24.922.000
96.000	138.000	—	—	28.942.000	8.273.000	37.215.000
47.000	19.000	—	—	16.571.000	8.633.000	25.204.000
04.000	75.000	—	—	28.544.000	8.287.000	36.831.000
80.000	58.000	—	—	16.558.000	9.239.000	25.797.000
00.000	24.000	—	—	29.634.000	8.935.000	38.569.000
60.000	75.000	—	—	17.364.877	7.699.000	25.063.877
13.000	45.000	—	—	20.902.300	10.028.000	30.930.300
47.000	73.000	—	—	26.110.497	10.889.000	36.999.497
06.000	53.000	—	—	23.539.795	10.011.000	33.550.795
79.000	62.000	—	—	23.236.375	10.125.000	33.361.375
08.000	23.000	—	—	19.111.692	10.119.000	29.230.692
51.000	63.000	—	—	16.525.020	12.138.000	28.663.020
36.000	37.000	—	—	15.630.173	15.596.000	31.226.173
49.000	60.000	—	—	13.622.500	14.878.000	28.500.500
50.000	57.000	—	—	12.160.100	15.990.000	28.150.100
78.000	25.000	—	—	9.113.800	15.020.000	24.133.800
30.000	17.000	—	—	12.997.600	12.478.000	25.475.600
37.000	78.000	200	—	14.019.512	13.101.000	27.120.512
50.000	69.000	1.200	—	13.572.681	14.270.000	27.842.681
5.000	158.000	18.800	—	16.985.459	14.648.000	31.633.459
7.900	27.700	17.800	3.900	16.156.446	14.236.000	30.392.446
6.100	43.200	7.400	1.500	16.753.579	15.966.000	32.719.579
2.000	22.300	5.400	—	14.990.725	15.730.000	30.720.725
8.258	91.400	1.850	—	16.099.655		
7.909	96.524	3.280	—	14.468.238		
			—			

rios; outros Estados, a partir de 1916 — 17% — Safra 1953-54 — (Cifras
ba.

A AGRICULTURA AFRICANA VISTA POR UM AGRÔNOMO BRASILEIRO

O. T. MENDES SOBRINHO
Engenheiro Agrônomo
Subdivisão de Estações Experimentais,
Instituto Agronômico de Campinas.

6 — CONGO BELGA E RUANDA-URUNDI

6.1 — *Roteiro da Viagem*

A figura 26 é uma representação gráfica do nosso trajeto pelo Congo Belga e Ruanda-Urundi. A visita a êsses países constou de duas viagens: a primeira em automóvel, com término em Costermansvile, capital da Província de Quivú, procedentes de Uganda, via Ruanda e Urundi, de 28/6/50 a 6/7/50 e regresso à Nàirobe por via aérea; a segunda, por avião, procedentes de Moçambique, via Rodésia do Sul e do Norte, de 12/8/50 a 20/8/50, finalizando em Leopoldovile, capital do Congo. O roteiro foi o seguinte, segundo datas e lugares visitados:

Dia 27/6/50 — Partida de Campala, em trânsito para o Congo Belga, através da Província Ocidental (Buganda Western Province), passando pelo original e pitoresco País de Ancole, (Distritos de Massaca, Ancole e Quiguesi).

Dia 28/6/50 — Chegada a Quiseni, no extremo norte do Lago Quivú, localidade fronteiriça entre o Congo e Ruanda; pernoite em Quiseni.

Dia 29/6/50 — Em Quiseni.

Dia 30/6/50 — Em trânsito para Costermansvile, passando por Goma, região de vulcões em atividade, pela zona quineira e cafeeira de Quivú, pernoite em Costermansvile.

Dias 1 e 2/7/50 — Em Costermansvile.

Dia 3/7/50 — Visita à fazenda de café e quina do Sr. J. Valett; pernoité em Constermansvile.

Dia 4/7/50 — Visita à Estação Experimental de Molungú; pernoite em Costermansvile.

Dia 5/7/50 — Visita ao "Bureau de Colonisation"; à sede da "Mission Anti-Erosine", de Quivú; ao "Comitê National du Kivu"; ao "Office des Produits Agricoles"; pernoite em Costermansvile.

Dia 6/7/50 — Partida para Nàirobi, via Usumbura, capital de Ruanda-Urundi, à beira do extremo nordeste do Lago Tanganica e Entebe, capital de Uganda.

Dia 12/8/50 — Em trànsito de Beira (Moçambique), para a Província de Catanga, no Congo Belga, via Salisburi, capital da Rodésia do Sul.

Dia 13/8/50 — Em Salisburi.

Dia 14/8/50 — Em trânsito para Elisabeteville, capital da Província de Catanga, via Lusaca, na Rodéstia do Norte; pernoite em Elisabetevile.

Dia 15/8/50 — Em Elisabetevile.

Dia 16/8/50 — Visita à Estação Experimental de Queiberg; pernoite em Elisabetevile.

Dia 17/8/50 — Em trânsito para Leopoldovile, capital do Congo Belga; pernoite em Leopoldovile.

Dia 18/8/50 — Em Leopoldovile.

Dia 20/8/50 — Partida para Angola.

6.2 — *Descrição geográfica*

a) *Posição geográfica* — O vasto território congolês estende-se ao norte e ao sul do Equador e vai do centro da África ao Oceano Atlântico, entre os extremos das seguintes coordenadas geográficas: latitudes de 5° 20' N e 13° 30' S e as latitudes 12° 10' e 31° 30' leste de "Greenwich". À faixa do globo abrangida pelo Congo e Ruanda-Urundi, correspondem os Estados brasileiros das regiões norte e nordeste, do Amazonas à Baía.

b) *Limites* — São os seguintes os confrontantes com o Congo e Ruanda Urundi: Angola e Rodésia do Norte ao sul; Sudão Anglo Egípcio e África Equatorial Francêsa ao norte; África Equatorial Francêsa e Oceano Atlântico a oeste; Uganda e Tanganica e leste.

c) *Extensão territorial* — As distâncias máximas norte-sul e leste-oeste do território congolês, medem, aproximadamente, 2.000 km. A superfície do país se traduz por uma área superior a 2.300.000 km2. O Congo Belga representa 1/13 do território continental africano, é 80 vêzes maior que a Bélgica e seu tamanho é quase igual a tôda a Região Norte do Brasil, excluído o Pará (*). A êsses números se tem de acrescentar a área de Ruanda e Urundi, com 52.000 km2, porque êste país da antiga África Oriental Alemã, é administrado pela Bélgica, desde o Tratado de Versalhes, por mandato da Liga das Nações. A linha limítrofe do Congo e Ruanda Urundi, juntos, se desenvolve por uma extensão de mais de 9.000 km. Conquanto seja país marítimo, a testada atlântica do Congo não tem mais de 40 km de comprimento. A configuração mais ou menos compacta do conjunto é quebrada por estreito corredor de terra que liga o interior ao mar. Mesmo excluída essa parte do território, o contôrno lindeiro do Congo e Ruanda Urundi é bastante sinuoso. O Congo é uma região tìpicamente mediterrânea e sua condição de país marítimo é conferida pela adelgaçada faixa de terra — estrangulação geográfica entre Angola e a África Equatorial Francesa — que liga o bloco interior ao mar. Na partilha do Congo, antigo império indígina, a França e Portugal, condecenderam em dar saida para o mar, ao imenso território de que o Rei Leopoldo II se intitulou posseiro, pelo estreito corredor aberto no Atlântico.

d) *Topografia* — O território congolês é representado por uma vasta planície central, constituída de suaves ondulações que, em seu conjunto, se desnivelam para o talvegue do grande rio Zaire ou Congo. A leste, sul e nordeste, o grande altiplano é contornado por cadeias de montanhas. Quase

(*) A Região Norte do Brasil, segundo o Anuário Estatístico do Brasil, IBGE, Ano X, 1949, tem uma superfície de 3.550.000 km2, compreendendo os seguintes Estados e territórios: Guaporé — 254.000 km2; Acre — 153.000 km2; Amazonas — .... 1.595.000 km2; Rio Branco — 214.000 km2; Pará — 1.189.000 km2; Amapá — .... 134.000 km2.

ROTEIRO DA VIAGEM
AO CONGO BELGA
27-6-1950 — 6-7-1950
12-8-1950 — 20-8-1950
ÁFRICA EQUATORIAL FRANCESA
ÁFRICA EQUATORIAL FRANCESA
Rio Ubangui
SUDÃO
Rio Congo
UGANDA
CAMPALA
NAIROBI
COSTERMANSVILE
USUMBURA
CABINDA (ANGOLA)
LEOPOLDOVILE
Rio Cassai
Rio Congo
ANGOLA
LUANDA
LULUABURG
ANGOLA
TANGANICA
L. TANGANICA
L. MERU
ELISABETEVILE
LUSACA
RODÉSIA DO NORTE
OCEANO ATLÂNTICO
LEGENDA
PROVINCIAS
I LEOPOLDOVILE
II EQUADOR
III ORIENTAL
IV QUIVU
V CATANGA
VI CASSAI
CACAU-DENDÊ-C ROBUSTA
CACAU - DENDÊ
DENDÊ
C ARÁBICA

tôda a área elevada do leste do país, inclusive Ruanda-Urundi, é formada pelo braço ocidental do "Rift Valley" e constitui uma sucessão de montanhas, lagos elevados, vulcões extintos uns e outros em atividade, como o Miqueno, na pitoresca região de Goma. Ali se encontra o Ruvensori e as Montanhas da Lua, entre Uganda e o Congo, cujo cimo atinge 5.000 metros acima do mar, o ponto mais alto do país, onde há neve, mesmo sob a linha do Equador. A planície central, quase tôda pertencente à bacia do Zaire, possui altitudes variáveis entre 300 e 600 metros acima do oceano.

e) *Hidrografia* — O Congo é uma região riquíssima de águas internas, lacustres e fluviais. Seu território verte quase totalmente para o Atlântico e com sua rêde de cursos dágua, forma contraste com os países que se acham na mesma latitude, na vertente oriental do Continente. Pequeno trato do território, ao redor dos lagos Alberto e Eduardo, na fronteira do leste, pertence à vertente marítima do Mediterrâneo, para onde as águas correm através do lendário rio Nilo.

O rio Zaire ou Congo, tem um curso de mais de 4.600 km de comprimento, da nascente ao mar, e é o sétimo do mundo em extensão. Dois outros volumosos afluentes do Congo, o Cassai, à margem esquerda e o Ubangui, o maior dos tributários, à margem direita, com seus numerosos afluentes, completam a densa rêde fluvial do país.

A cadeia de lagos do leste inclui o Alberto, Eduardo, Quivú, Tanganica e Moeiro, ao longo do "Rift Valley". Há um sistema lacustre interno, embora disperso, incluindo os lagos: Caçali, Molundu, Upemba, Cabele. O lago Quivú, na fronteira do Congo e Ruanda-Urundi, é o mais elevado do continente, achando-se sua superfície a 1.600 metros acima do nível do mar.

Quem sobrevôa a linha de Elisabetevile — Luluaburg, após ter voado sôbre as planuras das Rodésias, em demanda do Congo, verificará que a planície de Catanga e Cassai, nas cabeceiras do Zaire, é a continuação do altiplano rodesiano, pobre de água e, por isso, recoberto de vegetação de savana, às vêzes densa, outras vêzes de arbustos esparsos e não raro interrompida por campos de gramíneas baixas, circunscritas por galerias florestais. São mais de 1.000 km aéreos de Lusaca, capital da Rodésia do Norte, a Luluaburg, e o quadro não muda. Êsse extenso trato de chão corresponde a riquíssima região mineira das Rodésias e do Congo. No avião que nos conduzia, sobrevoamos a mina e respectiva usina de vanadium da "Broken Hill Mine", além, próximo a Endola, a mina de cobre de Mufulira, e, na Província de Catanga, em plena zona do estanho do Congo, as jazidas e a grande usina de refinação de cobre, estanho e níquel de Elisabetevile. A devastação das matas para combustível dessas usinas, nas áreas que lhe são circunjacentes é descomunal, sem se vislumbrar o menor indício de reflorestamento, tanto em território de jurisdição britânica como belga, não obstante o tremendo libelo acusatório lançado constantemente, por um e outro, contra o prêto, o dendroclasta contumaz. À medida que se aproxima de Luluaburg, a fitofisionomia da paisagem começa a se modificar com o aparecimento dos primeiros corregos da rêde capilar da bacia do Zaire e o adensamento da cobertura florística, influenciada por uma pluviosidade crescente, à medida que se aproxima do curso do grande rio. Até atravessarmos o pequeno Lubi, afluente das cabeceiras do Cassai, as terras que ficaram para o sul estão sob a ação de um clima semi-árido e, por isso, a agricultura ali está pràticamente

ausente. Em Catanga observam-se escassas lavouras de nativos ao redor das minas. Ali, a falta de chuvas e a absorvente indústria extrativa se aliam e quase repelem a atividade agrícola. A partir de Luluaburg, no rumo de Leopoldovile, ao longo da rodovia que liga as duas cidades, numa extensão de 800 km, as roças indígenas vão se adensando cada vez mais, até a capital do Congo, modificando completamente o aspecto da paisagem.

6.2.1 — *Solos*

6.2.1.1 — *Tipos de solo*

E' grande a diversificação dos tipos de solo do Congo Belga, tendo em conta a extensa área do seu território, relêvo da superfície, vulcanismo, regime de chuvas e maior ou menor proximidade do Equador térmico. Por isso não cabe neste artigo um comentário pormenorizado da pedologia congolêsa. A grosso modo, os solos do Gongo podem ser agrupados em quatro sistemas, segundo a altitude, o maior ou menor afastamento do Equador térmico — umidade e calor — correlacionados ao revestimento florístico.

Solos das florestas equatoriais — De origem geológica diversa e, segundo Jean Paul Harroy, é dos mais pobres do Congo, embora ostente uma das mais soberbas associações florísticas do globo. Segundo as palavras daquele agrônomo belga, no seu livro "Afrique Terre Qui Meurt" (Bruxelas 1949) "a floresta virgem, sistema em equilíbrio perfeito, é caracterizado por uma constante dos teores de húmus, azôto e bases; êste equilíbrio encontra sua origem na equivalência exata das fôrças de produção e da destruição; mas não obstante o caráter úmido do clima — porque não há estação sêca — o corte, da floresta é o bastante para desorganizar o complexo e desencadear as fôrças da destruição, enquanto que a produção cessa". Ao visitarmos o Ubangui Chari, país da África Equatorial Francêsa, os técnicos do departamento da agricultura nos confirmaram aquêle princípio, exemplificando com demonstração *in loco*, em áreas devastadas da majestosa floresta equatorial, ribeirinhas do Rio Ugangui onde, após a derrubada, só foi possível a produção de mandioca e arroz por dois a três anos: depois dêsse período as terras tornaram-se improdutivas. Supomos que o fenômeno seja comum ao trópico, nas áreas de baixa altitude, sob a influência do Equador térmico. Segundo nos relataram colegas do nosso Instituto Agronômico, que trabalharam na Amazônia, fenômeno semelhante se verifica no Baixo Amazônas.

Solos do sistema "Lualaba — Lubilash" — Formados à base de arenitos brancos e vermelhos, compreendendo áreas de mediana altitude, cobertas de "florestas tropicais", sobretudo, das províncias de Catanga e Quivú, ao sul do Rio Congo e Província Oriental, na vertente da margem direita do rio. Nas partes mais elevadas dessas regiões a "floresta tropical" escasseia, para dar lugar à savana e, finalmente, o campo rodeado com galerias florestais. Na Província de Cassai e Catanga, as reboleiras de campo nas elevações, se aproximam tanto da forma circular e as galerias florestais, de tal modo se apresentam como faixas estreitas regulares que, do ar, à primeira vista, dão a ilusão perfeita de uma sucessão infindável de prados circunscritos por cêrcas vivas adrede plantadas. Outra característica da Província de Catanga, ligada ao tiro de solo e clima, é a ocorrência das "termites" dos francêses, ou a "white ant" dos inglêses, ou os nossos nacionalíssimos cupins (Coptotermes

vastator). Os ninhos do inseto, ou simplesmente os "cupins", como os denominamos, brotam do chão, ali, aos milhões. Sua freqüência em meio a floresta tropical de clima sêco é tamanha, que chega a emprestar feição característica à paisagem. A quantidade em algumas áreas de savana é tão grande, que todo o espaço deixado pelo tronco das árvores ou arbustos acha-se tomado pelos cupins. As "termitieres" do Congo apresentam-se também com formas e tamanhos muito variáveis. Há as do tipo ali chamado "paraplui" ou "champingnon"; "forteresse", êstes semelhantes a uma rochedo talhado a pique, além dos "cupins de forno". Êstes, sobretudo, de dimensões nunca imaginadas por nós, mesmo acostumados a ver as pastagens do Vale do Paraíba, as vezes mais povoadas de cupins que de bois. Nos arredores de Elisabetevile, os que vimos eram tão volumosos, assemelhando-se mesmo a elevações naturais do terreno: um dêles, com alguns metros de diâmetro por outros tantos de altura, envolvia um poste de telefone até a altura dos isoladores; sôbre outro ainda maior estava edificada a palhota de um nativo. A ocorrência do inseto é tal, que alguns estudiosos da pedologia africana, ao sul do Equador, lhe atribuem importante função não só na formação de alguns solos como no rejuvenescimento dos terrenos deteriorados pelo mau uso e pelo fogo. Segundo êsses cientistas, a trituração das partículas de terra, sua mistura com detritos vegetais e excreções do inseto, acabam por conferir certa fertilidade aos solos exaustos ou pobres pela própria origem. Pedologistas da África do Sul fazem referência a cupins de 11 toneladas de terra, nas cabeceiras do Rio Limpopo, na mesma planície que se alonga à Província de Catanga.

Solo das regiões das savanas — Ocorrem no extremo sudoeste do país e se originam do granito, gnaisse e xisto, em áreas de escassa pluviosidade.

Solo das regiões de flora alpina — São os das montanhas do curso do "Rift Valley" e se dividem em solos de origem vulcânica e não vulcânica. Os primeiros são escuros, quase pretos, formados por espessa camada de cinzas de vulcão ou por detritos de lavas friáveis, muito comuns à zona de Goma em Quivú e na do Mufumbiro, próximo ao qual se acha a Estação Experimental de Molungú. Em nossa viagem de Uganda para Quivu, ao ingressarmos em território de Ruanda, percorremos 140 km em região extremamente acidentada, contornando o Mufumbiro, onde os solos de origem vulcânica constituem a regra. Nos cortes da estrada pudemos ver os extratos de cinzas e ganga de lava de vulcão de diversas épocas. Nos arredores de Quiseni, à beira do Lago Quivu, vimos diversos cavocos para alicerce de edificações de europeus, em que os primeiros 70 cm eram de cinza quase pura, com a côr e consistência de pó de café, repousada sôbre um extrato de detritos de quartzo. Tôda a areia das praias do Lago Quivú, no extremo norte, é preta por causa da mistura com as cinzas vulcânicas. No trecho de Ruenguere, em Ruanda, o fundo dos vales acha-se tomado por extenso lençol de fragmentos de lava, ainda não decomposta que "empedra" o terreno, dificultando a agricultura. Êsses vales acham-se de tal forma cobertos de ervilha *(Pisum sativum L.)*, planta introduzida para alimentação dos prêtos, tão bem aclimatada ali, que mais parece expontânea da região. Prosseguindo viagem para o sul, contornando o Lago Quivú em demanda de Costermansvile, os primeiros 150 km foram percorridos em zona extremamente acidentada e de terras pretas formadas de lavas. Ao passarmos por Goma, centro mais importante de turismo do Congo, deixamos à nossa direita o vulcão "Mikeno" que se achava em

atividade e a estrada passou a se desenvolver sôbre um grande lençol de lava recente, de dois a dez anos. Percorremos uma extensão de, aproximadamente, 5 km, onde a rodovia fôra rasgada na massa do derrame. Essa lava não provinha do Miqueno, mas de um tipo curioso de vulcão, cuja cratera se abre ao nível do chão e expele volumosa massa de material incandecente. A última erupção se verificara dois anos antes e interceptara as comunicações rodoviárias de Ruanda com Costermansvile, chegando mesmo a se precipitar no lago, seccionando um dos seus extremos e formando outro lago pequeno. A estrada havia sido reaberta após o resfriamento da lava, fazia apenas 6 meses. À margem do caminho ainda podiam ser vistas taboletas com aviso aos turistas, prevenindo-os do perigo das bolsas quentes em meio ao chão revôlto de material eruptivo de 2, 6 e 10 anos. Verificamos que êsse tipo de lava, após o resfriamento, se torna extremamente friável, convertendo-se fàcilmente em pó e o vimos empregado em argamassa para assentamento de tijolos nas construções de Quiseni. Por tôda a zona dos solos prêtos vimos roças de nativos do *C. arabica* e lavouras do tipo "plantation" dos europeus. Essas terras pretas são típicas da região e resultam de uma formação local a que os pedologistas belgas dão o nome de "vulcanismo". São ricas em metais e alcalis e outrora foram recobertas por riquíssima e pujante flora. Nos picos das montanhas ou nos despenhadeiros, ainda pudemos ver os maciços remanescentes dêsse revestimento primário, que lograram escapar à destruição do prêto e mais recentemente, do branco, por serem inacessíveis a qualquer forma de agricultura. A região lembra a descida da serra para Santos, contribuindo a água do Lago para aumentar a semelhança dos cenários, porém o terreno lá talvez seja mais ravinoso ainda.

Os solos vermelhos de flora alpina ocorrem nas proximidades de Ruenguere e de Costermansvile. São solos adequados ao *C. arabica*, piretro (Pyrethrum cinerariaefolium), fumo e plantas alimentícias do indígena. A zona da quineira (Cinchona Ledgeriana) está circunscrita a êsse tipo de solo vermelho, que tem provado ser o melhor para essa planta medicinal. Aos solos vermelhos de Quivú os belgas generalizaram a denominação de "lacterite". Os afloramentos roxosos pareceram-nos ser de diabase e a feição do terreno, côr, granulação, são quase idênticos aos da nossa melhor terra roxa, excluída a topografía, tremendamente ladeirante. Os terrenos dessa região alpestre de Ruanda-Urundi e Quivú, são os que apresentam maior variação em sua origem. Nossa viagem de Uganda ao Gongo foi feita de automóvel e percorremos 600 km entre Quisoro e Costermansvile, em área montanhosa, onde a estrada sinuosa foi aberta em chão convulso que se desdobra em socavões, grotas, picos, crateras de extintos vulcões, lagos elevados, permitindo admirar a interessantíssima sucessão de tipos de solos e a belesa da paisagem quasi inegualável.

6.2.1.2 — *Uso do solo*

O Congo Belga possui uma população numerosa, mas escassa em relação ao tamanho do país. A densidade demográfica, excluída Ruanda Urundi, é de 5 hab/km2. Graças a êsse fato, o país conserva grande parte do seu solo a coberto dos estragos ocasinados pelo mau uso. O clima úmido de uma apreciável porção do território congolês, preserva-o também do fogo e permite a agricultura em uma área considerável em meio à qual o agricultor indígena se dispersa. Ambiente nada parecido com o dos países da banda oriental

da África, onde são vastas as extensões semi-áridas, das quais o homem procura fugir, aglomerando-se nas terras altas, de bôa pluviosidade, que passam a sofrer os efeitos da exaustão do solo provocada por tremendas pressões demográficas sôbre reduzidas áreas, de onde todos pretendem extrair alimentos.

Não obstante essa feição geral do país quanto à deterioração do solo é, talvez no Congo, onde se acha uma das áreas mais depredadas do Continente Negro pelo mau uso. Trata-se da Província de Quivú, a nata das terras congolêsas. Ali pudemos observar os efeitos do típico "overcroping" associado ao "overstoking", na mais clássica devastação imaginável do solo. A influência da malária das zonas úmidas e baixas, não deve ser estranha ao fenômeno da pressão demográfica nas terras altas de Quivú, para onde a endemia foi impelindo o homem. São chocantes os contrastes na África: em Uganda, Quênia e Tanganica a sêca tange a população para as áreas altas; no Congo, país limítrofe, é a umidade a causa do mesmo fenômeno.

Em Ruanda Urundi, o problema da concentração humana assume aspectos de uma gravidade tremenda, embora nas montanhas do Ruenguere os trabalhos anti-erosivos sejam elogiáveis, porém, sem a perfeição verificada no distrito vizinho de Quiguesi, em Uganda. A densidade demográfica de Ruanda-Urundi é de 168 hab/km2, havendo áreas mais pressionadas com 200 e até 300 hab/km2. O govêrno congolês está procurando dar remédio a essa pletora humana, por meio da concessão de terras no norte do Quivú, aos prêtos de Ruanda Urundi. Em nosso trajeto por êste país não vimos seqùer traços de matas a não ser uma pequena reserva florestal e uma floresta de bambus espontâneos a mais de 2.000 metros de altitude. Contudo, observa-se certa preocupação em reflorestar: a margem do caminho, quase sempre com duas carreiras de eucalíptos e alguns trechos tomados por volumosos seixos de lava, acham-se plantados com a mesma essência.

A 150 km de Costermansvile, começaram a aparecer os morros pelados, cobertos por um capim baixo, entouceirado e florido, semelhante ao nosso membeca (Andropogon virginicus L.), denominado pelos indígenas de "Akisoauiri-maiani". E' a única vegetação existente e empresta àqueles terrenos, escassamente revestidos, um aspecto de secura, pobreza de matéria orgânica, mal conseguindo cobrir os sulcos da erosão. Entretanto, são terras vermelhas, semelhantes às nossas roxas. A degradação do soló toma aspectos cada vez mais acentuados à medida que nos aproximamos de Costermansvile. Posteriormente, informaram-nos de que tôda a outrora rica Província de Quivú se encontra nesse estado, havendo apenas algumas florestas para o norte, onde as terras são próprias ao *C. arabica.* Para se avaliar o grau de devastação daquela circunscrição do Congo, exemplificaremos dizendo que sua superfície é de 233.000 km2 e 80% se acha no estado que vimos descrevendo. Cabe aqui uma ressalva às fazendas dos europeus, onde vimos alguns serviços muito eficientes de defesa do solo contra a erosão, nas plantações novas da quineira. Para todos os lados de Costermansvile, verificamos sempre o mesmo desolador aspecto. Em uma excursão que fizemos a sudoeste da cidade, até 80 km, não logramos ver uma árvore, senão a sucessão de morros pelados, alguns tão roidos pela erosão, que as tentativas de reflorestamento com eucalipto estavam fracassadas. O problema da lenha nessas áreas e na cidade nativa de Costermansvile assume aspectos dramáticos. A população do distrito de Quivú é de mais de 200 pessoas p/km2. Por

tôda parte vimos as pretas com minguados feixes de gravetos de eucalipto à cabeça, racionados pelo govêrno, outros no afã de coletar o estrume sêco do gado para combustível doméstico, havendo casos extremos, em que o capim sêco e rasteiro serve de lenha ao nativo. O poder público procura contornar a difícil situação, fazendo tentativas de reflorestamento com eucalipto, nem sempre bem sucedidas por causa da exaustação da terra.

A fome e subnutrição dos prêtos de Quivu estão ligadas à degração a que êles próprios submeteram o seu chão. As sêcas periódicas, embora nem sempre acentuadas, produzem efeitos severos na região devastada. O govêrno teve de intervir para acautelar o interêsse público. Antigamente o prêto de Quivú não cultivava senão pequena área com feijão, que mal dava para sua subsistência. A banana era tôda consumida, como ainda o é hoje, na fabricação da cerveja a cujo uso o nativo se entrega com prodigalidade. Com o fim de evitar a ocorrência da fome, o índigena é obrigado, pelo poder público, através dos chefes nativos, a cultivar um mínimo de terras com mandioca. Não é suave tarefa a da obrigatoriedade, visto restarem apenas o sopé dos morros para a prática da agricultura, onde os prêtos quase se acotovelam para cultivar suas roças. Mesmo assim, o cardápio do nativo se compõe apenas de mandioca e feijão. E' um subnutrido o prêto daquela região, outrora tão rica. São homens pequenos, mirrados. A explicação da sua incapacidade para o trabalho deve ser encontrada, antes de mais nada, nesse fato. Não obstante a obrigatoriedade do cultivo da mandioca, o negro de Quivú se alimenta mal durante os seis meses que tem feijão e pràticamente não se nutre na outra metade do ano, até colhêr de novo sua minguada ração. Outubro, novembro e dezembro são meses de aguda carestia em Quivú. Acreditamos que dentro de mais algum tempo o govêrno terá de remover parte da população do Distrito ou os europeus terão de ceder suas fazendas de café, quina e piretro para a produção de alimentos à população.

No noroeste do Congo, na Província do Equador, após a derrubada da mata e o cultivo do solo, por três ou quatro anos, a terra é invadida pelo sapé africano (Imperata cilindrica Beauv.) e fica por tal forma tomada pela praga, que tem de ser abandonada. E se torna econômicamente irrecuperável à agricultura índigena. Calculam os técnicos dos departamentos da agricultura, que em poucos anos tornou-se inutilizada à agricultura do nativo uma área de mais de 250.000 ha, pela invasão do sapé. Observamos que o fenômeno da invasão do "imperata", comum à costa africana atlântica, ao sul do Equador, nos países da África Equatorial Francêsa adquiriu, feição de calamidade nacional, como está acontecendo no noroeste do Congo. O fogo à terra para as plantações ocupa lugar de relêvo na manifestação do fenômeno.

O combate ao mau uso da terra no Congo é recente. Um plano de ação acha-se consubstanciado no famoso "Plano Decenal para o Desenvolvimento Econômico e Social do Congo Belga". Os trabalhos estão à cargo da "MAE", sigla pela qual é designada a Missão Anti-Erosiva. O território de ação dessa entidade se estende às regiões montanhosas lindeiras do leste do país, compreendendo uma faixa de terra das províncias de Quivú e Oriental, que vai do extremo norte do Lago Tanganica às divisas do Congo com o Sudão Anglo Egípcio. Na área de ação da "MAE" estão incluídas as cristas

montanhosas e as bacias hidrográficas elevadas. A Missão Anti-Erosiva desenvolve uma ação múltipla — Preventiva, procurando disciplinar a desmatação crescente das terras ainda virgens, quer por europeus, quer por prêtos. *E de ataque*, fazendo serviço educativo (extensão) de defesa do solo; executando serviços em áreas piloto para demonstração de métodos de defesa e uso do solo (fomento); promovendo pesquisa de melhores métodos anti-erosivos; fazendo levantamentos dos vales para equacionar os problemas regionais de conservação do solo, irrigação e drenagem. A "MAE" atua simultâneamente sôbre agricultores indígenas e europeus por meio de uma equipe composta de engenheiro-agrônomo, médico veterinário, engenheiro rural, engenheiro hidráulico, engenheiro silvicultor e respectivos agentes nativos auxiliares. Visitamos a sede da "MAE" em Costermansvile e o chefe dos serviços, sr. M. Becman nos informou ser penosa a execução dos trabalhos conservacionistas em seu território de ação, que abrange as montanhas de Quivú e Ruanda Urundi, por causa da natureza íngreme do terreno e a impossibilidade material do uso de máquinas. Disse-nos que uma das mais importantes atribuições da "MAE" é a organização de estudos monográficos regionais sôbre conservação do solo. Espera o govêrno geral do Congo, cobrir com tais estudos, durante o plano decenal, seis regiões agrícolas do leste do país, com área útil à agricultura de 100.000 ha cada uma. Relativamente ao encorajamento financeiro para a execução dos serviços conservacionistas, à agricultura nativa, disse-nos o sr. Becman que inicialmente os trabalhos são projetados e executados pelo govêrno e futuramente serão às expensas de cooperativas de indígenas, em cuja organização o govêrno está dispendendo esforços. As entidades cooperadas seriam dirigidas pelos chefes nativos e assistidos por técnicos do govêrno, especialistas em cooperativismo.

Confessamos a nossa incredulidade na "coqueluche" do cooperativismo que os brancos, especialmente belgas e inglêses, tentam impôr aos prêtos: Seria inflingir aos membros de uma sociedade não civilizada, de necessidades absolutamente restritas e de um imediatismo rebarbativo, um programa absolutamente extranho ao seu grau normal de evolução. O cooperativismo, sobretudo, para as populações sob o Equador africano e médio e baixo Congo, exigiria reorganização completa e brusca e nós sabemos que as sociedades não evoluem aos saltos. Em muitos casos, no Congo, a tarefa não seria diferente de um cooperativismo a ser implantado na xavantina ou entre boróros.

6.2.2 — *Clima*

O quadro 23 reune dados da pluviosidade de três localidades do Congo Belga, sendo a 1.a das regiões altas, outra da bacia do Médio Congo e a terceira da área do Baixo Congo. Costermansvile (1) é zona do *C. arabica*, Iangambi do *C. canephora* (Robusta) e M'Vuazi se acha na região das frutas tropicais. Os dados de um reduzido número de estações meteorológicas não autorizam uma interpretação pormenorizada do regime pluvial e término de tão vasto país como o Congo Belga. Entretanto, mostram que o território congolês, em seu conjunto, é região úmida e não conhece o fenômeno das sêcas cíclicas generalizadas, como acontece em outras paragens africanas. O regime pluvial do país se caracteriza por uma distribuição das chuvas du-

---

(1) A estação meteorológica de Tchebinda fica a 5 km de Costermansvile, capital da Província de Qiuvú.

rante quase todo o ano, havendo áreas como a do Baixo Zaire onde não há sêca. Entretanto, em qualquer ponto do país as precipitações se intensificam de setembro a abril e diminuem nos mêses restantes do ano. O tipo climático do Congo, com tal distribuição de chuvas é favorável à maioria das lavouras de plantas tropicais perenes, como o cafeeiro, quineira, cacaueiro (*Theobroma cacao Lin*), dendêzeiro (*Elaeis guineensis Lin*), seringueira (*Hevea brasiliensis* Muell. Arg.) e outras de produtos alimentícios. A cultura algodoeira, representando a maior atividade agrícola do país, para a obtenção de produto de exportação, se estabeleceu em duas áreas sendo uma no norte, na fronteira da África Equatorial Francêsa, e outra ao sul, nas províncias de Catanga e Oriental, as quais, fogem à ortodoxia do sistema pluvial congolês. Nessas regiões há estações das águas e das sêcas, mais ou menos definidas, cujas épocas, a grosso modo, coincidem com a do regime chuvoso do litoral paulista: estação fresca e sêca de julho a agôsto e quente e chuvosa de setembro a maio. Quanto à temperatura, a período mais quente do Congo vai de novembro a março e a mais fresca de junho a agôsto.

Quadro 23 — Pluviosidade de três localidades do Congo Belga, em milímetros de chuvas caídas.

Mêses	*Tchebinda (1) (Quivu) Altitude - 2.070 m.*	*Iangambi (2) (Médio Congo) Altitude - 500 m.*	*M'Vuazi (3) (Baixo Congo) Altitude - 450 m.*
Janeiro	142	104	122
Fevereiro	154	97	144
Março	144	157	138
Abril	140	148	141
Maio	97	186	171
Junho	26	128	8
Julho	16	163	0
Agôsto	32	171	1
Setembro	104	179	20
Outubro	144	247	114
Novembro	156	183	200
Dezembro	170	132	176
Total:	1.325	1.895	1.235

FONTE: — Station Meteorologique de Costermansvile", par E. Regnier, Separata do "Buletim Agricole du Congo Belge", Vol. XXXVIII, 1947, n.o 2, PP 351 a 376, — "Rapport Annuel Pour L'Exercice 1948", I.N.E.A.C.

(1) Dados de 1935/1946.
(2) Dados de 1929/1948.
(3) Dados de 1937/1948.

Quadro 24 — Temperatura de três localidades do Congo Belga, em graus centígrados.

Mêses	*Tchebinda (1) (Quivu) Altitude - 2.070 m.*	*Iangambi (2) (Médio Congo) Altitude - 500 m.*	*M'Vuazi (3) (Baixo Congo) Altitude - 450 m.*
Janeiro	19,7	10,6	25,0
Fevereiro	19,9	10,9	24,8
Março	19,8	10,6	25,5
Abril	20,0	10,2	25,4
Maio	20,0	9,7	25,9
Junho	19,9	9,4	24,3
Julho	19,8	8,9	17,7
Agôsto	20,5	9,2	21,7
Setembro	20,6	9,8	23,4
Outubro	20,4	10,1	24,2
Novembro	19,7	9,4	25,5
Dezembro	19,6	9,6	24,1
Média:	20,0	9,9	23,9

FONTE: — "Station Meteorologique de Costermansvile", par E. Regnier, Separata do "Buletim Agricole du Congo Belge". Vol. XXXVIII, 1947, n.o 2, PP 351 a 376, — "Rapport Annuel Pour L'Exercice 1948", I.N.E.A.C.

(1) Obervações de 1938/1946.
(2) Observações de 1940/1948.
(3) Observações de 1947.

6.2.3 — *Geobotânica*

Do ponto de vista de cobertura florística primária, o Gongo Belga representa o oposto da África Oriental Inglêsa. A maior parte da sua flora ôriginal se acha intacta e o fato se deve aos seguintes motivos: população indígena pouco densa; extensas áreas baixas sob o Equador térmico, e por isso insalubres; reduzido contingente de colonos brancos interessados na agricultura. Calcula-se que 50% da superfície do país ainda se acha recoberta pelas associações florísticas originais.

Fitogeogràficamente, o Congo Belga e Ruanda Urundi podem ser zoneados do seguinte modo: a) *Floresta Equatorial* — A bacia do baixo e, sobretudo, do médio Congo, abrangendo quase metade do país, é de revestimento do tipo "floresta equatorial", "rain florest" dos inglêses ou "forêt ombrophile" dos francêses. Corresponde à zona mais chuvosa do país, onde não se conhece estação sêca. Essa formação florística ocupa uma faixa sob o Equador, em quase todo o sentido leste-oeste, e cujos limites laterais se acham próxi-

mos de 5ºN e 5ºS. A floresta do médio Zaire, pràticamente intacta, por causa da insalubridade, tem o nome de "Selva de Stanlei". Sua extensão é estimada em 60.000 km2. b) *Florestas sêcas* — Também chamadas "florêt trompophile" pelos francêses, abrange uma apreciável porção do território congolês. Essa formação florística tem seus limites a partir da margem esquerda do desaguadouro do Congo, se estende pelo sul e leste do país, até encontrar as elevações do "Rift Valley". As "Florestas sêcas" assemelham-se, em parte, à nossa flora tropical. O que diferencia a "florêt ombropophile" congolêsa, sem qualquer indício de repouso, da "floresta equatorial" é a caducidade das fôlhas e florescimento das essências desta última, na estiagem, bem como as soluções de continuidade no maciço florestal. Êste, à medida que o terreno ganha altura e se estende para as cabeceiras do sistema fluvial do Zaire, vai apresentando uma sucessão de claros, para dar lugar às reboleiras de savanas arbustivas, até que nos pontos mais ao sul do país a mata só aparece sob forma de estreita galeria florestal, ocupando as depressões do terreno, enquanto que as partes elevadas são de campos de gramíneas de baixo porte. As teorias relativas a essa sociologia florística são contraditórias, parecendo vencer as que defendem o princípio da maior ou menor profundidade do lençol dágua, em correspondência com a pobreza ou pujança do revestimento vegetal original. c) *Floresta alpina* — ou flora de altitude, representada pelo recobrimento florístico da estreita e longa faixa, dos picos montanhosos e marginais aos lagos elevados: Tanganica, Quivu, Eduardo e Alberto. d) *Savana* — Associações dêsse tipo, ocorrem no extremo sudoeste do país, e são semelhantes às do planalto tanganicano, onde medra a baobá, que é o padrão das regiões semi'áridas.

6.2.4 — *Salubridade*

O clima quente e úmido e a pouca altitude da maior parte do país são fatôres da grande insalubridade do Congo Belga. Logra fugir, em parte, a êsse determinismo tropical, a zona montanhosa do leste, muito embora, mesmo a 2.000 metros de altitude, a malária ali seja comum. Em regiões até mais altas por onde passamos, a dose diária de quinino, servida durante as refeições, como preventivo anti-malarígeno, constitui hábito quotidiano, observado com rigor.

Malária — A doença tem caráter endêmico e epidêmico por todo o país. O médio Congo constitui o maior foco da doença. Os sanitaristas belgas estimam a população malarígena em mais de cinco milhões de pessôas. O combate vem sendo encetado por meio da quininoterapia profilática. O quinino é produzido no próprio Congo, em cuja Província de Quivú se acham as plantações da cinchona e a usina de cristalização do alcalóide. A mesma droga é empregada como medicação curativa da malária.

Doença do sono — E' o segundo inimigo público do Congo Belga. Mais de metade do território congolês se acha na área de infestação do tsê-tsê. Nos últimos 20 anos, meio milhão de pessôas vitimadas pelo triponossoma, foram tratadas pelas equipes itinerantes de combate à doença do sono. O Congo acha-se no centro da área continental invadida pela glossina e uma das zonas mais comprometidas é a das plantas, gomíferas silvestres. Durante a guerra muitos indígenas que se ocuparam da extração de latex foram atin-

gidos pela tsê-tsê e atacados da doença do sono. O govêrno colonial criou uma "Comissão Permanente da Triponossomiase", para supervisionar o combate à triponossomiase no país. Essa entidade tem sede em Leopoldoville.

Moléstias venéreas, lepra e tuberculose pulmonar — As "doenças do sexo" têm se disseminado de tal forma entre os indígenas, que os responsáveis pela saúde pública consideram-nas uma endemia apenas superada em extensão e gravidade pela malária. A incompreensão dos nativos relativamente à necessidade do tratamento curativo e prática de medidas profiláticas, representa obstáculo quase invencível ao combate às enfermidades. Os grandes focos de irradiação das doenças são as concentrações humanas ao redor das minas e nas "cidades nativas", próximas aos maiores centros do país. A população de mineiros, a princípio composta só de varões, acaba por condensar-se, reunindo mulheres, crianças. Tôda essa gente perde contacto com a própria tríbo, e vai adquirindo costumes dos brancos e também suas doenças. As moléstias venereas, tuberculose pulmonar e a desintegração cultural e suas conseqüências, da legião de prêtos que aumenta diàriamente ao redor das minas, são o preço que a sociedade prêta do Congo está pagando à indústria extrativa mineira, fruto de ambição dos capitães da indústria belga.

A lepra é das doenças de maior incidência social no Congo e, em gravidade, vem logo depois das moléstias venéreas. Embora as estatísticas oficiais só registrem uma população anseneana de 60.000 pessôas, outras fontes mencionam números alarmantes. Segundo Le Congo d'Aujourd'hui, Désiré Denuit, Colection Nationale, Bruxelles, 1948, os leprosos congolêses representam mais de 14% da população total do país e, nesse caso, seriam aproximadamente 1.400.000. Número de estarrecer!

A tuberculose pulmonar se manifesta com intensidade entre os indígenas. E' outra das grandes doenças de caráter social e de difícil combate em uma população de subnutridos como a do Congo.

Moléstias tropicais diversas — A desinteria amebiana, as helmintiosis, a biliarziose, a filariose (elefantiases), doenças do aparelho digestivo e os desequilíbrios mentais, tão freqüentes no país, aliados a uma mortalidade infantil de 50 a 60%, completam o tétrico quadro patológico da população prêta do Congo Belga. O govêrno colonial vem lutando contra êsses males mas, quase inglorièsamente, tal a vastidão da tarefa e as dificuldades de tôda ordem que se antepõem ao combate. Um dêles é o pouco valor que o próprio indígena se atribui, menosprezando a assistência médica e sanitária, outro é a falta de atrativos que a prática da medicina na colônia africana representa à juventude médica belga, mesmo ante os altos ordenados pagos pelo govêrno. Em 1947 a equipe de médicos, dentistas e farmacêuticos do Congo era, respectivamente, de 377, 18 e 27 profissionais. Havia ainda 384 "agentes sanitários" para atender uma população de mais de 12.000.000 de pessôas, inclusive Ruanda Urundi.

6.3 — *Situação político-administrativa*

6.3.1 — *História e situação política*

A história do Congo, como a da África ao sul do Equador, está ligada à das grandes descobertas portuguêsas dos séculos XV e XVI, que tanto enobreceram a gente lusa. A descoberta do Reino do Congo é anterior à do

FIGURA 27:
Aspectos do Congo Belga: "A" indígenas da região de Goma, ao fundo cratera do extinto vulcão transformada em lago, rodovia Quiseni-Costermansvile, Província de Quivu, 30-6-50; "B" vulcanismo, extenso lençol de lava derramada por crateras abertas no res do chão, no primeiro plano material vulcânico de 10 anos vegetado, ao fundo volumoso derrame de 1948, a estrada fôra interrompida e se reabrira em meio ao magma resfriado havia 6 meses, região de Goma, rodovia Quiseni-Costermansvile, Província de Quivu, 30-6-50; "C" grosso lençol de lava de 2 anos, rodovia Quiseni-Costermansvile, região de Goma, Província de Quivu, 30-6-50; "D" mercadores da Costa do Marfim, Elisabetevile, Província de Catanga, 15-6-50.

Brasil quase duas décadas. Foi Diogo Cão, navegador português, que em 1483, em demanda do sul, fundeou no estuário do Zaire com suas caravelas. Os nativos da costa deram-lhe a notícia da existência de um reino indígena, à margem esquerda do grande rio, cuja côrte ficava para o interior. Em 1484, navegando novamente para o sul, Diogo Cão subiu o rio até as primeiras corredeiras e ali estabeleceu contacto com o imperador Manicongo, que recebeu festivamente o hóspede em sua *banza* em meio a côrte. De regresso a Portugal, Diogo Cão levou um embaixador do potenteado indígena com a missão de pedir a D. João II o envio de evangelizadores, missão coroada de todo êxito, porque estava nos planos do monarca luso a cristianização dos povos africanos. Desde então prosseguiram amistosas as relações entre Portugal e o reinado do Congo, prestigiados pelos sucessivos monarcas lusos e congoleses. A cristianização prosseguia, fazendo progressos auspiciosos, a par de um comércio quase destituído de significação, quando se iniciou o desenvolvimento econômico do Brasil, através da indústria açucareira, por meio do braço escravo. Os ancoradouros do Zaire, de um momento para outro, assumiram desusada importância como entrepostos de escravos. Simultâneamente a cristianização passou a plano secundário, cedendo ao comércio negreiro a primasia do interêsse português àquela parte da costa d'África. O rendoso comércio escravagista prosseguia, sob a forma de monopólio português, até por volta de 1600, quando outras nações européias, também interessadas em desenvolver possessões ultramarinas, sobretudo a França e Holanda, voltaram suas vistas para o rico mercado congolês de negros. Datam daí as primeiras divergências entre Portugal e o reinado do Congo, cujo Imperador passou a dispensar boa acolhida aos suditos de outras potencias européias. Na metrópole lusa o fato era encarado como infidelidade, considerada a amizade e o secular apoio português aos sucessivos monarcas congolêses.

Após uma sucessão de acontecimentos políticos entre nações européias em que se viram envolvidas terras d'África e colônias americanas, os holandêses, após se apossarem do nordeste brasileiro, ocuparam Luanda, capital de Angola em 1641, a êsse tempo já sob a condição de colônia lusa. Os subordinados de Maurício de Nassau aliados a Garcia II, rei do Congo e rainha Ginca, potentada congolêsa, venceram os portuguêses, que tiveram de se refugiar pela sua inferioridade de fôrças. Coube a Salvador Corrêa de Sá Benevides, carioca, a missão de restaurar Angola para Portugal, partindo com uma expedição do Rio de Janeiro em 1648. Aqui a história do Brasil, já ligada à do Congo pelo tráfico negreiro, se reforça pelos feitos das armas: reconquista de Angola, pela expedição brasileira comandada por Corrêa de Sá, seguida da derrota e submissão do rei do Congo à amizade do soberano português. Posteriormente, André Vidal de Negreiros, também brasileiro do norte, vencedor dos holandêses em Guararapes, feito governador de Angola teve de submeter os congolêses sublevados. Vencida a interferência holandêsa, francêses e inglêses prosseguem na disputa pelo Congo, até fins do século XVIII, quando Portugal não conseguiu mais manter sua soberania sôbre aquela parte da África atlântica.

A história do Congo Belga principia por volta de 1860, quando Leopoldo II, rei da Bélgica, preocupado com a pequenês do seu reino e antevendo a necessidade de um território ultramarino, como fonte vital de matéria prima à nascente indústria belga, volta suas atenções para as penetrações dos

grandes exploradores europeus que, àquêle tempo, empolgavam o mundo civilizado com seus feitos. Logo após Stanlei haver realizado a épica travessia do Continente Negro e revelado ao mundo as nascentes, o curso e as riquezas fabulosas da bacia do grande rio Congo ou Zaire, Leopoldo II confiou-lhe a chefia do Comité de Estudos do Alto Congo. Um ano antes, o rei belga, após haver convocado uma conferência para estudos geográficos da África, constituiu uma Associação Internacional Africana. Portugal não deixou de reclamar seus direitos sôbre o Congo, mas Leopoldo II, hábil político e fiel ao proposito deliberado de conseguir a soberania sôbre o ambicionado pedaço d'África, conseguiu o apoio da França e Alemanha aos seus propósitos. Ainda por influência de Leopoldo II, Bismarque convocou a Conferência de Berlim, na qual foi proclamada a existência de um Estado do Congo, cuja soberania foi aceita pelo rei belga. Numerosas expedições foram mandadas ao Congo custeadas pela fortuna particular de Leopoldo II, chegando aquêle soberano, certo momento, às portas da falência financeira pelo acúmulo das despesas. Em 1885, ainda por iniciativa de Leopoldo II, foi criado o Estado Independente do Congo, mera feitoria comercial e propriedade quase privada daquele soberano. Em 1907 Leopoldo II abre mão do Congo à Bélgica, transformando-o em colônia do seu país, mediante uma compensação à sua família e a uma retribuição financeira anual à sua pessôa. Em 1909 o disputado território foi reconhecido como Congo Belga por tôdas as nações, com exceção da Grã-Bretanha.

O Congo Belga é governado por um Governador Geral, que se rege por um Estatuto ou Carta Colonial, promulgada em 1908. Êsse instrumento confere à colônia personalidade própria, e a faculdade de elaborar leis e orçamentos distintos dos da metrópole.

6.3.2 — *Divisão administrativa*

A divisão territorial do Congo Belga pouco difere da maioria das colônias africanas. O país se divide em 6 províncias, 17 distritos e 126 territórios. A divisão em províncias e distritos é a seguinte:

Províncias	*Capitais*	*Distritos*
Leopoldovile	Leopoldovile	Baixo Congo Quivango Lago Leopoldo II Médio Congo
Equador	Coquilhatevile	Congo-Ubangui Tchuapa
Oriental	Stanleivile	Quibale-Ituri Stanleivile Uele

Quivú	Costermansvile	Quivú Maniema
Catanga	Elisabetevile	Alto Catanga Lualaba Tanganica
Cassai	Lusambo	Cabinda Cassai Sancuru

Os territórios de Ruanda e Urundi, pertencentes à antiga África Germànica Ocidental, hoje incorporados ao Congo Belga, funcionam como províncias dêste país e Usumbura é sua capital. Os territórios acham-se divididos em duas "residências" administrativas: a de Ruanda com sede em Quigali e a de Urundi em Quitenga. As duas residências se subdividem em 15 distritos.

(6.4 — *População* — a seguir)

NO MEIO TÊRMO ESTÁ A VIRTUDE

J. BEMELMANS
Engenheiro Agrônomo

Num artigo anterior (2) sôbre o custo do estêrco artificial demonstramos ser êste e outros adubos orgânicos proporcionalmente mais caros do que os adubos químicos quando se considera apenas o teor em elementos nutritivos (quadro VI do referido artigo).

Êste fato poderia sugerir a idéia da conveniência econômica em não usar adubos orgânicos, dando preferência aos adubos químicos. Nada mais contrário à realidade. Já se dizia no século passado ser o estêrco "um mal necessário", mal no sentido econômico do custo, mas necessário pelos seus efeitos de condicionador ou melhorador do solo.

O professor R. Chaminade, do Laboratório de Pesquisas Hortícolas de Versailles é um grande estudioso das influências do húmus sôbre a nutrição dos vegetais, e chegou às seguintes conclusões em 1952 (3).

"Os ensaios em soluções nutritivas e no terreno chegam à conclusão de uma ação estimulante geral do húmus sôbre a nutrição *mineral* dos vegetais.

"Em um solo dado, a presença de húmus permite à planta assegurar sua nutrição mineral com soluções mais diluidas.

"O desaparecimento do húmus de um solo provoca pois a queda do potencial de fertilidade desse solo.

"Aliás quando a ação estimulante do húmus atua num solo, isto se traduz por um aumento da exportação de elementos minerais daquele solo, que deverão sempre ser restituídos por uma adubação mineral adequada.

"Aparece aqui a ligação entre a adubação orgânica e a adubação mineral, a primeira necessária para manter o nível de produtividade do solo, e a segunda assegurando a conservação das reservas do solo pela restituição dos elementos exportados.

"As duas adubações se completam uma a outra".

Convém lembrar que matéria orgânica (palha, restos de culturas, plantas cultivadas para adubação verde, etc.) não é húmus. Êste deriva daquela pela decomposição pelas bactérias aeróbias (exigindo ar para viver) e pelos fungos; processo vulgarmente chamado de fermentação da massa orgânica, como acontece para o estêrco natural e o estêrco artificial ou composto.

As turfas por exemplo, não são formadas de húmus mas sim de matéria orgânica acumulada em meio anaeróbio (isento de ar), geralmente debaixo dágua, matérias que vão se enriquecendo em carbono, o que as torna pretas.
Elas não contêm os micróbios úteis ao solo, um dos motivos pelos quais o aproveitamento de solos turfosos constitue um problema agrícola especializado.

Húmus é, na definição do Professor Chaminade, (4) "matéria orgânica coloidal". Suas propriedades podem ser resumidas como segue:

1) Devido ao seu estado coloidal,

aglutina as partículas da terra, opondo-se à erosão
— tornando mais porosos os solos compactos,
— aumentando a coesão dos solos leves;

2) Favorece o aquecimento da terra,
3) Aumenta a capacidade de armazenamento de água do solo;
4) Facilita o arejamento do solo;
5) Estimula a proliferação dos micro-organismos;
6) Fornece o gás carbônico necessário à solubilização dos alimentos das plantas;
7) Retem por absorção, os alimentos das plantas, evitando seu arrasto pelas águas.

Os quatro primeiros itens são também propriedades dos "acondicionadores" do solo tais como os plásticos: Krilium, Acri Soil, Aerotil, Agrilon, Fluffium, Terra Kern, Soilife, Poly-Ack, etc. Estes acondicionadores aplicados sòzinhos, não têm aumentado as produções, geralmente.

E' pois a prova que o melhoramento físico do solo por sí só não melhora a produção, mas melhora e muito, a retenção de água e a assimilação pelos vegetais dos adubos químicos e dos sais minerais dissolvidos pela ação indireta do húmus (pela água carregada de gás carbônico, pela atuação dos micróbios etc.).

A composição em si do húmus, ou melhor dos adubos orgânicos, pouca influência direta exerce sôbre o aumento da produção.

A título de informação damos uma:

MÉDIA APROXIMADA DAS GRANDES CLASSES DE ADUBOS ORGÂNICOS.

	H20	*Mat. org.*	*N*	*P205*	*K20*	*Total dos elementos*
Estêrcos sólidos ...	75	20	0,5	0,2	0,5	1,2
Dejeções líquidas .	97	2	0,6	0,1	0,2	0,9
Serrapilheira	80	17	0,6	0,05	0,07	0,72
Palhas cereais	14	80	0,5	0,2	1,0	1,7
Tortas oleaginosas .	11	85	5,0	1,5	1,5	8,0
Capins verdes	80	15	0,5	0,1	0,5	1,1
Capins sêcos	20	75	2,0	0,4	2,0	4,4
mínimo exigido por lei, em uma mistura comercial:						18,—

Reforçando ainda o pouco efeito direto do húmus como fertilizante, e mesmo sua inutilidade para a planta (embora seja indispensável para o solo) lembramos as culturas "em soluções nutritivas" ou aquiculturas (1,5 a 9) feitas em muitas estações experimentais, e onde não entre húmus.

Conclusões:

O húmus, ou a matéria orgânica são indispensáveis para a boa estrutura do solo, permitindo assim vida mais intensa da planta. Nestas condições, a cultura pode aproveitar, e requer, elementos nutritivos (adubos químicos) em quantidades suficientes para o aumento possível das colheitas devido à vida mais intensa da planta.

A adubação química é indispensável para fornecer os elementos (ou alimentos) necessários à formação de colheitas compensadoras (maior produção por hectare).

A adubação orgânica é indispensável por proporcionar ao solo, a estrutura necessária para obter colheitas econômicas, isto é compensadoras, por hectare.

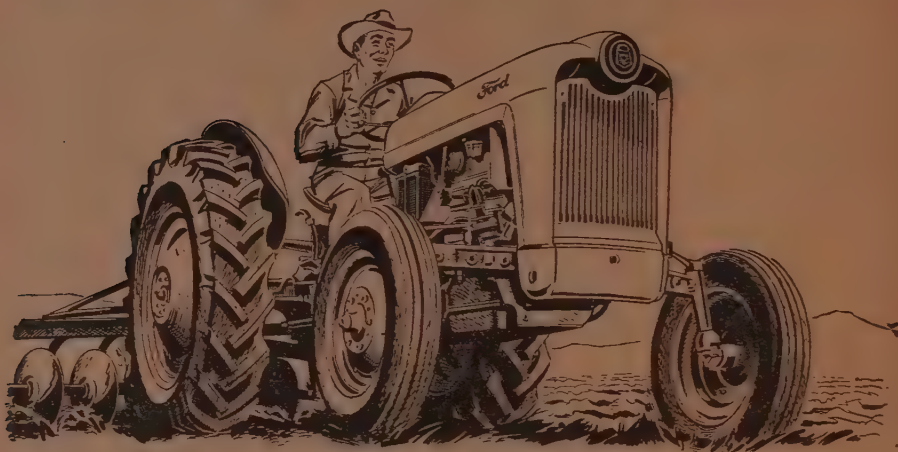
Uma completa a outra, uma é indispensável à outra para obter o rendimento econômico máximo de qualquer delas. Quando usada sòzinha, qualquer uma das adubações típicas é cara (sob o ponto de vista econômico), porque não proporciona o máximo de rendimento que é capaz de proporcionar em conjunto.

Considerando terras cultivadas já um certo número de anos, não devemos utilizar só adubação orgânica, ou só adubação química, pois no meio têrmo está a virtude.

Bibliografia

1. AVILA, Carlos e JULIAN, Jacinto: Cultivos sem terra — A FAZENDA, ano 49 n.o 3, New York, março 1954: 40-42.
2. BEMELMANS, J.: Estêrco artificial (composto) — Custo e Valor; Boletim da Superintendência dos Serviços do Café, n.o 324, São Paulo, fevereiro de 1954. — 32-37.
3. CHAMINADE, R.: Influence de l'humus sur la nutrition minérale des Végétaux — Annales de l'Institut National de Recherches Agronomiques, Paris 3e Année, n.o 1, Janvier-Février 1952: 95-104.
4. CHAMINADE, R.: Cours de Science du Sol, professado em Recife em 1953 — Datilografado.
5. A FAZENDA: Um gigantesco pé de fumo cultivado num solo artificial. A Fazenda Ano 32 n.o 6 — New York Junho de 1937: 206.
6. A FAZENDA: Geopónia na Feira Mundial de Nova York, ano 34 n.o 7 New York Julho de 1939: 230.
7. GERICKE, W. F. e TAVERNETT, J. R.: A Produção de tomates num meio artificial — sem terra. A Fazenda, ano 31 n.o 9 New York Setembro de 1936: 260-261.
8. HOAGLAND, D. R. e ARNON, O. L.: A cultura de plantas sem terra — em água tratada chimicamente — A Fazenda ano 33 n.o 11, New York Novembro 1938: 380-383.
9. STANER, P.: La culture des plantes dans l'eau — Bulletin Agricole du Congo Belge, Vol. XXXI n.o 1-4, Bruxelles, année 1940: 116-123 — com 19 referências bibliográficas.

apresenta

NOVO E APERFEIÇOADO MODÊLO

Feito para render mais... sob as condições brasileiras!

Aqui está o Novo Trator Ford! Além de importantes aperfeiçoamentos, traz aquela sua tradicional facilidade de manêjo... e aquela sua grande estabilidade! "Agarra firme" em qualquer terreno!

E para sua segurança...

Assistência permanente – em todo o país!

Com êstes aperfeiçoamentos, o trator FORD rende mais que qualquer outro!

Motor "Tigre Vermelho"! Com maior potência! É mais econômico, graças ao curso reduzido dos pistões.

Novo Sistema Hidráulico! Mais rápido, maior capacidade, velocidade regulável. Funciona mesmo com o trator embreado.

"Controlador de Serviço"! Para rendimento máximo. Registra horas de trabalho, rotações da polia, tomada de fôrça etc.

PNEUS MAIORES! 11.00 x 28 traseiros e 5.50 x 16 dianteiros, possibilitando maior aderência e tração

FORD MOTOR COMPANY – São Paulo

Resumos e Transcrições

Luz que orienta
Ao cruzar os ceus, ou palmilhando as ruas, os paulistas voltam o olhar para a luz que brilha no alto do Edifício do Banco do Estado, buscando localizar o centro da paulicéia. Coroando o magestoso bloco de cimento armado, a luz do Banco do Estado simboliza muito mais que simples ponto de referência. Significa a solidez de um estabelecimento de crédito, que há dezenas de anos fomenta o desenvolvimento da Indústria e do Comércio. A excelência de sua perfeita organização bancária, a rapidez com que se atende os correntistas, fazem aumentar dia a dia, a preferência geral pelo Banco do Estado de São Paulo.
• Depósitos
• Empréstimos
• Descontos
• Câmbio
• Cobranças
• Transferências
• Títulos
• Cofres de Aluguel
Agências em cidades do interior
Correspondentes nas principais praças do exterior
BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S.A.
CAPITAL REALIZADO:
Cr.$ 100.000.000,00
BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO

UM EMPREENDIMENTO REVOLUCIONÁRIO

ASSIS CHATEAUBRIAND

Uma das leituras, que trouxe de São Paulo, para fazer aqui a bordo é a do relatório de 18 deste mês da "Cambuhy Coffee and Cotton Estates Limited".

Essa companhia cafeeira e algodoeira não pode ser desconhecida aos leitores do "O Jornal" e os dos "Diários Associados". Faz perto de 30 anos tinhamos ensejo de publicar o cheque de meio milhão de libras, que Nhonhô Magalhães recebeu pela sua venda. Quem a abriu e valorizou, graças ao poder do seu robusto espírito de emprêsa de bandeirante de velha têmpera, foi Carlos Leoncio de Magalhães. Êsse, era o nome civil do esplêndido desbravador. De guerra, no sertão da Araraquarense como nos circulos da Sociedade Rural, no Triângulo paulista, era o outro, o Nhonhô Magalhães impetuoso, cheio de verve, de pitoresco e de vigor intelectual, que todos conhecemos e admiramos. Morto com pouco mais de 55 anos, ele deixou uma escola de vassalos do Rei Negro, que se tivesse sido acompanhada (a começar dos filhos), São Paulo não estaria na triste decadência cafeeira em que vive ele hoje mergulhado.

E' de cortar o coração da gente de nos acabrunhar a existência inteira pensar que, na terra roxa do café, em São Paulo, hoje se plantam cana de açúcar e cereais. Até onde irá essa ignominia?

Quem responde ao pessimismo dos paulistas sem têmpera de bandeirantes, sem poder de vontade, sem confiança nas suas glebas cafeeiras, é o relatório dos ingleses e brasileiros da "Cambuhy Coffee", que sucederam a Carlos Leôncio de Magalhães, em Cambuhy. Tendo comprado 1.750 mil árvores, os sucessores de Nhonhô Magalhães, em Cambuhy, alí plantaram tantos novos pés, que hoje atingem a 5 milhões, 526 mil. E' a maior fazenda cafeeira do mundo. As ações da emprêsa pertencem hoje 40% ao mesmo grupo inglês do velho Green, da Brazilian Warrants, e 60% ao grupo brasileiro do qual fazem parte os irmãos Soares Sampaio, o sr. Machado Coelho e o grupo Moreira Salles.

Introduziu a geração brasileira que tomou o contrôle do negócio, há cinco anos, um espírito de ambição construtiva, que emociona, quando se vê a deserção dos paulistas do seu tradicional solo cafeeiro.

Já foram instalados, desde o fim de 1952, equipamentos de irrigação que cobrem 247 mil árvores. No ano em curso, a Companhia conta haver concluido as instalações para irrigar mais 238.900 árvores. E o ritmo é cada vez mais acelerado, para oferecer cobertura aquática a todo o gigantesco parque de café do Cambuhy e das outras duas fazendas somando 2 milhões de pés, que o grupo tem na Paulista e na Noroeste.

Mas não está sendo só uma irrigação racional, bem cuidada, que permite esperar colheitas abundantes e seguras do vasto empreendimento da Ara-

raquarense. A água profusa não basta às árvores, quando o inverno desaparece. Planta exaustiva, por excelência, o café reclama adubação. A terra onde ele medra pede fertilizantes orgànicos e químicos, que começam a aparecer, a fim de que o solo conserve a sua frescura e a sua virgindade. Terra sem adubo vira carcassa.

O relatório de 1953 da "Cambuhy" diz no final do capítulo "General": "Não há a menor dúvida de que a irrigação, como a aplicação científica de fertilizantes são, absolutamente, necessárias, se desejarmos conservar as plantações".

Ajunte-se a este largo e inteligente panorama de trabalho a presença do "I. B. E. C. Research Institute" — a obra de Nelson Rockfeller —, com um pelotão agressivo, dentro de Cambuhy, para indicar as novas técnicas de defesa do solo e seu melhor aproveitamento, com sementes de alto valor reprodutivo, suscetíveis de aumentar o volume das colheitas e baixar os custos da produção.

E' todo um maravilhoso empreendimento revolucionário o que a feliz associação de um grupo de ingleses e brasileiros está realizando na Araraquarense, nas terras de Cambuhy.

(Do "O Jornal — Rio, 29-12-1953).

"Uns plantam a semente de couve para o prato de amanhã, outros a semente do carvalho para o abrigo do futuro. Aqueles cavam para si mesmos. Estes lavram para o seu país, para felicidade dos seus descendentes, para o benefício do gênero humano".

Ruy Barbosa

OS FUNDOS DE PESQUISAS COMO INSTRUMENTOS DE EXPANSÃO ECONÔMICA

LUSO VENTURA

A prosperidade econômica de um povo só se processa mediante o desenvolvimento seguro de sua agricultura. Sem base sólida nas atividades da terra, que é fonte de tôda matéria prima, nenhum país consegue emancipar-se de maneira integral, visto que as suas indústrias serão sempre dependentes de outras nações que lhe supram a deficiência básica. Atividade fundamental no campo da economia, a agricultura se erige como fôrça de vanguarda no surto da industrialização. Daí promana a necessidade de se lhe dar, por qualquer preço, estrutura racional e científica, de molde a poder acompanhar as linhas ascendentes do progresso humano. Para que essa evolução não padeça solução de continuidade, é dever imperativo dos homens de responsabilidade pública dar à agricultura os recursos que ela exige a fim de crescer e ampliar-se como viga mestra de um sistema de economia. Agricultura extática é agricultura morta. Num estágio de civilização em que os conhecimentos técnicos se sobrepõem a todos os demais, como expressão mesma da necessidade que tem o homem de lutar pela sua sobrevivência aumentando os bens de consumo, a agricultura há de procurar, incansàvelmente, novos rumos às suas práticas. E êsses rumos ela os tem nas mãos da ciência, que lhe oferece todos os meios para desempenhar o seu legítimo papel nos quadros da civilização moderna. Agricultura retrógrada, sem energias para fugir às imposições da rotina, de olhos fechados às últimas conquistas que lhe conferem os cientistas, é e será sempre manifestação de incúria a contribuir para o crescente pauperismo das populações dos campos e das cidades. Com o avultamento do trabalho humano, que deflui primordialmente dos baixos níveis de produção, virá o cortejo de males que asfixia qualquer povo.

A técnica, como consequência das pesquisas científicas, possui recursos para tornar a agricultura uma fôrça viva e atuante, negação de tudo quanto exista de apêgo ao mesmismo da rotina e do obsoleto. Mecanização das lavouras, intransigente política de defesa do solo, investigações sôbre novas variedades vegetais, seleção de sementes, estudos genéticos para melhoria das plantas, recuperação da terra pela adubação racional, aplicação inteligente de inseticidas para combate a pragas e moléstias, observações climatológicas destinadas a orientar a racional distribuição das culturas, intercâmbio entre instituições científicas identificadas pelo objetivo comum do progresso agrícola — são capítulos de um vasto programa de uma agricultura que se não incompatibilize, pelo atraso, com a enorme soma dos recursos científicos de exploração econômica da terra.

A Conferência das Classes Produtoras, realizada em Araxá em 1949, teve uma ampla visão dos problemas agrários do Brasil ao perfilhar uma tese da Sociedade Paulista de Agronomia, pela qual se preconizava a instalação, neste país, dos Fundos de Pesquisas — órgãos destinados a incentivar, como o nome indica, investigações técnicas no setor da agricultura. Somos um povo realmente pobre no que tange ao número de associações científicas. Enquanto outras nações, desprovidas dos recursos naturais que possuímos, mantêm imensos laboratórios e equipes de técnicos para os trabalhos de pesquisas e experimentações agrárias, nós aqui apenas dispomos de uns poucos institutos de tal natureza, mantidos, invariàvelmente, com os recursos financeiros do poder público. A Inglaterra, sábia e tradicionalista, possui um estabelecimento científico de investigações agrícolas universalmente conhecido: Rothamstedt, fundação de Lawes e Gilbert no século passado. Estados, Unidos, Suécia e muitos outros países dispõem, igualmente, de sociedades análogas. E tôdas elas, sem exceção, vivem do amparo de particulares — homens de negócios, firmas comerciais e emprêsas industriais que têm interêsse e empenho em fomentar os trabalhos de pesquisas no âmbito da agricultura.

Preocupados com os problemas econômicos do país, entre os quais se incluía o do fomento da produção agrícola, os membros daquele importante conclave — Conferência das Classes Produtoras em Araxá — lançaram à consciência do país uma lúcida mensagem em que ressaltaram a instante necessidade de se instalar, em nosso meio, os institutos de investigação básica. Para alcançar os seus objetivos, a Conferência proclamava no importante documento:

> "Para ampliar e tornar mais eficientes a pesquisa e a experimentação agronômica é preciso libertá-la das peias burocráticas, é preciso que se disponha de amplos laboratórios, aperfeiçoar os seus técnicos, contratar especialistas e promover o mais amplo intercâmbio possível entre instituições congêneres nacionais e estrangeiras. Para atingir êsse desiderato, propomos sejam criados os "Fundos de Pesquisas" nos estabelecimentos de investigações agronômicas do país, que serão constituídos, de preferência, por doações particulares, isto é, fornecidos pelas entidades representativas da lavoura, da indústria e do comércio, e, ainda, pelas estradas de ferro, tôdas direta ou indiretamente interessadas na produção agrícola. Deverão igualmente receber doações oficiais dos governos da União e dos respectivos Estados, além de se encaminhar, para tais Fundos, as rendas dos respectivos estabelecimentos".

Atendendo às recomendações da Conferência das Classes Produtoras, em Araxá, o govêrno do Estado houve por bem criar, em 27 de julho de 1950, por disposições do decreto n.o 19.594, o Fundo de Pesquisas que está funcionando junto ao Instituto Agronômico de Campinas, e que vem suprindo muitas deficiências do nosso sistema de pesquisas científica no campo da agronomia. Foram criados, posteriormente, os Fundos de Pesquisas do Instituto Biológico, em São Paulo e, em Minas, do Instituto Agronômico de Belo Horizonte.

Iniciativa bem acolhida, os Fundos receberam desde logo decidido apôio de muitas entidades. Para o Fundo do Agronômico de Campinas foram encaminhadas doações de vulto, conforme a breve e resumida enumeração que aqui vai: Govêrno do Estado de São Paulo, Instituto Brasileiro do Café, Bôlsa

de Mercadorias do Estado de São Paulo, Conselho Nacional de Pesquisas, Fundação Rockefeller, Associação Comercial de Santos, Standard Oil, Moinho Santista S. A., Cia. Química Rhódia Brasileira S. A., Refinação de Milho S. A., I.B.E.C., Cooperativa de Cotia, Shel Mex, Serrana S. A., Indústria Quimbrasil, Dierberger S. A., Anderson Clayton & Cia., Manah S. A., Firestone S. A. e Tecelagem Paraíba S. A. Entre particulares, o apêlo da Conferência das Classes Produtoras também encontrou ressonância. Figuraram entre os doadores do "Fundo de Pesquisas" os srs. Ricardo Lunardelli, Celso C. Correia Ferraz, Irmãos Carneiro, L. F. Faria, Antônio Bento Ferraz e Max Wirth — saudoso homem de negócios que, integrado na vida brasileira, aqui encontrou campo para dar amplitude as realizações do seu espírito empreendedor.

Correspondendo à manifestação de confiança que lhe foi votada pelas classes produtoras, o Fundo de Pesquisas do Instituto Agronômico de Campinas, cujo funcionamento efetivo começou em 1951, tem realizado importantíssimas investigações sôbre nematologia, estatística e microbiologia. Participaram dêsses trabalhos, além dos técnicos do estabelecimento, cientistas de outros países, entre os quais incluem-se os drs. Gothold Steiner, dos Estados Unidos e Frank Yates, da Inglaterra. O dr. Luís Bramão, de Portugal, foi contratado para supervisionar a construção de aparelhos destinados à análise térmico-diferencial de argilas, empreendimento de particular interêsse para a indústria ceramista do país.

Destacado relêvo merecem outros trabalhos amparados pelo Fundo: estudos de movimentação de elementos nutritivos do solo, aclimatação de seringueiras no litoral paulista, aquisição, nos Estados Unidos, de material destinado a experiências de irrigação do café, pesquisas de industrialização e melhoramento da soja, e experimentos destinados à melhoria do trigo e de plantas produtoras de óleos essenciais. Ao dr. J. S. de Vries, técnico holandês, incumbiu o "Fundo" a tarefa de promover, nas melhores regiões do Estado, pesquisas vinculadas à produção do chá. Problemas ligados à irrigação por aspersão mereceram, igualmente, cuidados especiais do Fundo de Pesquisas. Visando ao desenvolvimento das observações climatológicas em nosso Estado, o Fundo forneceu recursos financeiros para a aquisição de parte do equipamento especializado. Graças a êsses mesmos recursos, pôde o Instituto fazer-se representar, por intermédio dos seus técnicos, em vários congressos internacionais, promover a introdução de plantas de novas culturas e intensificar a aquisição de saparatas e publicações científicas.

Percebe-se fàcilmente o relevante papel que os Fundos de Pesquisas estão destinados a exercer como instrumento da expansão econômica do país. Todo apôio que lhes fôr dado será um apôio de índole cívica e patriótica, com reflexos positivos no engrandecimento econômico da Nação e no bem-estar das populações brasileiras.

Entidades agrícolas, comerciais e industriais que forneçam recursos financeiros aos Fundos de Pesquisas não estarão apenas contribuindo, de maneira positiva e inteligente, para o desenvolvimento da nacionalidade nos seus setores de trabalho e produção. Tais contribuições irão produzir fartas recompensas aos próprios doadores, que as receberão de retôrno em forma de pesquisas científicas que só beneficiarão aquêles que as estimularem. Dar amparo aos Fundos constitui, conseqüentemente, prova manifesta de visão e descortino dos que operam no campo da agricultura, da indústria e do comércio.

O CAFÉ E A AVICULTURA

O alto nível de preço que vem alcançando a rubiácea nestes últimos 3 anos, permite ao lavrador restaurar seus decadentes cafèzais — E, sendo a adubação uma das principais, sinão a mais importante prática restauradora, têm os fertilizantes, lògicamente, sua demanda aumentada. Dos adubos orgànicos, o estêrço de galinha reúne qualidades que o colocam em situação previlegiada. Daí, as sucessivas instalações de granjas avícolas que se notam em propriedades cafeeiras. Parece que uma nova modalidade de exploração vem sendo usada pelos cafeicultores. Consiste em montar um aviário e dá-lo a terceiro para explorá-lo, recebendo como pagamento apenas o estêrco.

Como se trata de uma prática que poderá tomar um razoável incremento entre nós, pois trata-se sem dúvida, de vantajoso empreendimento, analisemo-la sob o ponto de vista econômico, a fim de verificarmos o custo dêsse fertilizante ao lavrador. De início, devemos estimar o custo de instalação de uma granja, no que concerne a benfeitorias, como sejam: galinheiros, cercados, casas de criação, pinteiro, comedouros etc. Técnicos desta Subdivisão procurando determinar a renda agrícola de granjas localizadas nos arredores da Capital, visitaram 8 propriedades localizadas nos arredores da Capital visitaram 8 propriedades no segundo semestre do ano passado, é essas propriedades, com um contingente de 13.500 aves possuiam um total de Cr$ 337.000,00 com aquelas benfeitorias, o que dá uma média de Cr$ 25,00 por cabeça — Hoje, todavia, segundo a opinião de firmas atuantes, o custo de instalação do tipo médio padrão é de Cr$ 45,00 por poedeira e o preço médio de pinto de 1 dia (fêmea) é de Cr$ 14,00.

Uma propriedade com 100.000 cafeeiros, cujo proprietário pretenda adubar metade dessa lavoura anualmente, com 1 quilo por pé, terá que dispender 50.000 quilos. Para isso terá que montar um aviário com capacidade para 2.780 poedeiras, partindo-se da produção média de 18 ks de estêrco por ave.

O gasto dêsse avicultor com a instalação, será o seguinte:

Benfeitoria (na base de Cr$ 45,00 por ave)	Cr$.	125.100,00
Compra de 3.336 pintos (20% de perda)	Cr$.	46.700,00
Total	Cr$.	171.800,00

A despesa anual do lavrador será:

Juros de 7% a.a. sôbre Cr$. 171.800,00	Cr$.	12.026,00
Depreciação anual do capital de instalação (1) ..	Cr$.	12.510,00
Renovação anual do rebanho (2)	Cr$.	15.595,00
Total	Cr$.	40.131,00

(1) — Admitindo-se uma duração média de 10 anos.
(2) — Renovação na base de 1/3 por ano.

O rebanho deverá produzir, segundo a produção média atrás admitida. 50.000 quilos de estêrco. Portanto, o custo de 1 tonelada do produto será (Cr$. 40.131,00 dividido por Cr$. 50,00).

A relação N — P — K — do estêrco de galinha é de mais ou menos 2,5 — 3,3 — 1,5 respectivamente — Vejamos uma mistura de adubos químicos com êsses mesmos elementos e na mesma proporção, quanto custa atualmente ao lavrador.

ADUBO	*ks. Para perfazer 2,5 de N; 3,3 de P; e 1,5 de K*	*Preço p/kg Cr$.*	*Total*
Superfosfato simples (20%)	16,5	2,55	42,00
Salitre do Chile (15%)	16,5	2,85	47,00
Cloreto de potássio (60%)	2,5	3,55	8,80
Total	35,5		97,80

Conclui-se, pois, que 100 quilos de adubo em estudo poderão substituir 35,5 da mistura acima, sendo que o preço dessa mistura Cr$ 97,80 é cêrca de 22% mais elevado.

Se nesse aspecto já é vantajoso o uso do estêrco de galinha, ainda mais significante é o seu emprêgo, tendo-se em conta os benefícios que èle levará ao solo, como elemento orgânico que é.

Pelo exposto, é de se esperar, portanto, um ponderavel crescimento da avicultura paulista, apesar do já espetacular que ela vem experimentando, até ao ponto que o suprimento de alimentos essenciais determinar o estacionamento dessa exploração.

(De "A Agricultura em São Paulo" — Boletim da Sub-Divisão de Economia Rural — Abril-1954).

MAIS BONIFICAÇÃO, ESTÍMULO A NOVAS CORRIDAS PARA O CAFÉ

Merece ser encorajada a atitude do ministro da Fazenda, que, segundo recente depoimento do sr. Marcos de Sousa Dantas, presidente do Banco do Brasil, não atenderá a solicitações inflacionistas, como seriam a liberação cambial ou o acréscimo de bonificação ao café. A liberação do câmbio, pura e simples, é pretensão de caráter utópico e demagógico, que nenhum govêrno de responsabilidade, nesta altura da vida econômica nacional e mundial, ousaria tomar. Um país em desenvolvimento, como o nosso, no meio de uma economia universal cheia de contrôles e ao mesmo tempo de ímpetos expansionistas, não poderia suportar um regime de taxas livres e teria as suas possibilidades de progresso agroindustrial ràpidamente estranguladas em face da competição de áreas econômicas mais fortes.

Quanto à bonificação para o café, o seu aumento seria apenas o início de uma nova série de concessões, que não melhoraria substancialmente a posição do cafeicultor e aceleraria o processo de inflação. Todos estão lembrados de que, após as geadas, quando se intensificou a campanha contra o chamado "confisco cambial", os líderes agrícolas consideravam "ótimo" um preço no interior entre Cr$ 1.500,00 e Cr$ 1.600,00. Por êsse motivo, recebeu-se com aplausos unânimes a Instrução 70, que facilitaria a consecução daquele ideal. Decorridos meses, e como consequência da nova política cambial do financiamento e da patente escassez da mercadorias, as cotações ultrapassaram o nível de Cr$ 2.000,00 e não será difícil prever que a próxima safra será comercializada em torno de Cr$ 2.500,00 no interior.

Até aqui, tudo foi relativamente bem porque se processou também a alta em dólares. E ela veio favorecer grandemente a nossa balança comercial, apressando a melhoria de nossas relações de troca. Entretanto, uma nova bonificação ao café, na base de 5 cruzeiros por dolar, provocaria aumento superior a Cr$ 500,00 por saca, se as cotações em moeda estrangeira não caissem, em virtude da excepcional posição estatística. Teríamos então a rubiácea a Cr$ 3.000,00 a saca, ou seja, quase três vezes o preço que vigorava há um ano, salvo se o preço em dolar caisse, o que então afetaria o nosso mal convalescente balanço de pagamentos.

Independente de considerar o que o preço de Cr$ 3.000,00 para o café significaria para o conjunto da economia nacional, com o estímulo a mais aventuras e a uma nova corrida geral de preços de mercadorias e serviços, basta prevermos o que sucederia no próprio setor cafeeiro: avanço espetacular sôbre as terras novas e extensão sem medida dos novos plantios. Se em 1953, depois das geadas e no meio das incertezas gerais, só o Paraná plantou de 40 a 50 milhões de pés (ou seja cerca de 20% sobre o

volume dos cafezais atualmente em produção), que se pode esperar do "rush" do café a Cr$ 3.000,00? Deve-se lembrar que, não fosse a geada, estariamos na iminência de anos de superprodução e já em 1954 teríamos aumentados os nossos estoques normais com as grandes safras paulistas e paranaenses, que somariam cêrca de 17 milhões de sacas. E o potencial cafeeiro já existente não se reduziu, apenas teve a sua plena eclosão adiada de duas ou três safras. Por que incrementar ainda mais a onde de plantios, já intensificada, e preparar para daqui a alguns anos uma situação insustentável para a nossa economia cafeeira, que nos faria voltar aos dias inquietos do começo do século ou mesmo à negra crise de 1929?

Não cabe aqui discutir argumentos jurídicos, como a inconstitucionalidade da diferença de tratamento para o café e outros produtos, na bonificação. O subsídio é facultativo, e compete ao poder subsidiador fixar os seus limites de acôrdo com o interesse geral. Mas o que interessa é que o café se exporta à vontade, na base da bonificação atual, o que não aconteceria com o algodão e outros produtos, que por esse motivo precisam de maior amparo.

Devem os lavradores interessar-se pela sorte dos lucros líquidos apurados na "conta de importação e exportação", gerada pelo regime de licitações de cambiais. O saldo dos ágios, pagas as bonificações e outras despesas, deveria ser aplicado racionalmente na melhoria de nossa agricultura, a fim de torná-la mais competitiva e menos partidária da tese suicida de "quanto mais baixo o câmbio, melhor". Mas querer absorver aqueles lucros em novas, desordenadas e intermináveis bonificações é fechar cada vez mais o caminho para nossas exportações agrícolas, tornando-as tão caras em cruzeiros que acabaremos, ou mantendo estoque invendáveis, ou obtendo por eles preços-ouro ínfimos, com grande dano para as nossas importações e os nossos compromissos no exterior.

Quanto ao preço do café, o problema que a nosso ver deve preocupar mais é a cotação atualmente em vigor, em virtude de seus já altos niveis. Como se acomodará a nossa cafeicultura à queda de preços quando se normalizar a situação estatística? Não seria mais interessante examinar a possibilidade de reter uma parte do preço desta época de escassez para integrar um fundo específico que no futuro se aplicasse na sustentação das cotações, sem o apelo a manobras cambiais, retenção e queima de mercadoria, abandono de cafèzais e outras medidas desesperadas e ruinosas?

(Da "Fôlha da Manhã", 17-3-54)

PREÇO MÍNIMO PARA O CAFÉ BENEFIADO

No dia 2 último, o presidente da República assinou decreto, que assegura preços mínimos ao café beneficiado no país, da safra 1953/54. E' o seguinte, na íntegra, o decreto:

"Art. 1.o — Fica assegurado ao café beneficiado do país, da safra de 1953/54, a garantia de preços mínimos, prevista na lei 1.506, de 19-12-1951, nas seguintes condições:

a) — Aquisição do produto pelo preço em cruzeiros equivalente a US$ 0,87 por libra peso para o tipo 4, da padronização oficial baixada pelo decreto n.o 27.173, de 14 de setembro de 1949, bebida estilo Santos, côr esverdeada, fava média para boa, seca e torração normais, acondicionado em sacaria nova, tipo exportação, FOB pôrto de Santos.

b) — 80% de ifnanciamento, na base do preço mínimo fixado na letra "a" deste artigo.

§ 1.o — Entende-se por safra 1953/54 a que teve início nos diversos Estados produtores de setembro a outubro de 1953, a ser embarcada para os portos nacionais de exportação a partir de 1.o de julho de 1954.

§ 2.o — Os ágios e os deságios dos diversos tipos de café da classe prevista na letra "a" deste artigo são os fixados pelas tabelas da Bolsa Oficial de Café e Mercadorias de Santos.

Art. 2.o — As bases de preços FOB, os ágios e deságios e as especificações para os demais tipos e qualidades de café do país serão baixados de acôrdo com o disposto no art. 5.o da lei n.o 1.506, de 19 de dezembro de 1951.

Art. 3.o — Fica autorizada a Comissão de Financiamento da Produção a adquirir de preferência dos lavradores, nos diversos Estados produtores, café em côco, ensacado, depositado em armazéns idôneos, a preços equivalentes aos fixados para o produto beneficiado. mediante instruções a serem baixadas pelo ministro de Estado dos Negócios da Fazenda, fornecidos para esse fim os necessários elementos pelo Instituto Brasileiro do Café.

Art. 4.o — O presente decreto será posto em execução pela forma estabelecida no artigo 5.o e seu parágrafo único, da lei n.o 1.506, de 19-12-51.

Art. 5.o — Este decreto entrará em vigor em 1.o de julho de 1954.

Art. 6.o — Revogam-se as disposições em contrário."

Nota: — O art. 5.o e seu § único, supra mencionado, da lei n. 1.506, de 19-12-51, estabelecem o seguinte: "Art 5.o — As operações mencionadas no art. 1.o desta lei serão executadas pela Comissão de Financiamento da Produção e seus órgãos nos têrmos do Decreto-lei n. 5.212, de 21-1-43, do Decreto-lei n. 11.868, de 20-2-43 e de instruções complementares que se fizerem necessárias, aprovadas pelo Ministro da Fazenda. § único — E' também o Ministério da Fazenda autorizado a contratar, com o Banco do Brasil, instituições de crédito públicas, particulares ou

organizações comerciais idôneas a execução das operações decorrentes da presente lei, pela forma e nas condições que estabelecer". — O art. 1.o da lei n. 1.506, de início acima citado, diz: "Art. 1.o — O Poder Executivo assegura, pelo Ministério da Fazenda, através da Comissão de Financiamento da Produção, preços mínimos aos cereais e outros gêneros de produção nacional, de preferência diretamente aos produtores, ou suas cooperativas, mediante as seguintes modalidades: a) aquisição do produto pelo preço estabelecido na forma do artigo 4.o, desta lei; b) financiamento de oitenta por cento desse preço." Por sua vez, reza o art. 4.o: — "Os preços para financiamento ou aquisições, nas diversas regiões do país, nos termos das letras "a" e "b" do art. 1.o, desta lei, serão determinados deduzindo-se das bases mencionadas no art. 3.o (os preços básicos mínimos serão afixados anualmente, em decreto do Poder Executivo), importâncias anualmente estabelecidas pela Comissão de Financiamento da Produção, para cobrir as despesas de impostos, taxas, direitos, fretes e outros ônus que incidirem sôbre a mercadoria, desde a localidade onde tiver de efetuar-se o financiamento ou aquisição até aos centros de consumo ou portos, FOB, escolhidos como referência para o cálculo dos citados preços."

Entrevistado ante-ôntem sobre a decretação do preço mínimo, o sr. Marcos de Souza Dantas, presidente do Banco do Brasil, declarou que o decreto não representa medida nova, tratando-se de dispositivo legal que vigora desde 1951 e do qual o govêrno se prevalece, todos os anos, nesta época, para assegurar preços mínimos à produção. Afirmou o sr. Souza Dantas que, relativamente ao café, o govêrno brasileiro não é nem altista, nem baixista, acrescentando que, no novo decreto, tomou por base de fixação de preço mínimo o preço que realmente, está em vigor. Salientou que a cotação atual, como é público e notório, resultou de fatôres naturais, como as geadas, que prejudicaram a safra do Paraná e parte de São Paulo, e as chuvas excessivas verificadas em maio último, criando uma situação estatística favorável para o café, única responsável pela elevação dos preços do produto. Por último, disse que o preço mínimo estabelecido corresponde à base hoje vigorante na Bolsa de Nova York.

(Do "Boletim da Associação Comercial de Santos", de 5-6-1954).

O café visto nos Estados Unidos

N. 879 *CARTA SEMANAL DO MERCADO* *7 de Maio de 1954*

SITUAÇÃO GERAL: Acentuou-se o otimismo na maior parte dos círculos financeiros dos Estados Unidos, tendo-se registrado alguma melhoria nas atividades econômicas durante a primeira semana de Maio. Os dados estatísticos mais recentes fortalecem a impressão, prevalecente no começo de Abril, de que o declínio, ou "reajustamento" que vem caracterizando a economia norte-americana desde o verão do ano passado, está agora chegando ao seu nível de estabilização. Os dados disponíveis sôbre a produção, a mão de obra e a procura dos consumidores, revelam nenhum ou quase nenhum declínio em seus "grandes totais". Os inventários baixaram em $14 bilhões, mas as vendas finais diminuiram menos da metade daquela soma. Em Abril. os norte-americanos ganharam e gastaram mais ou menos tanto quanto a média verificada em 1953.

Segundo os dados ora disponíveis, a produção industrial baixou 12% desde o verão passado, e êsse declínio está sendo sentido em certas indústrias, em partes do país, mas alguns observadores acham que o ponto máximo de declínio já foi alcançado. O uso do aço, por exemplo, parece que agora excede em 10% a produção. O Assessor Econômico do Presidente Eisenhower recentemente declarou que "foi laneado o fundamento de um novo avanço econômico".

Um dos aspectos interessantes da situação atual é a do mercado de valores. Fundos nas mãos dos investidores, que no momento querem valores com um alto índice de liquidação, e, naturalmente, propícios aos mais elevados ganhos, forçaram a alta dos preços dos valores de alta categoria. O número das transações no mercado da Bôlsa de Nova York foi de 2.000, ou mais. Ontem, pela 28.a vez neste ano, mais de dois milhões de ações mudaram de mãos. Os lucros do primeiro trimestre das maiores firmas foram, na maioria, mais acentuados do que os do ano passado, no período correspondente. Os títulos bem conceituados continuam a ser procurador com intensidade, e seus preços têm subido.

A indústria da construção no momento é um dos mais fortes esteios da economia nacional, continuando a estabelecer novos recordes, mês após mês. Em Março, e no primeiro trimestre dêste ano, os contratos para novas construções excederam de 13% os dos mesmos períodos do ano passado, e os relatório preliminares de Abril são animadores. As perspectivas são de que os investimentos totais, tanto de particulares como federais, estaduais e municipais, serão tão altos em 1954 como os de 1953, e se essas perspectivas se tornarem uma realidade, não haverá retraimento grave nas atividades econômicas do país.

Em consequência dos excedentes de certas colheitas, especialmente as do milho, do trigo e do algodão, de anos anteriores e das colheitas abundan-

tes esperadas êste ano, vai ser sério o problema do armazenamento. Os recursos para tal fim foram exgotados no ano passado, em que, como medida de emergência, foram usados 125 navios como armazéns de trigo, além do fato de que parte do trigo ficou temporàriamente amontoado no chão e em edifícios não adequados para o armazenamento. No ano passado, a modificação das leis de impostos e os fundos postos à disposição pelo Govêrno para tal fim, estimulou-se a construção de armazéns, mas, mesmo assim, não haverá bastante espaço nos armazéns para os enormes excedentes das próximas colheitas.

MERCADO DO CAFÉ: Foram mistas, as atividades do mercado do café, na semana passada. Os negócios, tanto dos físicos como dos futuros, estiveram firmes na segunda e na têrça-feira. Mas já no fim da têrça-feira, os futuros a procura diminuiu bastante, procurando-se interpretar um telegrama do Brasil contendo dados sôbre a safra de 1953/54 e sôbre os excedentes que existirão no fim de Junho. Os preços dos futuros declinaram bruscamente, antes de se renovar a atividade do mercado, e, assim, as transações aumentaram durante o fim da semana.

As vendas no Contrato "S", na Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York, foram de 1,321 lotes, quase 100 lotes menos do que na semana passada. Os preços estiveram irregulares, com uma média de 82 a 90 pontos nas várias posições. No fim da semana, o mercado registrava um declínio nítido de 345 a 360 pontos, em comparação como nível da semana passada. A posição aberta expandiu esta semana, registrando-se esta manhã 3.155 contratos ainda por se executarem, em comparação com os 3.059 da sexta-feira passada.

O rítmo frouxo dos cafés futuros serviu para diminuir o interêsse pelos cafés físicos, e a maior parte dos negócios foi feita de maneira ocasional, quando se tornava possível fazer uma abertura vantajosa no mercado dos futuros. Os Santos 4 estavam sendo vendidos entre 83½ e 84c/ ex-doca de Nova York, ao passo que na base FOB estavam sendo vendidos a 85c/ a mais. Os colombianos, para embarque em Maio e Junho foram vendidos a 84½c/, depois de vendas feitas mais cedo a 84¾c/ a libra. Os cafés tipo "mama" estiveram firmes em 84c/ ex-doca de Nova York.

ÚLTIMA HORA: Acabamos de ser informados pelo Escritório do Instituto Brasileiro do Café em Nova York que foi recebida uma comunicação do Brasil, em que se apresenta a verdadeira posição estatística do café brasileiro até Abril de 1954. As cifras, segundo o referido telegrama, são as seguintes:

Saldo, em 30/Junho/1953, de safras anteriores e estoques, 3.020.358 sacas, mais produção exportável da safra de 1953/1954, 14.800.000 sacas: total disponível para 1953/1954, 17.820.358 sacas. Menos exportações já verificadas desde Julho de 1953 a Abril de 1954, de 13.454.879 e do consumo de cabotagem e nos portos, de 800.000 sacas, calculando-se um total de só 1.800.000 sacas para exportação em Maio/Junho de 1954 e um saldo sòmente de .... 1.765.479 sacas.

O Instituto Brasileiro do Café nega a autenticidade da informação enviada pela agência de notícias "Comtelburo", nos meados desta semana. Parece tratar-se da manobra de um especulador, cuja intenção seria a de fazer baixar o mercado artificialmente a aproveitar-se da reação, uma vez conhecidos os dados verdadeiros.

N. 18 *O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA* *7 de Maio de 1954*

COLÔMBIA

Colheita: Foi anunciado no mês de Março que a maior parte da colheita nas regiões produtoras mais importantes da Colômbia que dentro de algumas semanas estaria feita. Tudo indicava que a safra de 1953/1954, ultrapassaria o recorde anterior de 6.700.000 sacas do ano de 1951/1952. A situação de abastecimento imediato permanecia, entretanto, com uma margem muito estreita. O rítmo das exportações diminuiu bruscamente durante o mês de Março, e os estoques nos portos e em trânsito chegaram a níveis muito baixos. Segundo fontes de informações comerciais fidedignas, os estoques nos armazéns no interior se achavam muito escassos. E continuarão escassos, até que a nova colheita chegue ao mercado em grandes quantidades.

(Foreign Commerce Weekly — 26 de Abril de 1954)

VENEZUELA

Tratado Comercial: A Venezuela renovou o tratado comercial que tinha com a França, a partir de 20 de Março dêste ano, estabilizando os seus direitos de importação sôbre vários produtores, entre os quais a champanha, importação e divisas para umas 30.000 sacas de café venezuelano (exatamente 2.000 toneladas + 333.333 sacas). O tratado estipula também que, se antes da data de expiração do mesmo, as quantidades de produtos venezuelos tiverem já sido importados pela França, os dois governos entrarão em acôrdo para que, mediante novas licenças e divisas, possa a Venezuela continuar exportando para a França carregamentos adicionais dos mesmos produtos mencionados, e também do cacau.

(Foreign Commerce Weekly — 26 de Abril de 1954)

ESTADOS UNIDOS

A campanha dos cafés solúveis: Agindo com rapidez e com vigor, para se aproveitar da alta dos preços do café, os fabricantes de café solúvel estão acentuando, em seus anúncios, o fator da "economia".

Chase & Sandborn, um dêsses fabricantes, exorta o público a comprar o seu café solúvel, marca "Special Label Instant Chase & Sandborn", mediante o qual, dizem os fabricantes, o consumidor poderá economizar até 40 centavos em cada libra de café comum.

Nescafé, em anúncios que estão ocupando grande espaço aos jornais, pergunta: " Por que um café puro como o Nescafé custa 25 centavos menos do que o café comum? Porque extraímos mais quantidade de café de uma libra de café verde, quando o preparamos em nossas fábricas, do que o consumidor, quando prepara o seu café em casa". E Nescafé acrescenta: "Nescafé é tão delicioso que podemos garantir melhor sabor, xícara após xícara, com o nosso produto, em comparação com o café comum".

A firma Borden oferece "mais" em tudo — em sabor e em economia. E diz ao público: "Por que pagar um dólar, ou mais, por uma libra de café comum, quando o nosso café solúvel, rico em sabor como o melhor café comum, dá uma margem de 25 centavos de economia, ou mais?".

(Coffee & Tea — Março de 1954).

EUROPA:

Consumo: Segundo Jacques Louis Delamare, de Havre, França, a Europa vai necessitar de 10.000.000 de sacas de café em 1954, das seguintes procedências: 4.000.000 da África, 4.500.000 do Brasil, e 1.500.000 dos países produtores de cafés suaves.

(Coffee & Tea — Março de 1954).

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	*Destinos principais: Dados semanais:* *EE. UU.*	*EUROPA*	*Outros*	*Total*
BRASIL *	1/5/54	77	108	24	209
	24/4/54	92	88	33	213
	2/5/53	95	112	28	235
COLÔMBIA **	1/5/54	169.260	10.229	626	180.115
	24/4/54	92.970	7.693	50	100.713
	2/5/53	60.625	1.468	5.590	67.683

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos	*Semanas terminadas em:* 1/5/54	24/4/54	2/4/53
BRASIL *	Santos	1.853	1.808	1.856
	Rio	259	266	103
	Vitória	75	83	60
	Paranaguá	506 a	551 b	1.208 c
	Pernambuco	17	18	9
	Bahia	27	24	15
	Angra dos Reis	17	17	11
	TOTAL	2.754	2.767	3.262
COLÔMBIA **	Barranquilla	49.513	75.993	130.089
	Cartagena	22.068	29.418	35.506
	Buenaventura	76.273	116.691	123.634
	Cúcuta	33.709	36.370	123.202
	TOTAL	181.563	258.472	412.431

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK (*)

Semana de:	*Países de origem (sacas de pesos diferentes)* *Brasil*	*Colômbia*	*Outros*	*Total*
1/5/1954	135.992	133.229	132.507	401.728
24/5/1954	118.097	110.445	118.160	346.702
2/5/1953	71.771	130.202	116.811	318.784

*) Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York.
**) Federación Nacional de Cafeteros de Colômbia.
a) Livres.
b) 550.000 livres e 1.000 retidos.
c) 708.000 livres e 500.000 retidos.

N.º 880 *CARTA SEMANAL DO MERCADO* *14 de Maio de 1954*

SITUAÇÃO ECONÔMICA: Falando em Nova York, na semana passada, o Professor Arthur Upgren, da Universidade de Dartmouth, declarou que "o atual retraimento dos negócios provàvelmente será pouco acentuado, e, por meio de medidas inteligentes do govêrno, não sòmente os efeitos dêsse retraimento poderão ser atenuados como se poderá conseguir uma rápida recuperação..." O Dr. Upgren mencionou as seguintes medidas, para tal fim: 1) expansão do crédito para a aquisição de artigos de consumo; 2) gastos substanciais para a construção de estradas de rodagem e de outros serviços de utilidade pública de que a nação necessita, e 3) adoção de impostos que permitam o aumento da produção e da mão de obra. O retraimento atual dos negócios, diz o Professor Upgren, com um declínio de sòmente 3½% até agora, no ano corrente, na produção nacional, é o menos acentuado dos três últimos declínios observados recentemente nos Estados Unidos. O retraimento atual, diz mais o Prof. Upgren, tem um caráter especial, porque o nível dos preços alcançou um recorde máximo de todos os tempos, os preços dos valores da bôlsa alcançaram o máximo no período dos últimos 26 anos, os fabricantes de automóveis estão tendo, com o ano corrente, uma produção que só foi excedida duas vêzes antes, o número de casas em construção nunca foi tão grande como agora, e as exportações e as importações têm se mantido suficientemente altas para suportar a economia nacional norte-americana, ao mesmo tempo servindo para mostrar aos outros países que, num período de retraímento, êles não terão que sofrer em consequência de uma diminuição das importações dos Estados Unidos.

Na frente do trabalho, acredita-se agora que não haverá greve dos trabalhadores da indústria do aço neste verão, uma vez que ambas partes desejam solucionar pacìficamente a disputa. Em consequência da greve, os salários poderão ter um aumento de 6 a 8 centavos por hora. Êsse aumento poderá trazer, nos mêses subsequentes, exigências de aumentos de salários nas outras indústrias, e algumas dessas exigências poderão causar greves. Com a participação dos estudantes no mercado do trabalho, o desemprêgo poderá alcançar a cifra de 4 a 4 milhões e meio.

Os preços dos produtos agrícolas talvez continuem a declinar gradualmente êste ano, e os rendimentos dos lavradores talvez sejam 8 ou 10% menores do que os do ano passado. O Congresso talvez aprove 90% dos subsídios para manter os preços, em lugar dos 75-90% propostos pela Administração, para certos produtos agrícolas, mas essa medida não evitará o declínio geral dos rendimentos dos lavradores. (As porcentagens se referem a um índice de preços dos produtos agrícolas básicos que recebem ajuda do govêrno, índice êsse em que 100 representa o preço pago pelos produtos usados nas fazendas. Em outras palavras, o govêrno garante ao lavrador que o índice dos preços que êle recebe por certos produtos básicos será de 90% em relação aos 100% dos preços que êle deve pagar pelos produtos que não são agrícolas). Calcula-se que a carne, em 1954, alcance a cifra de 25.000.000.000 de libras, isto é, 160.000.000 de libras acima da produção do ano passado, e a máxima observada nos últimos 10 anos. O consumo anual per capita, em 1954, será, segundo se espera, de 151 libras. tendo sido de 154 libras a de 1953.

MERCADO DO CAFÉ: A atividade geral do mercado do café, durante a semana, foi bastante irregular, como se pode ver no movimento dos futuros. A ligeira recuperação notada na sexta-feira passada continuou na segunda-feira desta semana. O mercado começou alto na têrça-feira, mas gradualmente foi diminuindo através do dia. O declínio continuou na quarta-feira, observando-se perdas de 60 a 115 pontos nas várias posições. Na quinta-feira, o mercado melhorou novamente, tendo os preços chegado ao limite permitido de 200 pontos. O movimento de ascenção continuou hoje, e na abertura os preços revelaram um aumento de 75 a 135 pontos para as várias posições.

Foi também relativamente ativo o movimento, esta semana, dos negócios do Contrato "S", na Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York. O total das vendas foi apenas de 21 lotes inferior ao da semana passada, alcançando 1.305 lotes. Os preços finais, em média, esta semana, foram de 250 a 295 pontos acima dos da semana passada, com especial firmeza nas posições intermediárias de Julho/Setembro/Dezembro.

Os físicos seguiram a mesma tendência observada na semana passada, especialmente quanto aos colombianos, não tendo os torradores mostrado grande interêsse. Os físicos colombianos estavam sendo cotados a 84½ a libra, depois de terem sido vendidos durante uma semana a 83 e 83½c/. Os embarques diretos de colombianos para Julho estavam sendo vendidos a 85½c/, ao passo que os de Julho/Agosto estavam a 96c/. As ofertas para cafés brasileiros a serem embarcados não foram muitas, esta semana, de modo que as cotações não tiveram grande significação. Na base ex-doca, os cafés Santos 4 estavam sendo cotados aproximadamente em 86c/ a libra.

A irregularidade geral do mercado é atribuida às informações contraditórias sôbre a posição estatística do café brasileiro. As informações oficiais do Instituto Brasileiro do Café negam informações anteriores, de origem desconhecida, sôbre o café disponível brasileiro, e confirmam as próprias informações anteriores de que será provàvelmente pequena o "carry-over". Segundo uma fonte de informação de Nova York, as ofertas de café do Brasil para embarque em Maio/Junho são poucas. Várias firmas observam que até agora, neste mês, sòmente um pequeno volume de vendas novas de cafés Santos foi realizado.

As estatísticas disponíveis no Bureau mostram que durante a semana que terminou em 1 de Maio, 36% de mais de 44 milhões de famílias norte-americanas, com cozinhas próprias, compraram 22.100.000 libras de café regular, pagando um preço médio de $1.10,7 a libra, ao passo que na semana anterior 34% das mesmas famílias compraram 21.400.000 libras de café, pelo preço médio de $1.09,4. Também na semana que terminou em 1 de Maio, 11.3% dessas famílias compraram 9.300.000 frascos de 2 onças de café solúvel, pelo preço médio de c/62,8 o frasco. Na semana anterior, que terminou em 24 de Abril, 10.5% das famílias compraram 8.600.000 frascos de 2 onças de café solúvel, peloed preço de c/62.3 o frasco.

N.º 19 O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA 14 de Maio de 1954

PARAGUAI:

Produção: Por um decreto de 31 de Março dêste ano, o Govêrno do Paraguai fês concessões especiais aos produtores de café cujas plantações são pelo menos de 20.000 pés de café, com o fim de estimular a sua produção, tanto

para o consumo doméstico como para a exportação. Os principais beneficiários dessa medida são as grandes emprêsas, brasileiras e norte-americanas, que compraram vastas áreas de terras na região nordeste do Paraguai, em 1952 e 1953, para a cultura do café. Entre as concessões feitas pelo govêrno incluem-se as seguintes: 1) Importação de sementes de café sem impostos alfandegários, bem como de maquinária agrícola, equipamentos, caminhões, aeroplanos, adubos, inseticidas e outros itens necessários à exploração da indústria do café no Paraguai. Essas concessões durarão 10 anos, a contar da primeira exportação feita pelos produtores. 2) entrada no país, com isenção de direitos, das propriedades pessoais e dos equipamentos profissionais dos especialistas estrangeiros contratados no exterior. Essa concessão entrará em vigor dois anos depois da entrada dos referidos especialistas. 3) não poderão ser expropriadas as terras destinadas ao cultivo do café. 4) Os cafeicultores poderão reter 50% das divisas estrangeiras obtidas com a sua exportação. Essa concessão estará em vigor até 1972. 5) Os cafeicultores beneficiários e seus empregados não terão que pagar impostos ao Instituto de Seguro Social durante um período de cinco anos, a contar do primeiro ano de cultivo.

(Foreign Commerce Weekly — 3 de Maio de 1954).

Vendas de café e chá: O Diretor da Jewel Tea Company, 10% de cujas vendas são de café, informou aos acionistas dessa emprêsa esta semana que desde a alta dos preços do café as vendas do mesmo têm sido muito vagarosas nos seus estabelecimentos a varejo, ao passo que as vendas de chá aumentaram de 25%.

(Hanson's Latin-American Letter — 3 de Abril de 1954).

Campanhas prejudiciais: O café "Chuck-Full-O'Nuts", que, seis meses depois de ser lançado no mercado dos Estados Unidos, ocupa — segundo afirma o presidente da companhia — o quinto lugar entre as marcas de café enlatado, está utilizando, numa campanha de propaganda avaliada em um milhão de dólares, o tema seguinte: "Com uns centavos mais por libra, pode-se obter um número maior de xícaras do café mais delicioso do mundo". Em cada lata dessa marca se acha uma medida de menor quantidade do que a que se usa geralmente, recomendando-se, além disso, que o freguês use mais água do que de costume no preparo do seu café!

(Food Field Reporter — 3 de Maio de 1954).

CONGO BELGA:

Direitos de exportação: Segundo lei promulgada em 18 de Fevereiro de 1954, e em vigor a partir da mesma data, e publicada no Boletim do Congo Belga em 27 do mesmo mês, foram aumentados os direitos de exportação sôbre o café (de todos os tipos e graus), de 12 a 15% ad valorem.

(Foreign Commerce Weekly — 3 de Maio de 1954).

ESTADOS UNIDOS:

Consumo do café: Anthony Hyde, presidente executivo do Conselho do Chá, anuncia que em 1953 foram servidas nos restaurantes norte-americanos 880 milhões mais de taças de chá gelado do que no ano de 1948.

(Food Field Reporter — 3 de Maio de 1954).

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	EE. UU.	EUROPA	Outros	Total
		Destinos principais: Dados semanais:			
BRASIL *	8/5/1954	77	61	11	149
	1/5/1954	77	108	24	209
	9/5/1953	79	66	55	200
COLÔMBIA **	8/5/1954	36 436	9.787	352	46.575
	1/5/1954	169.260	10.229	626	180.115
	9/5/1953	64.712	11.892	—	76.604
	Dados mensais:				
BRASIL *	Abril/1954 ***	435	461	114	1.060
	Março/1954	795	447	167	1.409
	Abril/1954	526	296	177	999
COLÔMBIA **	Abril/1954	438.058	31.406	4.251	437.715
	Março/1954	370.680	89.824	3.013	463.517
	Abril/1954	501.329	50.488	25.235	577.052

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos	*Semanas terminadas em:* 8/5/54	1/5/54	9/5/53
BRASIL *	Santos	1.915	1.853	1.934
	Rio	250	259	113
	Vitória	68	75	52
	Paranaguá	506 a	506 b	1.165
	Pernambuco	15	17	8
	Bahia	40	27	15
	Angra dos Reis	17	17	11
	TOTAL	2.811	2.754	3.298
COLÔMBIA **	Barranquilla	62 083	49.513	143.608
	Cartagena	27.816	22 068	37.819
	Buenaventura	148.049	76.273	143.809
	Cúcuta	30.210	33.709	126.273
	TOTAL	268.158	181.563	451.009

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK (*)

Semana de:	*Países de origem (sacas de pesos diferentes)* Brasil	Colômbia	Outros	Total
8/5/1954	153.782	146.781	141.806	442.369
1/5/1954	135.992	133.229	132.507	401.728
9/5/1953	79.556	141.212	124.565	345.333

*) Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York.
**) Federación Nacional de Cafeteros de Colômbia.
***) Dados preliminares, sujeitos a retificação.
a) 505.000 livres e 1.000 retidos.
b) Livres.
c) 655.000 livres e 510.000 retidos.

Declarações feitas à imprensa, no dia 12 de Maio de 1954, pelo Sr. Thomas Dewey, Governador do Estado de Nova York:

"O povo de nosso Estado tem uma solução perfeita para o problema da escassez e dos preços do café, bastando por isso consumir mais leite, produto que é mais saudável, mais barato e mais abundante. Essa solução é muito vantajosa para todos, como indivíduos e beneficiários da economia geral do Estado.

O leite é o alimento perfeito por excelência. Suas propriedades nutritivas são substanciais. Convém tomá-lo: o leite nos dá mais saúde. O leite é também um dos esteios da economia agrícola do Estado de Nova York. Com uma indústria de laticínios avaliada em $1.500.000.000, o Estado ocupa o segundo lugar na referida indústria no país, e a prosperidade da nossa agricultura e a solidez da nossa economia em geral dependem em grande parte do leite, o qual, assim, representa prosperidade pessoal para todos os habitantes do Estado.

Por causa da mútua dependência dêsses interêsses, parece necessário que o público tome conhecimento imediato da crise que assoberba atualmente a indústria do leite e lhe dê mais cooperação. Há, atualmente, excesso de leite em nosso Estado, sendo a oferta maior do que a procura, e tal situação está tendo efeitos prejudiciais em nossa economia agrícola.

A própria natureza, em uma das suas extranhas e inescrutáveis compensações, nos oferece uma ocasião para resolvermos, de uma só vez, ambos problemas — o do excesso de leite e o da falta do café — bastando, para isso, que tomemos mais leite em lugar de café. A falta de café é um grave problema, que há de prolongar por muitos anos ainda, causando, possìvelmente, muitas mudanças nos hábitos dos norte-americanos quanto às suas bebidas. A escassez de café resulta de uma forte geada que no inverno passado danificou milhões de pés de café nas grandes zonas produtoras do Brasil. Um pé de café sòmente chega à sua produção completa em cinco anos, e os cafeeiros danificados pela geada não poderão produzir durante dois ou três anos. Os danos causados pela geada anularam as medidas tomadas pelo Brasil por ocasião da Segunda Guerra Mundial, quando os cafeicultores plantaram milhões de novos cafeeiros, com o fim de fazer frente à vasta procura mundial ocasionada por um consumo cada vez maior. As cifras disponíveis mostram que é necessária tôda a produção de um pé de café para suprir de café uma família norte-americana durante uma semana. Isso quer dizer que são necessários cinquenta e três pés de café para abastecer de café uma família durante um ano. Os Estados têm sido o maior mercado de café do mundo, mas, desde o fim da última guerra, muitos países europeus, que antes pouco café consumiam, passaram de repente a consumir muito café. O consumo mundial do café, em 1953, foi de 33 milhões de sacas, e o Brasil apenas dispõe, para exportação, da colheita atual, de menos de 31 milhões de sacas.

Os preços do café continuarão altos, até que a oferta e a procura se equilibrem. Entrementes, só a redução do consumo do café poderá fazer com que os preços dêsse produto se estabilizem ou diminuam. Que fazer, pois? Consumir leite em lugar do café. O leite é mais saudável do que o café. Em verdade, o café não tem valor nutritivo algum, embora tenha um sabor agradável: não melhor nem conserva a saúde daqueles que o bebem. Consideremos agora as propriedades do leite, segundo o famoso Dr. Charles Mayo:

"Tôdas as pessoas, jovens ou velhas, deveriam tomar leite. O leite contém uma grande variedade de elementos nutritivos e, considerando-se o seu custo, por unidade de pêso, oferece maior nutrição do que qualquer outro produto alimentício disponível."

O Dr. H. C. Sherman, professor emérito de química da Universidade de Columbia, diz, por sua vez:

"Aumentando-se a proporção de leite em nossa dieta, prolongamos a nossa vida".

O Serviço de Saúde Pública dos Estados Unidos declara, também:

"Entre todos os alimentos, nenhum é tão importante como o leite".

O abastecimento de leite no Estado de Nova York é sempre abundante, e, na época de calor, há sempre grandes excedentes do produto. Em 1953, Nova York produziu 4.345.000.000 de garrafas de leite (de 1/4 de galão). Em Março de 1954, havia um excedente de 165.000.000 de garrafas, e espera-se que êsse excedente aumente ainda em Maio e Junho.

Se todos os habitantes de Nova York tomassem um copo de leite extra por dia, êsses excedentes desapareceriam. Uma vez que o consumo do leite fortalece a nossa economia e ajuda a estabilização da indústria dos laticínios, que a diminuição do consumo do café fará baixar os preços do produto, e que o leite, pelos elementos nutritivos que contém, é o mais barato de todos os alimentos, concito todos os cidadãos do Estado de Nova York a beberem mais leite.

declarações do Sr. Thomas Dewey

Na qualidade de Governador do Estado, faço um apêlo urgente a todos nesse sentido, pedindo que deixem de tomar café para tomar mais leite. Sugiro, especìficamente:

1) que as mães de família e as donas de casa sirvam, às refeições, leite em vez de café, dando às crianças um copo de leite a mais todos os dias;
2) que os quarenta mil restaurantes e estabelecimentos de consumo alimentício estimulem o consumo do leite às custas do café, o que seria vantajoso, considerando-se o preço do leite com o do café, atualmente;
3) que as escolas insistam nos benefícios que o leite traz à saúde e à economia, fomentando o maior consumo dêsse produto, tanto nas horas da escola como nos lares;
4) que os clubes e outros organismos sociais sirvam leite em vez do café nos seus almoços e em seus jantares comuns;
5) que os trabalhadores das fábricas e os empregados de escritórios tomem leite em vez de café nos "Coffee-breaks" (Pausas para o Café).

E' rara a ocasião em que o público pode resolver tão fácil, conveniente e benèficamente um grave problema econômico, que afeta os interêsses da comunidade. Espero que o povo do nosso Estado tenha uma idéia mais clara dos seus interêsses, substituindo o café pelo leite, em seu consumo normal.

NOTA: O Bureau Pan-Americano do Café está tomando tôdas as medidas necessárias com o fim de contrabalançar os efeitos que poderão decorrer dessa publicidade desfavorável ao café.

N.º 881 *CARTA SEMANAL DO MERCADO* *21 de Maio de 1954*

SITUAÇÃO ECONÔMICA: Segundo informações publicadas durante esta semana, a produção das minas e das fábricas dos Estados Unidos em Abril foi cêrca de 2% abaixo da produção de Março, mas 9.5% abaixo da produção de Abril do ano passado. A produção, nos começos de Maio corrente continuou nos mesmos níveis em que se achava em Abril. A produção de aço, na semana passada, atingiu cêrca de 71% da capacidade das usinas — a maior porcentagem observada desde Fevereiro. Durante a semana, a produção aumentou para 1.690.000 de toneladas, ou 36.000 toneladas mais do que a produção da semana anterior.

No setor das construções, segundo os dados disponíveis, foi de ...... $2.800.000.000 o valor dos projetos incluidos no mês de Abril — contando-se as residências particulares e os edifícios comerciais e governamentais — e o total das construções durante os primeiros quatro mêses do ano corrente está calculado em $10.000.000.000, ou 1.5% acima do maior nível observado durante o mesmo período do ano passado. Nesses primeiros quatro mêses de 1954, o total das construções de residências novas corresponde a uma média de 1 milhão de casas por ano. Durante Abril, o valor da construção de estradas de rodagem elevou-se a $250.000.000.000, ou 25% acima do nível o mês de Abril de 1953.

O desemprêgo diminuiu em Abril, em que 3.465.000 de pessoas estavam desocupadas. Em Março havia 3.725.000 de pessoas desempregadas. Essa diminuição, anunciada pelo Govêrno, numa publicação oficial de estatísticas, foi a primeira observada desde o mês de Outubro de 1953. Com a temporada das construções, da produção agrícola e do comércio do varejo, o número de pessoas empregadas aumentou de 498.000, sendo o seu total de 60.598.000. Nas indústrias, o número de pessoas empregadas continuou a baixar. Segundo dados agora disponíveis, a receitas individual em Março foi ligeiramente inferior à do mês de Março de 1953. O número de automóveis registrados em Março foi de 1% abaixo do número de carros registrados em Março de 1953. Todavia, a produção de automóveis nos primeiros quatro mêses dêste ano, em que 1.955.489 carros foram fabricados, foi 9% menor do que a produção do mesmo período no ano passado. Os inventários dos negócios, em Março, foram avaliados em $81.100.000.000. Isso representa um aumento de ...... $1.600.000.000 em relação ao total dos inventários em 31 de Março de 1953. Essas cifras indicam que o valor total dos inventários tem permanecido alto, apesar dos reajustamentos ocorridos nos preços das mercadorias, por unidades.

Algumas grandes companhias não pagaram dividendos trimestrais, mas outras pagaram. A Chrysler Coorporation pagou o dividendo regular de $1.50 embora a sua receita tenha sido apenas de 88c/ por ação durante o trimestre, e suas vendas tenham diminuido de 43% em relação com as do ano passado. Isso refletiu o ponto de vista otimista da direção da companhia em relação ao futuro. O número de ações negociadas foi de 2.000.000 para cima. Ontem, o nível geral dos preços nos mercados de valores foi mais alto do que em qualquer outra época, desde os meados de 1930.

MERCADO DE CAFÉ: Depois de um intenso movimento de negócios na última sexta-feira, os preços, ao fechar-se a Bôlsa, estavam de 24 a 64 pontos abaixo das cotações do comêço do dia. Durante a semana presente, entretanto, aumentaram os preços de todos os tipos de café, tanto físicos como fu-

turos, em tôdas as posições. Algumas flutuações ocorreram durante a semana, mas, em geral, o melhoramento registrado na segunda-feira continuou. Esta manhã, havia subidas de preços, com ganhos de 25 a 65 pontos. A posição aberta, esta manhã, se achava mais alta do que a da semana passada, 3.392 em vez de 3.213 lotes, isto é, um aumento de 179 lotes.

Os cafés brasileiros revelaram maior firmeza durante a semana, com a notícia de que houve grandes chuvas no Brasil. o que causou demora no movimento do café até os portos de embarque, bem como danos ao café. Os danos causados ao café, mais em têrmos de qualidade do que de quantidade, foram de 20 a 40 por cento da safra. Embora não haja informações oficiais sôbre êsses acontecimentos no Brasil, muitas comunicações de caráter particular têm sido recebidas pelas firmas de café. Os cafés do Brasil teriam tido maior firmeza, se não fôsse pelo fato de que os torradores estavam se contendo, sendo êste o período em que êles ordinàriamente deixam que seus estoques diminuam, e pelo fato de que os cafés re-exportados procedentes da Europa foram oferecidos em Nova York por preços de competição.

A atividade no Contrato "S" aumentou durante a semana, tendo sido negociados 188 lotes mais do que na semana passada e os preços nas diferentes posições aumentado de 155 a 225 pontos. A posição de Maio, 1954, desaparece hoje. Ontem sòmente 5 lotes se acham disponíveis naquela posição e dois dêles foram vendidos durante o dia.

No mercado de cafés físicos, os do Brasil continuaram a ser vendidos por preços mais altos do que os colombianos. Ontem, o preço do café Santos 4 era de 1¼c/ acima dos Manizales, Medellins e Armenias. Os preços dos físicos colombianos durante a semana foram em média de 85.75 a 86 centavos, ao passo que os dos cafés Santos 4 tiveram uma média de 87.50 centavos e os cafés do tipo Paraná 4 86.50 centavos. Essa situação tornou os cafés colombianos mais interessantes para os torradores, os quais aumentaram as suas compras durante a semana o bastante para causar os aumentos gerais de preços a que já nos referimos. Ao mesmo tempo, êles não fizeram muita pressão sôbre os cafés brasileiros, e, como esta é a temporada em que os estoques podem declinar, a subida dos preços não foi o que certamente seria em outras épocas do ano. Um dos fatores que influenciaram nos preços dos cafés colombianos foi o anúncio feito pela Federación Nacional de Cafeteros de Colombia de que seria aumentado o preço dos cafés colombianos, na razão de 10 pesos por 125 libras, com o fim de se dar apôio aos preços.

No fim da semana precedente, o Governador Thomas Dewey de Nova York fêz uma declaração no sentido de que a solução para o problema dos altos preços do café estava no aumento do consumo do leite, do qual há excedentes. O Governador foi imediatamente contestado em seus argumentos pelos embaixadores dos países produtores de café. pelos representantes do negócio do café e, mais tarde, pelos líderes do Partido Democrático de Nova York. os quais disseram que o Governador Dewey estava extemporaneamente tratando de ajudar os interesses dos produtores de laticínios. Ao ser perguntado se tinha algo a dizer sôbre as referidas declarações do Governador Dewey, o Presidente Eisenhower asseverou, ontem, que não sabia se os consumidores tinham que beber menos café, porque a maioria dos norte-americanos gosta do café, mas estava certo de que gostaria ver os norte-americanos bebendo mais leite, o que o contribuiria para resolver o problema dos excedentes de leite.

N.º 20 *O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA* *21 de Maio de 1954*

PANAMÁ:

Interêsse na produção do café: A gerência da FEDECAME tem recebido inúmeras solicitações dos produtores de café do Panamá, no sentido de que se lhes dê assistência técnica, a demais de tôdas as informações relacionadas com os melhores métodos de cultivo. Os cafeicultores estão muito interessados em aumentar as suas plantações, mas desejam fazê-lo de acôrdo com os meios mais adeantados, para conseguir melhor rendimento dos cafeeiros e da mão de obra. E' possível que a FEDECAME destaque um dos seus técnicos para que vá ao Panamá oportunamente, logo que seus serviços sejam solicitados pela filial correspondente.

(Boletim da FEDECAME (Federación Cafetalera Centro-America-México-El Caribe) — 6 de Maio de 1954).

COSTA RICA:

Financiamento de colheitas: O Banco Central de Costa Rica aprovou um regulamento para o financiamento da colheita do café. O artigo primeiro declara que o financiamento da colheita será feito pelos Bancos aos beneficiadores, em três etapas, a saber: 1) para a ajuda dos cultivos: 2) para a colheita e para o beneficiamento; e 3) para a comercialização do café benefiado, a ajuda a que se refere o item 1 se iniciará a partir de 1 de Março de cada ano, e o vencimento do crédito não será posterior ao dia 30 de Abril do ano seguinte,

(Boletim da FEDECAME — 6 de Maio de 1954).

ESTADOS UNIDOS:

Investigação do Senado: O senhor J. Glenn Beall, que chefia o Sub-Comitê Bancário e Monetário do Senado dos Estados Unidos, sub-comitê êsse que se acha encarregado de investigar a alta dos preços do café, indicou — segundo informa o "Supermarket News" — que os investigadores do referido sub-comitê estão virtualmente prontos a admitir que a lei da oferta e da procura foi o fator principal no aumento dos preços do café e que o Congresso poderá encerrar a questão.

(Coffee & Tea Industries — Maio de 1954).

Resistência contra os preços: A cidade de Boston foi um dos lugares em que se tem notado uma resistência definida contra os preços do café. As vendas diminuiram e o consumidor está se valendo de substitutos, especialmente substituindo o café pelo chá. Em Washington, D. C., a reação contra os preços do café tem sido mais lenta, mas tem sido observado um certo aumento nas vendas de chá e de outras bebidas. As vendas de café em Detroit estão sendo feitas com lentidão, mas em Memphis e em Miami elas têm se mantido normais, em virtude dos estoques acumulados e do costume tradicional segundo o qual muitos estabelecimentos vendem produtos com prejuízos com o fim de atrair os freguêses. Em Chicago, a resistência do público contra os

preços têm sido forte e as vendas do produto baixaram cêrca de 20%. Em Nova Orleans, a resistência fêz com que as vendas diminuissem de 30%. Em outras partes do país, em consequência de uma intensa campanha, tem aumentado as vendas de chá.

(Food Topics — 10 de Maio de 1954).

NOTA: As opiniões expressas nos artigos aqui transcritos, bem como os dados nos mesmos citados, não constituem necessàriamente a opinião do Bureau Pan-Americano do Café.

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	Destinos principais: Dados semanais: EE. UU.	EUROPA	Outros	Total
BRASIL *	15/5/1954	64.000	30.000	36.000	130.000
	8/5/1954	77.000	61.000	11.000	149.000
	16/5/1953	36.000	78.000	25.000	139.000
COLÔMBIA **	15/5/1954	73.156	1.813	—	74.969
	8/5/1954	36.436	9.787	352	46.575
	16/5/1953	132.134	2.692	6.745	141.571

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos	Semanas terminadas em: 15/5/54	8/5/54	16/5/53
BRASIL *	Santos	1.990.000	1.915.000	1.967.000
	Rio	224.000	250.000	98.000
	Vitória	81.000	68.000	49.000
	Paranaguá	505.000 a	506.000 b	1.202.000 c
	Pernambuco	15.000	15.000	7.000
	Bahia	40.000	40.000	15.000
	Angra dos Reis	17.000	17.000	11.000
	TOTAL	2.892.000	2.811.000	3.349.000
COLÔMBIA **	Barranquilla	70.012	62.083	122.581
	Cartagena	33.204	27.816	35.850
	Buenaventura	183.863	148.049	143.655
	Cúcuta	31.538	30.210	127.844
	TOTAL	318.617	268.158	429.930

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK (*)

Semana de:	Países de origem (sacas de pesos diferentes) Brasil	Colômbia	Outros	Total
15/5/1954	165.110	176.192	148.827	490.129
8/5/1954	153.782	146.781	141.806	442.369
16/5/1953	75.239	169.141	131.368	375.748

*) Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York.
**) Federación Nacional de Cafeteros de Colômbia.
a) 504.000 livres e 1.000 retidos.
b) 505.000 livres e 1.000 retidos.
c) 265.00 livres e 937.000 retidos.

N.º 882 *CARTA SEMANAL DO MERCADO* *28 de Maio de 1954*

SITUAÇÃO GERAL: Dois dos mais conhecidos e acatados economistas norte-americanos analisaram, em pronunciamentos feitos em público, as condições e as perspectivas da economia dos Estados Unidos. O Professor Summer H. Slichter, da Universidade de Harvard, declarou que as probabilidades de ascenção excedem as de descenção nas atividades econômicas do país, tendo o movimento de declínio, o qual começou no verão de 1953, chegado já ao seu nível mais baixo, de modo que o movimento de subida pode agora ser esperado. Essa perspectiva pode ser demorada ou mantida dentro de um período de três ou quatro mêses, se os consumidores pagarem as suas dívidas mais depressa, antes de contrairem outras com novas aquisições. Todavia, o Professor Slichter acha que a liquidação dos estoques chegou ao seu ponto máximo e nesse sentido observa que deverão aumentar as encomendas aos manufatureiros. Além disso, parece que, pela primeira vez desde Julho de 1953, o índice da produção deixou de declinar.

Apesar de uma certa diminuição nos gastos feitos pelo Govêrno, bem como pela emprêsas particulares, na compra de equipamentos e de maquinárias, o Professor Slichter considera que essa diminuição é contrabalançada pelas altas rendas individuais, que têm se mantido surpreendentemente constantes, pelo aumento das despesas em serviços, pela continuação do aumento das vendas a varejo, pelo contínuo aumento de gastos estaduais e municipais, e pela continuação do aumento de despesas de tudo o que se relaciona com a construção de casas.

Concentrando-se em aspectos mais específicos da economia, e com um ponto de vista um tanto pessimista, o Dr. Gehard Colm, economista-chefe do National Planning Council, declarou, por sua vez, que o desemprêgo aumentará, a menos que a produção nacional de 1954 exceda de $15.000.000.000 a produção do ano de 1953, incluindo-se nesse aumento mercadorias e serviços. O Dr. Gerhard baseia sua conclusão no fato de que, com a produtividade muito maior, em consequência do emprêgo cada vez maior de maquinismos, e com cêrca de 700.000 trabalhadores a mais todos os anos, a produção deve ser aumentada para dar trabalho aos operários que, de outro modo, ficaria desempregados. Em outras palavras, o Dr. Gerhard chama a atenção para o fato de que, para que a economia se mantenha num alto nível de prosperidade, e com vistas a um contínuo progresso, a produção não pode permanecer estacionária, no mesmo volume, porque então não haverá trabalho suficiente para uma parte dos operários desocupados.

O Professor Slichter, por outro lado, é de opinião de que o retardamento da economia chegou ao fim e que em breve se iniciará um período de aceleração.

As diferenças entre as opiniões dos dois especialistas, tanto nos pontos salientes como na interpretação das tendências econômicas, são também encontradas entre os demais economistas do país. O Govêrno Federal está procurando dispôr dos seus excedentes da produção agrícola, por meio do estabelecimento de um sistema de preços diferentes, no país e fora do país. O Govêrno está vendendo o trigo aos países estrangeiros, tanto através do "International Wheat Agreement" como independentemente do mesmo, pelo preço de $1.96 o bushel, ou seja, 69c/ abaixo do preço que paga pelo trigo em seu programa de subsídio aos lavradores. A manteiga está sendo vendida nos

Estados Unidos por 58,5c/ a libra, e por 40c/ e 45c/ no estrangeiro. Essa mesma manteiga custa ao Govêrno (Government's Commodity Credit Corporation) em média, 67,3c/ a libra.

A lei que governa a venda dos excedentes de mercadorias dispõe que tais excedentes não sejam vendidos por preços tão baixos no mercado mundial que causem uma competição desleal aos artigos congêneres, ou, mais simplesmente, a lei proibe o "dumping", e as vendas devem ser de tal maneira que os produtos não sejam depois importados pelos Estados Unidos. No mercado nacional, as mercadorias excedentes não podem ser vendidas a menos de 105% do nível dos preços, acrescentando-se as despesas de transporte.

Um dos jornais mais conceituados do país comenta editorialmente que, como a contínua retenção de excedentes significa uma batalha perdida, o Govêrno decidiu vender os excedentes, em conformidade com a mencionada lei, pelos melhores preços que puder obter, no país e no extrangeiro (dual prices). Êsse sistema de dois preços, embora rejeitado pela Administração como orientação da mesma, promete uma solução para a disposição das mercadorias mais ràpidamente e em mercados mais simples do que seria possível com o sistema de um só preço.

MERCADO DO CAFÉ: Esta semana foi uma das mais tranquilas no mercado de café no período de um ano, e os negociantes se queixam da apatia do mercado. Houve algumas flutuações de preços, tendo as atividades nos mercados de físicos e de futuros se mostrado frouxas, daí resultando declínio nos preços.

Os cafés futuros terminaram a semana com uma baixa de 175 a 215 pontos. O volume das transações no Contrato "S" foram apenas de 908 lotes, ao passo que na semana passada foram de 1.493. Como a situação esteve melhor no mercado dos físicos, o que se observou com os futuros esta semana terá mais influência nos mêses mais distantes, e as diferenças entre os mêses diminuíram consideràvelmente. A posição aberta, com as liquidações e com as vendas nos mêses próximos a as compras nos mêses distantes mais ou menos equilibradas, esta semana se estreitou ligeiramente, e esta manhã havia 3.323 contratos dependendo de transação, ao passo que na sexta-feira passada o mercado abriu com 3.392 contratos.

Entrementes, a situação nos físicos continua a restringir a atividade geral do mercado. A procura dos torradores diminuiu e se mantem incerta, refletindo o rítmo vagaroso do consumo nessa temporada e os estoques acima do normal. Os cafés Santos 4, sôbre a água, procedentes da Europa, foram vendidos a 86½c/ ex-doca. Os Santos vindos diretamente estiveram firmes em 86c/ FOB. O ágio do café Santos 4 sôbre os colombianos, os quais foram cotados no mercado de embarque de 84¾c/ a 85½c/, dependendo da posição, e a 84½c/ no mercado de físicos, aumentou.

Continuou forte o interêsse dos negociantes pelos cafés colombianos, em virtude das circunstâncias incomuns segundo as quais houve descontos para outros cafés além dos brasileiros, que em geral dão ágio. A excelente segunda safra colombiana está chegando em quantidade. A oferta de cafés brasileiros está escassa, ao passo que as dos outros países, agora com preços atraentes, são bastante abundantes.

Bàsicamente, o mercado atual oferece um campo amplo e firme para negociações, tendo as notícias dos danos causados pelas chuvas no Brasil contribuido para fortalecer o mercado no momento, e as perspectivas gerais de escassez mundial contribuem para o fortalecimento do mercado sob o ponto de vista de longo alcance . Essa situação foi comprovada pelo fato de que o Departamento da Agricultura publicou um relatório sôbre os suprimentos de café, com um ligeiro tom de otimismo, mas o relatório não teve influência sôbre o mercado. Entre os negociantes, prevalece o ponto de vista de que a escassez de suprimentos de café continuará ainda por algum tempo.

O relatório do Departamento de Agricultura, intitulado "Informações relativas à atual situação mundial do café", retifica as cifras publicadas anteriormente pelo mesmo Departamento, sôbre o total da produção mundial do café em 1953, de 40.300.000 sacas de 60 quilos para 40.600.000 sacas. A retificação se baseia nas informações de que o registro de café brasileiro será maior do que se previa, para exportação, bem como em embarques maiores de cafés colombianos. As estimativas atuais, segundo o relatório, são de 1 milhão de sacas abaixo da media anterior à guerra (período de 1935/36 — 1939/40), que foi de 41.600.000 de sacas.

O relatório não faz estimativas para a safra de 1954/1955, mas diz que "as informações recebidas a respeito das condições climatéricas, das plantações adiocionais feitas durante os últimos anos, fazem crer que a produção mundial não diminuirá em 1954/55 e talvez até se aproxime das estimativas atuais para 1952/53". (Estas estimativas são de 40.700.000 sacas). Isso pode parecer otimismo, especialmente em vista do fato de que é ainda cedo para se poder determinar com bastante precisão a extensão da safra mundial. Deve-se recordar que mesmo o relatório mencionado não apresentou uma estimativa da safra mundial para 1954/55.

N.º 21 *O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA* *28 de Maio de 1954*

EL SALVADOR:

Inspeção da colheita: Com o fim de poder ter uma idéia mais ou menos exata das possibilidades da produção seguinte do país, e como tal fato é de grande importância para a vida econômica nacional, o Ministério da Fazenda de El Salvador vai enviar um dos seus peritos em excursão pelo país, através da zona ocidental, onde se localizam grandes fazendas, para que o mesmo faça um cálculo da colheita dêste ano e estabeleça ao mesmo tempo a proporção dos prejuízos causados pelas chuvas excessivas ocorridas durante a época da floração das plantas.

(Diário de Ocidente — El Salvador, 8 de Maio de 1954).

NICARÁGUA:

Importância da embalagem: O café de Nicarágua ganhou $2.00 por quintal nos Estados Unidos (café desembarcado na costa do Pacífico), por terem os cafeicultores dado atenção às reclamações feitas pelo Sr. Neié Hopping, representante da Associação de Café da Costa do Pacífico, o qual viajando pelo país, há seis mêses, chamou a atenção para a embalagem deficiente do café, bem como as marcações e apresentações inadequadas.

(El Gran Diário — Managua, 27 de Abril de 1954).

HAITI:

Conferência da FEDECAME: Entre as resoluções tomadas na Conferência realizada pela "Federeación Cafetalera Centro-America-México-El Caribe" (FEDECAME), figuram as seguintes: 1) Com o fim de se estabelecer uma política econômica do Café; 2) que o Conselho Diretor da FEDECAME realize um estudo segundo o qual estabeleçam preços equitativos para o café; 3) que os países membros estudem a criação e o desenvolvimento de cooperativas agrícolas produtoras de cafés, para se melhorar a economia dos cafeicultores; 4) recompilação e publicação dos dados estatísticos de que a Federação disponha; 5) recomendar aos países americanos a realização, em 1955, de um censo especial do café, sob a orientação de Instituto InterAmericano de Estatísticas, de Washington, acrescentando-se que, em tal censo, se considere a possibilidade de abandonar a unidade "planta" e em seu lugar adotar a unidade "superfície".

(Boletin de FEDECAME, 13 de Maio de 1954).

ESTADOS UNIDOS:

Convenção de Café no Pacífico: John F. McKienan, vice-presidente executivo da National Coffe Association na Convenção Anual da Associação de Café da Costa do Pacífico, declarou que os problemas da indústria cafeeira são os mesmos, a saber: 1) necessidade de mais café; 2) necessidade de combater a possibilidade diminuição do consumo; e 3) aumentar a proporção que toca ao café no mercado fas bebidas.

(G. G. Paton & Co. — 18 de Maio de 1954).

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	*Destinos principais: Dados semanais:* *EE. UU.*	*EUROPA*	*Outros*	*Total*
BRASIL *	22/5/1954	30.000	30.000	19.000	79.000
	15/5/1954	64.000	30.000	36.000	130.000
	23/5/1953	68.000	63.000	29.000	160.000
COLÔMBIA **	22/5/1954	134.102	25.221	—	159.323
	15/5/1954	73.156	1.813	—	74.969
	23/5/1953	73.687	4.374	585	78.646

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos	*Semanas terminadas em:* 22/5/54	15/5/54	23/5/53
BRASIL *	Santos	2.121.000	1.990.000	1.994.000
	Rio	229.000	244.000	120.000
	Vitória	81.000	81.000	45.000
	Paranaguá	490.000 a	505.000 b	1.159.000 c
	Pernambuco	15.000	15.000	4.000
	Bahia	39.000	40.000	15.000
	Angra dos Reis	17.000	17.000	11.000
	TOTAL	2.992.000	2.892.000	3.348.000

COLÔMBIA **	Barranquilla	64.930	70.012	125.090
	Cartagena	38.039	33.204	41.682
	Buenaventura	173.844	183.863	156.206
	Cúcuta	29.788	31.538	129.489
	TOTAL	306.601	318.617	452.467

ESTOQUES NO INTERIOR DE SÃO PAULO (*)

Safra:	*Abril/1954*	*Março/1954*	*Abril/1953*
1951/1952	—	—	2.000
1952/1953	13.000	13.000	1.105.000
1953/1954	1.045.000	1.560.000	—
TOTAL	1.058.000	1.573.000	1.107.000

Despachos ferroviários durante o período de 1/Julho/1953 a 30/Abril/1954, para:

Santos	6.057.000
Rio	108.000
Angra dos Reis	—
Outros ***	1.173.000
	7.338.000

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK (*)

	Países de origem (sacas de pesos diferentes)			
Semana de	*Brasil*	*Colômbia*	*Outros*	*Total*
22/15/1954	175.660	185.566	155.802	517.028
15/5/1954	165.110	176.192	148.827	490.129
23/5/1953	78.957	170.897	131.173	381.027

*) Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York.
**) Federación Nacional de Cafeteros de Colômbia.
***) Inclui sacas do Paraná, de Minas, Mato-Grosso e Goiás.
a) Livres.
b) 504.000 livres e 1.000 retidos.
c) 910.000 livres e 249.000 retidos.

O GOVERNADOR DO ESTADO DE NOVA YORK E OS PREÇOS DO CAFÉ

No dia 12 último, conforme despacho telegráfico dos Estados Unidos, o governador do Estado de Nova York, Thomas Dewey, sugeriu aos novaiorquinos que a melhor campanha que podem fazer contra os elevados preços do café é bebendo mais leite. Recomendando o consumo maior de leite, disse Dewey que se trata de uma bebida "mais sã, barata e abundante". Acrescentou que essa campanha auxiliaria bastante a indústria do leite em Nova York. Dewey, que cria vacas leiteiras em sua fazenda de Pawling, Nova York, é além disso um bebedor de leite e admirador ardoroso dos seus valores alimentícios. "Beber leite — disse Dewey — além de ajudar a resolver o problema do café, seria um fator de equilíbrio para a estabilidade e firmeza da economia geral do Estado." Destacou, também, que a indústria do leite é a pedra angular em que repousa a economia agrícola. Dewey observou que a escassez do café é a consequência direta das geadas que tanto dano causaram aos cafeeiros do Brasil durante o último inverno, e comentou: "Esta consequência será sentida durante vários anos, já que o cafeeiro exige cinco anos para chegar ao grau de amadurecimento e os pés danificados pela geadas provàvelmente não poderão produzir até dentro de dois ou três anos.

O embaixador do Brasil João Carlos Muniz manifestou que a declaração feita pelo governador de Nova York, Thomas Dewey, para que os habitantes do seu Estado bebam mais leite em vez de café, causará enorme dano às relações entre os Estados Unidos e os países produtores de café na América Latina. Disse o sr. Muniz: "Ninguém poderá protestar de que o governador tivesse instado o seu povo a consumir o leite, do qual há excedentes atualmente. Porém, fazê-lo à custa do café, que é a corrente sanguínea da economia dos países vizinhos e amigos, parece-me que socava a política exterior dos Estados Unidos, cujo fim é manter e fomentar a sólida economia nos países amigos, através do mundo. Os povos dos países latino-americanos produtores de café ficarão muito ressentidos com esta ação do governador Dewey, que é desacertada porque afetará desfavoràvelmente a solidariedade do Hemisfério, que hoje é tão vital ao mundo livre". O sr. James M. O'Connor, presidente da Associação Nacional do Café, declarou que o apelo feito pelo governador Thomas E. Dewey ao povo de Nova York, para que consuma mais leite e menos café, pode causar graves prejuízos "a uma grande e respeitável indústria". O'Connor manifestou que o café é o produto de importação mais importante dos Estados Unidos, no que se refere ao valor em dólares, e que muitos operários naquele Estado ganham seu sustento na torrefação, no empacotamento e na distribuição do produto. Num telegrama enviado ao governador, O'Connor diz: "Peço-lhe que estude mais detidamente seu apelo... e que dê à publicidade outra declaração que esclareça os pontos e impeça o golpe injusto, imerecido e completamente injustificado que a sua primeira mensagem pode assestar à indústria do café neste Estado".

(Do "Boletim da Associação Comercial de Santos", 15-5-54).

REGULAMENTO DE EMBARQUE DE CAFÉ

SAFRA 1954-1955

RESOLUÇÃO N.o 51

A Diretoria do Instituto Brasileiro do Café, com fundamento no que dispõe o artigo 13, inciso 1.o da Lei n.o 1.779, de 22 de dezembro de 1952.

RESOLVE tornar público o Regulamento de Embarques para a Safra 1954/1955, adotado pela Junta Administrativa, tendo em vista a decisão do Exmo. Sr. Presidente da República na Exposição de Motivos n.o 982, do Exmo. Sr. Ministro de Estado dos Negócios da Fazenda, conforme consta do Diário Oficial — Seção I (fls. 11.577), desta data:

Art. 1.o — São livres os despachos de café do interior com destino aos portos de exportação e também será feito livremente o transporte do produto dentro do território nacional, ressalvadas as limitações de entradas nos mercados de exportação ou nas localidades que venham a ser determinadas pelo Instituto Brasileiro do Café.

Art. 2.o —Os cafés serão encaminhados aos respectivos portos de destino, a menos que o volume dos despachos ultrapasse a capacidade de escoamento no competente mercado de exportação, caso em que serão recolhidos a Armazéns ou Reguladores dos Estados de procedência, onde aguardarão a época em que tenham de ser liberados.

Art. 3.o — Todos os cafés recebidos a despacho deverão ser transportados pelas emprêsas ferroviárias, rodoviárias, marítimas ou fluviais, ou ainda por transportadores rodoviários, dentro de 30 (trinta) dias, a contar da data do despacho para os portos de destino ou armazéns de retenção, de acôrdo com as instruções do Instituto Brasileiro do Café.

Art. 4.o — Ao chegar ao destino, os cafés destinados a portos de exportação ou localidades que venham a ser fixadas pelo Instituto Brasileiro do Café, e que tenham sido transportados por quaisquer outros meios que não o ferroviário, estarão igualmente sujeitos à fiscalização. Tais cafés deverão ser recolhidos por conta do consignatário às Companhias de Armazéns Gerais, as quais tenham satisfeito prévia e integralmente as condições que o Instituto Brasileiro do Café estabelecer. Esses cafés permanecerão intocáveis nos armazéns do referido Instituto, enquanto sua liberação não fôr autorizada. Para os cafés de qualquer procedência, transportados por via rodoviária e destinados ao pôrto de Santos, êsse armazenamento far-se-á obrigatòriamente na capital de São Paulo, sempre em Companhias de Armazéns Gerais.

§ 1.o — À chegada ao destino ,far-se-á a fiscalização pelos documentos emitidos pelas emprêsas transportadoras e guias ou talões de impostos ou taxas pagas aos Estados de procedência do café, devidamente visados pelos Estados que mantêm no pôrto serviço oficial organizado.

§ 2.o — As companhias de armazéns gerais ficam obrigados a comunicar, diàriamente, ao Instituto Brasileiro do Café, as quantidades recebidas dêsses cafés em seus armazéns, bem como a fornecer ao Instituto as respectivas amostras fiéis para fins de fiscalização e conferência no ato da liberação.

§ 3.o — As companhias de armazéns gerais que se destinarem a receber êsses cafés ficarão sujeitas à fiscalização que o Instituto Brasileiro do Café instituir.

§ 4.o — No caso de inobservância de qualquer dos dispositivos dêste Regulamento por parte de qualquer companhia de armazém geral, o Instituto Brasileiro do Café declarará a inidoneidade da infratora para fins de depósito de café a sua disposição.

§ 5.o — Da declaração de inidoneidade caberá recurso, sem efeito suspensivo, para a Junta Administrativa do Instituto Brasileiro do Café.

§ 6.o — A declaração de inidoneidade não prejudicará a aplicação à infratora das penalidades previstas em leis e regulamentos, podendo o Instituto Brasileiro do Café, inclusive, comunicar a falta aos demais órgãos fiscalizadores a que os infratores estiverem subordinados.

Art. 5.o — Qualquer que seja o meio de transporte utilizado, haverá uma única ordem cronológica para os efeitos da liberação dos cafés de um Estado.

Parágrafo único — Para os cafés despachados por estrada de ferro, tomar-se-á em consideração a data do despacho e para os transportados por qualquer outro meio, a da entrada do café, no destino, na companhia de Armazém Geral, e o conseqüente registro nas Agências do Instituto Brasileiro do Café.

Art. 6.o — As emprêsas transportadoras ficaram obrigadas a remeter ao Instituto Brasileiro do Café relação das quantidades de café recebidas a despacho em cada uma de suas estações, em cada dezena de dias, discriminando:

a) — a Estação de procedência, e

b) — o pôrto de destino.

Essa remessa deverá ser feita no máximo, até 8 (oito) dias após o encerramento da dezena respectiva.

Parágrafo único — O cancelamento de despacho destinado a pôrto de exportação, ou a alteração do destino primitivo, só poderá ser processado mediante prévia solicitação ao Instituto Brasileiro do Café.

Art. 7.o — Os Conhecimentos, Guias de Transportes e quaisquer outros documentos representativos de remessa de cafés para os portos de exportação estão sujeitos obrigatòriamente a registro no pôrto de destino.

§ 1.o — Os documentos sujeitos a registro, de que trata êste artigo, devem ser apresentados para êsse fim ao Instituto Brasileiro do Café, dentro do prazo

de 60 (sessenta) dias, a contar da data de sua emissão, sob pena de considerar-se a data do registro como a do despacho, para o efeito de liberação.

§ 2.o — O Instituto Brasileiro do Café, ao lançar nesses documentos a anotação do registro, apor-lhes-á um carimbo com os dizeres: Safra 1954/55.

Art. 8.o — Fica estabelecido o regime de quotas estaduais de liberação para todo o território nacional. A quantidade de café a ser liberada nos mercados dos portos nacionais para formação de estoques destinados à exportação será proporcional à produção de cada Estado, avaliada pelo Instituto Brasileiro do Café.

Art. 9.o — Na safra 1954/55 os Estados Cafeeiros poderão liberar mensalmente nos portos de exportação as seguintes quantidades:

ESTADOS	QUOTA SEMESTRAL		QUOTA MENSAL	
	Julho a Dezembro	*Janeiro a Junho*	*Julho a Dezembro*	*Janeiro a Junho*
São Paulo	3.973.200	2.648.800	662.200	441.500
Minas Gerais	1.810.300	1.206.700	301.700	201.100
Paraná	1.020.000	680.000	170.000	113.300
Espírito Santo	848.400	565.600	141.400	94.300
Rio de Janeiro	156.000	104.000	26.000	17.700
Goiás	93.000	62.000	15.500	10.300

§ 1.o — As quotas de liberação dos Estados Cafeeiros não indicados no quadro supra serão atribuidas e distribuidas pelo Instituto Brasileiro do Café.

§ 2.o —As quotas mensais de liberação atribuidas a cada Estado não poderão ser antecipadas, podendo, entretanto, ser recuperadas nos meses subseqüentes.

§ 3.o — As quotas Estaduais serão reajustadas mensalmente, a partir de 30 de setembro de 1954 tendo em vista o volume provável das colheitas, evidenciado com o encaminhamento normal dos cafés do interior, para os portos.

Art. 10 — No início da safra, as quotas estaduais ficam assim distribuidas, mensalmente:

ESTADOS E PORTOS	QUOTAS MENSAIS	
	Julho a Dezembro	*Janeiro a Junho*
SÃO PAULO:		
Santos	623.329	415.584
Rio de Janeiro	36.355	24.238
Angra dos Reis	2.516	1.678
MINAS GERAIS:		
Rio de Janeiro	253.820	169.185
Santos	18.736	12.488
Angra dos Reis	21.964	14.640
Vitória	7.180	4.787
PARANÁ:		
Paranaguá	139.355	93.076
Santos	20.825	13.879
Rio de Janeiro	9.520	6.345
ESPÍRITO SANTO:		
Vitória	86.947	57.985
Rio de Janeiro	54.453	36..15
RIO DE JANEIRO:		
Rio de Janeiro	26.000	17.700
GOIAS:		
Santos	6.034	4.010
Rio de Janeiro	6.073	4.035
Angra dos Reis	3.393	2.255

minação do Instituto Brasileiro do Café, que autorizará, sòmente depois de verificar que foram satisfeitos os seguintes requisitos:

§ 1.o — Logo seja conhecido o encaminhamento da produção para os diversos portos, através dos registros de que trata o art. 8.o e divulgado pelo I.B.C. as quotas supra serão reajustadas correspondentemente.

§ 2.o — Para efeito de liberação, a ordem cronológica será respeitada, com a tolerância máxima de 9 (nove) dias dentro dos despachos efetuados na respectiva dezena de dias. Assim, em relação aos cafés despachados entre os dias 1 e 10 de um mês a liberação poderá abranger, indistintamente, qualquer dos despachos efetuados dentro dêsse período.

§ 3.o — Poderão ser atribuidas quotas aos Estados, em qualquer pôrto citado neste artigo, para onde sejam encaminhados os seus cafés.

Art. 11 — Os cafés despachados com a indicação de serem "Despolpados", terão encaminhamento diréto aos portos de exportação, com preferência no transporte. Sua liberação, entretanto, ficará sujeita à expressa deter-

a) — colheita em cereja;
b) — boa sêca;
c) — côr e torração uniformes e características;
d) — tipo não inferior a 4 (quatro), em média de cada lote;
e) — bebida característica.

§ 1.o — Em cada partida serão tolerados, para efeito de liberação, até 20% (vinte por cento) de chatinhos, moquinhas e miúdos, desde que preencham tôdas as caraterísticas supra referidas, exceto o tipo.

§ 2.o — Não gozarão de preferência na liberação os cafés macerados (colhidos sêcos).

§ 3.o — No caso de não preenchimento dos requisitos de que trata êste artigo e seu § 1.o os cafés serão recolhidos à companhia de Armazém Geral, à disposição do Instituto Brasileiro do Café, por conta do consignatário e sua liberação se dará como se fosse café comum. E o mesmo ocorrerá com os cafés macerados.

Art. 12 — As emprêsas transportadoras só poderão admitir a despacho cafés acondicionados em sacaria marcada, que evite tôda a possibilidade de confusão e concorde perfeitamente com as indicações do respetivo Conhecimento ou Guia de Transporte.

Art. 13 — As emprêsas transportadoras que emitirem conhecimentos sem o efetivo recebimento dos cafés declarados nêsses documentos, sem prejuizo das sanções penais, será aplicada a multa de quinheitos cruzeiros (Cr$ 500,00) por saca e do dôbro em caso de reincidência. Em igual penalidade incorrerão as pessoas físicas ou jurídicas coniventes na infração.

Art. 14 — A infração aos dispositivos dêste Regulamento dará lugar a imposição de multa de dez cruzeiros (Cr$ 10,00) a cem cruzeiros (Cr$ 100,00) por saca de café, calculada sôbre o total da remessa a que se referir a infringência.

Art. 15 — As infrações dos dispositivos dêste Regulamento serão apuradas nos têrmos da legislação vigente, em processo administrativo iniciado com auto de infração.

§ 1.o — O auto de infração será circunstanciado com informação completa da infração arguida e capitulação precisa dos dispositivos infringidos.

§ 2.o — Lavrado o auto de infração, e não se declarando ciente o infrator, caberá a autoridade antuante certificar essa recusa. Neste caso, far-se-á a intimação por carta registrada ou por edital, com prazo de 20 dias, publicado no "Diário Oficial", se incerto o enderêço do autuado.

§ 3.o — Terá o autuado o prazo de 30 dias para se defender, contado de sua ciência ou da publicação oficial do edital de intimação. Em se tratando de intimação por carta registrada, o prazo de defêsa será contado da efetiva entrega da carta pelo Correio.

§ 4.o — Expirado o prazo de que trata o parágrafo anterior, os autos serão conclusos a Diretoria do Instituto Brasileiro do Café para julgamento.

§ 5.o — Da decisão da Diretoria caberá recurso, sem efeito suspensivo para a Junta Administrativa, mediante prévio depósito da multa aplicada.

Art. 16 — Os despachos de café da safra 1954/1955 terão início a 1.o de julho de 1954 e terminarão a 30 de abril de 1955.

Rio de Janeiro, 30 de junho de 1954.

Escoamento da safra Cafeeira — 1954/1955
Transporte Ferroviário

Estando afeto a esta Superintendência dos Serviços do Café do Estado de São Paulo — segundo dispositivos de leis federais e estaduais e pela transferência — que lhe foi feita, recentemente para o escoamento da safra 1954/1955, pelo Instituto Brasileiro do Café (I.B.C.), o encargo de cumprir e fazer cumprir, em todo território deste Estado, as disposições vigentes relativas aos serviços do café, tais como os do seu despacho, embarque, transporte, armazenamento e liberação após o cumprimento das exigências fiscais, bem como o da verificação do conhecimento dessa Estrada que tôdas as comunicações, avisos e autorizações, referentes a tais serviços, serão feitas por esta Superintendência, ficando desde logo estabelecidas as seguintes:

INSTRUÇÕES COMPLEMENTARES AO REGULAMENTO DE EMBARQUES E REFERENTE AOS DESPACHOS FERROVIÁRIOS COM DESTINO AOS PORTOS DE SANTOS, RIO DE JANEIRO, E ANGRA DOS REIS:—

1. — O café despachado na primeira dezena de julho, deverá seguir diretamente ao destino, para liberação dentro das quotas atribuidas, devendo o excedente ser recolhido aos Armazéns Reguladores.

1. — O café despachado na pri- "Despolpado" deverá seguir diretamente ao destino, qualquer que seja a dezena em que tenha sido efetuado o despacho, de acôrdo com o art.o 11.o e seus §§ do Regulamento de Embarques.

3. — Todo o café apresentado a despacho em estações situadas dentro do território do Estado de São Paulo é considerado paulista... salvo prova em contrário, feita junto á Superintendência dos Serviços do Café.

4. — A empilhação dos cafés nos armazéns reguladores deverá ser feita de modo à facilitar a saída, em época oportuna, pela ordem... cronológica das dezenas.

5. — As segundas vias das notas de consignação, a serem enviadas a esta Superintendência, deverão conter tôdas as declarações feitas pelas estradas nos respectivos conhecimentos ferroviários. Esta exigência abrange, também, os cafés dos outros Estados, quando destinados ao Pôrto de Santos.

6. — As relações de despachos de que trata o artigo 6.o do Regulamento deverão ser enviadas simultâneamente a esta Superintendência e ao Instituto Brasileiro do Café, á rua Brigadeiro Tobias n.o 258, nesta Capital, dentro do prázo de 8 dias.

7. — As alterações de destino de que trata o § único do art.o 6.o do Regulamento, bem como os cancelamentos de despachos, deverão... ser, prèviamente, solicitadas pelas partes a esta Superintendência, que transmitirá instruções às Estradas de Ferro.

8. — Os despachos de café paulista, crú, torrado e torrado-moído, para outros Estados e para pontos situados a menos de 50 quilômetros

dos limites deste Estado, excluidos os portos, só poderão ser efetuados mediante autorização prévia desta Superintendência.

9. — Por estarem sujeitos ao pagamento da taxa de viação devida a esta Superintendência, os cafés crú, torrado e torrado-moído, procedentes de outros Estados e com destino a qualquer ponto do território deste, só poderão ser entregues aos consignatários mediante "visto" desta Superintendência, nos respectivos conhecimentos.

10. — Nos conhecimentos e guias de transportes deverá constar, a tinta vermelha, impresso ou a carimbo, bem visível, o número correspondente á dezena do despacho, em ordem crescente, como se exemplifica: — 1.a-7-54; 2.a-7-54; 3.a-7-54; 1.a-8-54; 2.a-8-54; 3.a-8-54; 1.a-10-54; 2.a-10-54; 3.a-10-54; 1.a-1-55; 3.a-3-55; até 3.a-4-55.

11. — Afim de uniformizar os elementos de contrôle estatísticos, a saca de café recebida a despacho deverá ser aceita com o pêso de 60,5.

12. — As exigências fiscais relativas ao Estado de São Paulo, de acôrdo com os Decretos nrs. 22.022 de 31-1-53, e 20.713 de 30-8-51, são as referentes aos impostos sôbre "vendas e consignações" e do sêlo "Advalorem".

Assim, as Estradas de Ferro deverão exigir e arrecadar no áto do despacho de cafés para outros Estados, as segundas vias de Nota Fiscal, ou do documento de Simples Remessa do produtor, e a guia de remessa (Modê-lo — 1 — da Secretária da Fazenda) todos devidamente visados pelo Pôsto Fiscal da Secretaria da Fazenda, do local ou localidade mais próxima. — Na Capital, o "visto" exigido será o da 1.a Inspetoria Fiscal, rua Brigadeiro Tobias n.o 251, 1.o andar.

13. — As Notas e Guias arrecadadas, de acôrdo com o item 12, deverão ser enviadas a Superintendência dos Serviços do Café, sita no Largo da Misericordia n.o 24 — São Paulo — juntamente com as segundas vias das Notas de Consignações, item 5, até dez dias após o termino de cada dezena.

14. — A verificação de tipo e qualidade do café, será feita no destino, ou onde fôr julgado conveniente pela S.S.C..

São Paulo, 30 de junho de 1954.

MILTON AZEVEDO NOGUEIRA
Gerente-substituto

FRANCISCO JULIO CONCEIÇÃO JUNIOR
Chefe do Departamento Fiscalização — Substituto

SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ
ESCOAMENTO DA SAFRA CAFEEIRA 1954/1955
TRANSPORTE RODOVIÁRIO

Estando afeto a esta Superintendência dos Serviços do Café do Estado de São Paulo — segundo dispositivos de leis federais e estaduais e pela transferência que lhe foi feita, recentemente para o escoamento da safra 1954/1955, pelo Instituto Brasileiro do Café (I.B.C.), o encargo de cumprir e fazer cumprir, em todo o território deste Estado, as disposições vigentes relativas aos serviços do café, tais como os do seu despacho, embarque, transporte, armazenamento e liberação, após o cumprimento das exigências fiscais, bem como o da verificação do seu tipo e qua-

lidade, conforme os casos em aprêço, levamos ao conhecimento dessa Companhia que tôdas as comunicações, avisos e autorizações, referentes a tais serviços, serão feitos por esta S.S.C. ficando desde logo estabelecidas as seguintes:—

INSTRUÇÕES COMPLEMENTARES AO REGULAMENTO DE EMBARQUES E REFERENTE AOS DESPACHOS FERROVIÁRIOS COM DESTINO AOS PORTOS DE SANTOS, RIO DE JANEIRO, E ANGRA DOS REIS:—

1. — O café transportado pelas rodovias do Estado de São Paulo, com destino ao pôrto de Santos, e o paulista com destino aos portos do Rio de Janeiro e de Angra dos Reis, na primeira dezena de julho, deverão obedecer à seguinte orientação:—

a) — Os interessados deverão solicitar na S.S.C. a possibilidade do encaminhamento direto, dentro das quotas estabelecidas. No caso de não haver quota deverá o café ser encaminhado á Armazéns Gerais;

b) — os caminhões carregados com café deverão, obrigatòriamente passar pelo Pôsto Fiscal da S.S.C., na rua Monsenhor Andrade nrs. 746, acompanhados da documentação fiscal relativa aos impostos devidos ao Estado, onde será verificado o tipo e qualidade do café;

c) — após essa verificação e aposição do "visto" pelo fiscal, deverá o transportador do café paulista apresentar essa documentação á rua Brigadeiro Tobias n.o 251 - 1.o andar, 1.a Inspetoria fiscal da Capital — para verificação de quitação dos impostos, e obtenção do correspondente "visto";

d) — após essas providências deverá dirigir-se ao Largo da Misericordia n.o 24 - 5.o andar — para o pagamento da taxa de viação e obtenção da "Guia de Trânsito" para o seguimento do café ao destino;

e) — a documentação referida deverá ser apresentada nos Postos de Fiscalização da Via Anchieta ou da Presidente Dutra;

2. — De acordo com o art.o 4.o do Regulamento de Embarques, para o encaminhamento ao pôrto do Rio de Janeiro e Angra dos Reis, prevalecerá a orientação do item 1) para todo o período da safra 54/55, devendo o café ser encaminhado obrigatòriamente ás Companhias de Armazéns Gerais, que tenham satisfeito as condições estabelecidas pelo I.B.C.

3. — Para o encaminhamento ao Pôrto de Santos, prevalecerá a orientação do item 1), até que surja a necessidade de retenção, estabelecida no item 4.

4. — Ainda de acôrdo com o art.o 4.o do Regulamento de Embarques, a retenção dos cafés destinados a Santos deverá ser feita nesta Capital, em Armazéns Gerais que tenham satisfeito as condições estabelecidas no item 5.

5. — Os Armazéns Gerais, depositários de cafés despachados, por via rodoviária, com destino a Santos, deverão obedecer ás seguintes instruções: —

a) — facilitar a fiscalização dos tipos e qualidades, no áto da entrada do café nos armazéns;

b) — comunicar imediatamente ao Departamento de Fiscalização da S.S.C., com todos os característicos do lote despachado, inclusive enviar amostras para fins de contrôle e regis-

tro, arts. 4.o e seus §§. 7.o e 8.o do Regulamento de Embarques;

c) — a empilhação deverá ser feita de maneira a facilitar a saída pela ordem cronológica do embarque;

d) — A S.S.C. comunicará ás Companhias a quota diária de liberação que couber aos cafés nelas armazenados;

e) — com a necessária antecedência as Companhias providenciarão o recolhimento da taxa de viação, na base de Cr. $5,90 para cada saca de 60,5 quilos indicando nesse áto e por escrito a Companhia Transportadora, número do caminhão e nome do motorista; após o que será expedida a Guia de Trânsito, dentro da quota atribuida e mediante o "visto" a que se refere o item 1), elínea *b;*

f) — a guia de trânsito deverá ser utilizada no seu prazo de validade (treis dias), considerando-se caduca após o referido prazo, devendo ser devolvida para revalidação, sendo esta sòmente providenciada no fim da entrada da dezena a que se referír;

g) — em cada Companhia haverá um fiscal permanente, no horário regulamentar do seu funcionamento, ao qual será facilitada tôda a fiscalização que fôr julgada necessária;

h) — nenhum café poderá sair do armazém com destino ao pôrto, sem assistência do fiscal que após conferir a quantidade de sacas, marca, etc....., aporá seu "visto" na Guia de Trânsito correspondente.

6. — A guia de trânsito será emitida em quatro vias, devendo o original acompanhar a remessa para ser exibida obrigatòriamente, nos Postos de Fiscalização, para a necessária fiscalização, conferência e visto, sendo lavrado o competente Auto, nos casos de infração de dispositivos regulamentares.

7. — O horário de passagem no Pôsto será das 8 às 17 horas, nos dias úteis, devendo o transportador, facilitar as conferências que forem determinadas pela S.S.C. ou I.P.C., retendo-se o caminhão nos casos de desobediência.

São Paulo, 30 de junho de 1954.

MILTON AZEVEDO NOGUEIRA
Gerente-substituto

FRANCISCO JULIO CONCEIÇÃO JUNIOR
Chefe do Depart.º de Fiscalização — Substituto

O CAFÉ NA ETIÓPIA

Notícias procedentes da Etiópia e divulgadas em Nova York informam que a Etiópia, onde possìvelmente surgiu o café, inicia atualmente um grande programa para a expansão da produção da rubiácea. O café é o principal produto de exportação daquele país — 43.000 toneladas foram exportadas no ano passado. Ao que se anuncia, dia 2 de junho o imperador Hailé Selassie conferenciou com um grupo de inversionistas norte-americanos procurando despertar o seu interêsse pelo cultivo do café no seu país. Na região cafeeira de Jimma funciona um centro de pesquisas, com assistência técnica dos Estados Unidos. Menos da metade das safras etíopes provem de plantações, provindo o restante de cafeeiros silvestres espalhados em uma grande área. Por essa razão acredita-se que há um desperdício anual de mais de 30.000 toneladas do produto.

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ: — Segundo comunicado do Instituto Brasileiro do Café, foi a seguinte a exportação brasileira de café, em junho último:

Portos de exportação	*Exterior*	*Consumo de bordo*	*Cabotagem*	*Total*
Santos	190.345	310	130	190.785
Rio de Janeiro	108.521	69	470	109.060
Vitória	61.142	2	20.840	81.984
Paranaguá	31.781	—	1.283	33.064
Salvador	3.311	—	2.645	5.956
Recife	975	19	—	994
Angra dos Reis	—	—	—	—
Total	396.075	400	25.368	421.843

Obs.: — Cifras sujeitas a retificação.

PRECEITO DO DIA

ALEGRIA E BOM HUMOR

E' preciso que se pense com cuidado na saúde do espírito, isto é, formação ou na conservação de uma personalidade sadia. Nisso tem grande influência o ambiente de casa, pelos exemplos de cada momento.

Eduque seus filhos em meio de alegria e bom humor, evitando na presença dêles, recriminações, asperezas e manifestações de impaciência, tristeza ou violência. — SNES.

90% DAS CRIANÇAS BRASILEIRAS SOFREM DE VERMINOSE

Imagine-se esta cena: numa casa rica, cheia de tapetes persas e candelabros de cristal, um médico, depois de examinar uma criança doente, diz para uma senhora elegante e bem vestida que está ao seu lado:

— Pois é, d. Matilde, o seu filhinho está com Verminose.

A senhora empalidece e contesta:

— Não é possível, Dr.! Onde êle teria apanhado isso? Êle come do bom e do melhor. Anda limpo e bem vestido.

Vê-se que a pobre senhora está horrorizada. Ela não sabe, no entanto, que o Joãozinho, quando não está sob a sua vigilância, tira os sapatos para brincar descalço na casa do visinho...

Ela não sabe, também, que entre 10 crianças brasileiras, 9 sofrem de verminose.

No entanto, se a mesma cena se tivesse passado num lar pobre, a atitude da mãe da criança teria sido muito diferente. Seria uma atitude de resignação, de aceitação a "barriga d'água" é coisa comum entre as classes mais desfavorecidas. E até o dia em que a educação sanitária se torne uma coisa tão corriqueira como arroz e feijão, os malefícios da Verminose continuarão a atingir milhares e milhares de crianças.

Como se vê, o problema existe tanto para os ricos como para os pobres, tanto para a população rural como para a população urbana; a proporção, porém, não é a mesma. As estatísticas demonstram que cêrca de 90% da população rural sofre de Verminose. Em relação às populações urbanas o coeficiente baixa, mas o perigo não cessa, pois onde houver águas estagnadas, falta de esgôtos e de instalações sanitárias, lá estarão proliferando aos milhões os germes da Verminose. Êles também encontram ambiente propício para proliferar nas favelas, nas "cabeças de porco", mas habitações coletivas que não dispõem de perfeitos requisitos de higiene.

Foi por isso que o Departamento Nacional da Criança resolveu escolher para tema da Semana da Criança de 1954 essa insidiosa inimiga da saúde do povo brasileiro: a Verminose na Infância. A Semana da Criança dêste ano — de 10 a 17 de Outubro — será um grito de alerta contra os malefícios da Verminose que atingem tão duramente os nossos próprios filhos. Tôdas as mães devem saber que quando os seus filhos estão atacados de Verminose, êles estão tão doentes como quando atacados por qualquer doença considerada grave. Com Verminose, as chances das crianças crescerem fortes e úteis à coletividade são muito limitadas.

Que é que se deve fazer para deter o avanço dêsses vermes contra os nossos próprios filhos? Que fazer para deter os malefícios que êles fazem ao nosso povo, a nós mesmos, em particular? E' preciso fazer alguma coisa. Vejamos qual o caminho a seguir.

Antes de tudo, devemos lutar com todo afinco para que cessem as deficiências provenientes da falta de ins-

talações sanitárias condignas ao longo de nosso país. Para que todos os detritos e imundíces tenham local adequado para os seus despejos, por meio de esgôtos. Onde há sujeira, há verminose. Onde há 100% de falta de higiene, há 100% de infectados por Verminose. Onde a ação dos Departamentos de Saúde e dos Postos de Saúde se faz sentir, a situação melhora imediatamente. Nêsse sentido, louváveis realizações, como a do Serviço Especial da Saúde Pública (SESP), têm prestado imensos serviços na luta contra a Verminose.

V. quer proteger-se, de verdade, contra a Verminose? V. quer evitar que ela contamine os seus filhos e parentes? Dote sua casa (e as adjacências dela) de boas condições sanitárias. Evite que fezes sejam jogadas nas suas proximidades. Lembre-se também de que cada casa deve ter uma privada. Cerque os seus filhinhos destas precauções: ensine-os a usarem a privada e, em seguida, a lavarem as mãos, ensine-os a não andarem descalços e não brincarem perto de lugares úmidos e de águas estagnadas.

O crescimento dos vermes obedece a um ciclo determinado. E êles entram no corpo humano pela pele ou pela bôca, como um pequeno óvulo. Uma vez *ancorado* no intestino grosso, no fígado e noutros órgãos, cresce, põe ovos e é expelido do corpo humanos nas fezes. Por isso, êles são tão maléficos para a saúde.

Para V. ter certeza de que seus filhos e V. mesma não estão atacados pela Verminose, visite periòdicamente o Centro de Saúde da localidade em que V. mora. Os médicos farão os exames necessários. Isso não basta, porém. E' preciso que todos nós façamos durante a Semana da Criança a nossa própria campanha contra os perigos da Verminose. Transmita às suas vizinhas e demais amigas os seus conhecimentos sôbre a Verminose. Não se esqueça. A verminose não encontra campo de ação onde prevalecem os preceitos de higiene e uma boa educação sanitária.

(Noticiário gentilmente cedido pela Johnson & Johnson)

Falta de instalações sanitárias, águas estagnadas, são dois fatores que contribuem para a verminose. Ajude a campanha da Semana da Criança, fazendo a sua parte para eliminar êstes males. — (Foto de J. Herrara, cedida pela Johnson & Johnson).

Estatistica

ANO XX — São Paulo, 15 de junho de 1954 — N.o 341

DADOS COLIGIDOS PELO DEPARTAMENTO DE FISCALIZAÇÃO
SAFRA 1953/1954

1) CAFÉ PAULISTA DESPACHADO PARA SANTOS

Estradas de Ferro	Julho à Abril
Santos a Jundiaí	126.570
Sorocabana	958.730
Paulista	2.211.947
Mogiana	762.703
Araraquara	774.333
Noroeste do Brasil	1.218.566
Central do Brasil	708
Estradas de Rodagem	3.600
TOTAL	6.057.157
SAFRA 52/53	6.792.628

NOTA: — Os despachos nas EE. FF. acima incluem os das suas respectivas tributárias.

2) CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO A OUTROS PORTOS

DESPACHADO	Rio de Janeiro		Angra dos Reis		TOTAIS
	Ferrov.	Rodov.	Ferrov.	Rodov.	
julho/abril	34.737	73.255	—	—	107.992
Total	34.737	73.255	—	—	107.992

CAFÉ DE OUTROS ESTADOS DESPACHADOS COM DESTINO A SANTOS:

Estados Produtores	Julho/Abril
Paraná	582.804
Minas Gerais	503.798
Goiás	76.569
Mato Grosso	4.780
Espírito Santo	2.000
TOTAL	1.169 951
SAFRA 52/53	766.813

MOVIMENTO DE CAFÉ DESTINADO A SANTOS
SAFRA 1953/1954 (ATÉ 31 DE MAIO DE 1954)

Paulista	Despachado	Liberado	Cancelado Dest. Altr.	A liberar
Anteriores	5.011.063	5.010.502	561	—
1.ª dez. novembro ..	175.273	175.273	—	—
2.ª " " ..	168.809	168.809	—	—
3.ª " " ..	138.091	138.091	—	—
1.ª " dezembro ..	99.248	99.248	—	—
2.ª " " ..	85.106	82.645	1.500	961
3.ª " " ..	68.829	56.808	131	11.890
1.ª " janeiro ..	18.647	14.048	—	4.599
2.ª " " ..	58.454	18.358	—	40.096
3.ª " " ..	38.519	—	—	38.519
1.ª " fevereiro ..	14.877	—	—	14.877
2.ª " " ..	17.833	—	—	17.833
3.ª " " ..	17.256	—	—	17.256
1.ª " março ..	16.360	—	—	16.360
2.ª " " ..	25.403	—	38	25.365
3.ª " " ..	34.323	—	—	34.323
1.ª " abril ..	18.629	—	—	18.629
2.ª " " ..	6.641	—	—	6.641
3.ª " " ..	33.277	—	—	33.277
Total	**6.046.638**	**5.763.782**	**2.230**	**280.626**
Despolpado	**6.919**	**6.919**	—	—
Rodoviário	**3.600**	**2.323**	**1.277**	—
Total Geral	**6.057.157**	**5.773.024**	**3.507**	**280.626**
Outros Estados (até 31-maio-54)				
Paranaênse	582.804	517.709	—	65.095
Mineiro	503.798	439.859	140	63.799
Goiano	76.569	71.608	400	4.561
Matogrossense	4.780	1.780	—	3.000
Espiritosantense	2.000	2.000	—	—
Total	**1.169.951**	**1.032.956**	**540**	**136.455**

Cancelamento	610 scs.
Destino Alterado	1.620 "
	2.230 "

Safra 50/51 — Por liberar dependendo de Ação Judicial	1.080 scs.
Safra 51/52 — Apreendido	1.000 "
Safra 52/53 — Apreendido	12.930 "
Trânsito Especial	409 "

Esta publicação retifica as anteriores

EMBARQUES DE CAFÉ POR PAÍSES, PELO PÔRTO DO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE MAIO DE 1954

CONTINENTES:	PAÍSES	SACAS	TOTAIS
EUROPA:	Alemanha	2.050	
	Áustria	432	
	Bélgica	2.100	
	Dinamarca	1.859	
	Finlândia	8.704	
	França	6.262	
	Grã-Bretanha	3.000	
	Grécia	5.879	
	Itália	1.110	
	Iugoslávia	1.045	
	Noruega	200	
	Tchecoslováquia	2.541	
	Trieste	375	35.557
AMÉRICA DO NORTE: ..	Estados Unidos	2.798	2.798
AMÉRICA DO SUL:	Argentina	39.664	
	Chile	1.358	
	Uruguai	2.483	43.505
ÁFRICA:	Moçambique	30	
	U. S. Africana	2.950	2.980
ÁSIA:	Transjordânia	166	
	Turquia	20.823	20.989
	Total para o exterior: ...		105.829
CABOTAGEM:	Sul	100	100
	TOTAL GERAL:		105.929

Consumo de bordo — 47 sacas.

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

ABRIL DE 1954

Sacas de 60 quilos

Portos de embarques	*Exterior*	*Consumo de bordo*	*Cabotagem*	*Total*
Abril de 1954:				
Santos	475 757	340	25	476 122
Paranaguá	179 797	—	1 732	181 529
Rio de Janeiro	237 617	59	350	238 026
Vitória	87 995	—	17 296	105 291
Angra dos Reis	—	—	—	—
Recife	4 391	25	—	4 416
Salvador	12 110	—	7 900	20 010
TOTAL	997 667	424	27 303	1 025 394
Janeiro	1 125 470	483	17 231	1 143 184
Fevereiro	994 393	348	17 150	1 011 891
Março	1 375 456	363	29 509	1 405 328
Total de Janeiro a Abril	4 492 986	1 618	91 193	4 585 797

MAIO DE 1954

Sacas de 60 quilos

Maio de 1954:				
Santos	224 274	213	85	224 572
Paranaguá	92 196	—	—	92 196
Rio de Janeiro	105 829	47	100	105 976
Vitória	46 043	—	13 017	59 060
Recife	1 688	22	—	1 710
Salvador	3 645	—	1 941	5 586
Total	473 675	282	15 143	489 100
Janeiro	1 125 470	483	17 231	1 143 184
Fevereiro	994 393	348	17 150	1 011 891
Março	1 375 456	363	29 509	1 405 328
Abril	997 667	424	27 303	1 025 394
Total de Jan. a Maio	4 966 661	1 900	106 336	5 074 897

NOTA:— Cifras sujeitas á retificação

CAFÉ DISPONÍVEL NOS PORTOS DE EXPORTAÇÃO DO BRASIL

1 9 5 4	Santos	R. Janeiro	Vitória	Bahia	Paranaguá	A. dos Reis	Recife	Total
Janeiro	1 706 822	349 628	51 506	3 841	624 475	11 590	19 472	2 767 334
Fevereiro	1 822 948	556 127	75 174	6 504	634 493	4 906	20 953	3 121 105
Março	1 715 331	358 284	77 322	6 225	556 901	—	17 997	2 732 060
Abril	1 836 244	224 798	43 169	17 213	507 831	—	15 750	2 645 005
Maio	2 233 149	220 366	45 344	18 092	445 485	—	12 828	2 975 264
Maio: 1953	1 962 411	56 041	12 454	6 045	790 122	—	5 488	2 832 561
" 1952	1 690 656	704 011	56 126	8 036	269 702	20 168	11 132	2 759 831
" 1951	1 564 710	585 792	19 001	13 437	399 901	10 149	19 957	2 612 947
" 1950	1 615 996	636 039	48 197	29 448	81 444	15 484	30 953	2 457 561

CAFÉ DISPONÍVEL NOS PORTOS DE EXPORTAÇÃO DO BRASIL

1 9 5 4	Santos	R. Janeiro	Vitória	Bahia	Paranaguá	A. dos Reis	Recife	Total
Janeiro	1 706 822	349 628	51 506	3 841	624 475	11 590	19 472	2 767 334
Fevereiro	1 822 948	556 127	75 174	6 504	634 493	4 906	20 853	3 121 105
Março	1 715 331	358 284	77 322	6 225	556 901	—	17 997	2 732 060
Abril	1 836 244	224 798	43 169	17 213	507 831	—	15 750	2 645 005
Abril 1953	1 847 122	99 635	29 094	6 280	99 635	--	8 728	2 090 494
" 1952	1 819 046	700 638	52 623	5 971	489 312	27 003	10 771	3 105 364
" 1951	1 591 003	650 954	23 444	13 296	422 871	11 094	26 241	2 738 903
" 1950	1 690 389	632 180	64 843	29 487	132 920	20 612	27 085	2 597 516

RELAÇÃO DO CAFÉ EXPORTADO PELO PÔRTO DO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE MAIO DE 1954

DATA	Europa	América Norte	América Sul	África	Ásia	Cabotagem	TOTAL
3	—	—	—	1.730	—	—	1.730
4	—	—	2.925	—	—	—	2.925
5	937	—	—	—	—	—	937
6	375	—	—	—	—	—	375
7	—	—	7.662	—	—	—	7.662
8	3.580	—	—	—	18.747	—	22.327
10	625	—	1.358	—	—	—	1.983
11	1.859	—	—	—	—	—	1.859
12	—	—	1.250	—	—	—	1.250
14	—	—	4.781	—	—	—	4.781
15	925	—	—	—	—	—	925
17	4.884	—	2.083	—	2.242	—	9.209
18	9.428	—	1.289	—	—	—	10.717
19	2.425	—	1.316	—	—	—	3.741
21	—	798	8.002	—	—	—	8.800
22	1.475	1.500	—	—	—	—	2.975
24	500	—	—	—	—	—	500
25	2.012	—	3.980	—	—	—	5.992
26	750	—	—	—	—	100	850
27	5.532	500	—	—	—	—	6.032
29	—	—	7.687	—	—	—	7.687
31	250	—	1.172	1.250	—	—	2.672
TOTAL	35.557	2.798	43.505	2.980	20.989	100	105 929

RQUES					
otagem	Total	Revertido ao mercado	Retirado do mercado	Consumo local	Existência
—	1 730	—	—	—	236 396
—	2 925	—	—	—	240 346
—	937	—	—	—	248 536
—	375	—	—	—	249 721
—	7 662	—	—	—	247 074
—	22 327	—	—	—	224 747
—	1 983	—	—	—	226 684
—	1 859	—	—	—	230 835
—	1 250	—	—	—	235 055
—	—	—	—	—	244 030
—	4 781	—	—	—	246 358
—	925	—	—	20 000	225 433
—	9 209	—	—	—	226 646
—	10 717	269	—	—	218 078
—	3 741	—	—	—	233 056
—	—	—	—	—	239 206
—	8 800	—	—	—	234 839
—	2 975	—	100	—	231 764
—	500	—	200	—	237 761
—	5 992	—	—	—	241 220
100	850	—	—	—	245 135
—	6 032	—	—	—	244 767
—	—	—	—	—	246 922
—	7 687	—	—	—	239 235
—	2 672	—	47	20 000	220 366
100	**105 929**	**269**	**347**	**40 000**	—

COTAÇÕES DE CAFÉS BRASILEIROS NO DISPONÍVEL DE NOVA YORK

MAIO DE 1954

(Em cents por libra 453,60 gr.)

DIA	SANTOS		RIO
	Tipo 2 extra mole	Tipo 4 extra mole	Tipo 7
3	88 00	n/cot	—
4	86 50	"	—
5	85 00	"	—
6	84 00	"	—
7	84 00	"	—
10	86 00	"	—
11	86 50	"	—
12	87 00	"	—
13	n/cot	85 00	—
14	"	86 50	—
17	"	86 50	—
18	88 50	87 00	74 75
19	88 25	86 75	74 75
20	90 50	89 00	75 75
21	90 00	88 00	75 75
24	90 00	88 00	75 75
25	89 25	87 00	75 00
26	89 25	87 00	75 00
27	89 00	86 50	73 50
	89 25	86 75	73 50
Média	**87 70**	**87 00**	**74 86**

COTAÇÃO DO DISPONIVEL EM NOVA YORK
Maio de 1954 — Cafés Estrangeiros

PROCEDÊNCIA	5	12	19	26	Média
COLÔMBIA:					
Medelin Excelso	(2) 86 1/4	(2) 86 00	(2) 85 00	(2) 84 3/4	85 1/2
Armenia	(2) 86 1/4	(2) 86 00	(2) 85 00	(2) 84 3/4	85 1/2
Manizales	(2) 86 1/4	(2) 86 00	(2) 85 00	(2) 84 3/4	85 1/2
Cucutá	(2) 86 00	(2) 85 3/4	(2) 84 3/4	(2) 84 1/2	85 1/4
Bogotá	(2) 86 00	(2) 85 3/4	(2) 84 3/4	(2) 84 1/2	85 1/4
Tolima	(2) 86 00	(2) 85 3/4	(2) 84 3/4	(2) 84 1/2	85 1/4
Ocana	(2) 86 00	(2) 85 3/4	(2) 84 3/4	(2) 84 1/2	85 1/4
COSTA RICA:					
Hard	n/cot.	n/cot.	n/cot.	n/cot.	n/cot.
Atlantic	"	"	"	"	"
CUBA:					
Lavado bom	"	"	"	"	—
Lavado Regular	"	"	"	"	—
EQUADOR:					
Lavado	(6) 86 00	(6) 86 00	(6) 86 00	—	86 00
Extra não lavado	(6) 86 00	(6) 78 00	(6) 78 00	(6) 76 00	79 1/2
GUATEMALA:					
Antigua	n/cot.	n/cot.	n/cot.	n/cot.	—
Extra primeira	"	"	"	"	—
Lavado bom	"	"	"	"	—
Bourbon	"	"	"	"	—
HAITI:					
Lavado bom móle	(6) 85 00	(6) 84 00	(6) 82 1/2	(6) 84 00	83 13/16
Catado à mão	(6) 83 00	(6) 83 00	(6) 80 1/2	(6) 82 00	82 1/8
HONDURAS:					
Lavado bom	n/cot.	n/cot.	n/cot.	n/cot.	—
Tipo 5 - Comum duro ..	"	"	"	"	—
JAMAICA:				"	
Lavado	"	"	"	"	—
Comum bom	"	"	"	"	—
MÉXICO:					
Coatepec	"	"	"	"	—
Tapachula primeira ...	"	"	"	"	—
Maragogipe	"	"	"		—

COTAÇÃO DO DISPONIVEL EM NOVA YORK
Maio de 1954 — Cafés Estrangeiros

PROCEDÊNCIA	5	12	19	26	Média
NICARAGUA:					
Matagalpa	n/cot.	n/cot.	n/cot.	n/cot.	—
Lavado primeira	„	„	„	„	—
EL SALVADOR:					
Lavado primeira	„	„	„	„	—
Não lavado	„	„	„	„	—
S. DOMINGOS:					
Lavado bom mole	(6) 85 00	(6) 84 00	(6) 83 1/4	(6) 84 00	84 1/16
Fino	n/cot.	n/cot.	(6) 82 3/4	(6) 83 00	82 4/8
VENEZUELA:					
Maracaibo	(6) 86 00	(6) 84 1/2	(6) 84 00	(6) 84 00	84 5/8
Trujillo	n/cot.	n/cot.	n/cot.	n/cot.	—
CONGO BELGA:					
Lavado robusta	n/cot.	n/cot.	n/cot.	n/cot.	—
Natural robusta	(6) 68 00	„	„	(6) 69 00	68 1/2
KENYA:					
Lavado A	n/cot.	„	„	n/cot.	—
Lavado R	„	„	„	„	—
MOÓCA:					
Moóca (Arábia)	(6) 87 00	„	„	(6) 86 00	86 1/2
N. E. I.:					
Genuino Java Lavado	(6) 90 00	„	„	(6) 90 00	90 00
Lavado robusta	n/cot.	„	„	n/cot.	—
TANGANYIKA:					
Lavado A	„	„	„	„	—
UGANDA:					
Lavado	„	„	„	„	—

INDICAÇÕES:
1) C. & F. — U. S. A.
2) Desembarcado a vista líquido
3) Disponível
4) F. O. B. Nova York
5) F. O. B. País de Procedência
6) Nominal

COTAÇÕES DE CAFÉS NO DISPONÍVEL EM SANTOS, RIO DE JANEIRO E VITÓRIA

(Em cr$ por 10 quilos) — Maio de 1954

Dia	SANTOS			RIO	VITÓRIA
	Estilo Santos tipo 4	Estilo Santos Riado tipo 4	Sem descrição tipo 4	Tipo 7	Tipo 7
3	433 50	412 50	375 50	350 00	280 20
4	428 50	408 50	373 50	350 00	278 00
5	423 50	405 00	370 00	350 00	276 00
6	419 50	403 00	366 50	345 00	273 00
7	420 00	402 50	365 50	345 00	270 50
10	420 00	402 50	363 50	345 00	270 50
11	423 50	406 50	366 50	350 00	274 80
12	423 00	405 50	367 00	345 00	274 80
13	421 00	405 00	365 50	345 00	277 00
14	423 50	405 00	365 00	345 00	277 00
17	425 00	406 50	368 50	345 00	277 70
18	425 00	406 50	366 50	345 00	259 70
19	428 50	410 00	371 50	345 00	264 70
20	431 50	416 50	375 00	345 00	268 90
21	435 00	415 00	376 50	345 00	270 30
24	435 00	416 50	376 50	345 00	266 00
25	435 00	416 50	376 50	340 00	267 00
26	435 00	416 50	376 50	340 00	265 00
28	435 00	416 50	376 50	335 00	263 00
31	431 50	413 50	375 00	330 00	262 70
Média	**427 62**	**409 50**	**370 87**	**344 25**	**270 84**

COTAÇÕES DE CAFÉ A TÊRMO EM NOVA YORK
(Em cents por Libra 453,60 gr.) — Maio de 1954 — Contrato "S"

DIA	MAIO		JULHO		SETEMBRO		DEZEMBRO		MARÇO		MAIO	
	A	F	A	F	A	F	A	F	A	F	A	F
3	89 30	87 70	88 50	87 55	87 90	86 70	87 55	86 30	86 55	85 55	86 50	85 25
4	87 70	86 00	86 51	85 80	85 40	85 00	84 90	84 65	84 69	83 90	85 00	83 60
5	85 50	83 86	85 80	84 08	85 05	83 35	84 65	83 00	83 90	82 50	83 00	82 10
6	84 15	83 70	85 55	83 80	84 00	83 05	84 09	82 70	83 35	82 00	n/cot.	81 70
7	84 01	84 15	84 80	84 35	84 00	83 55	83 20	83 20	82 35	82 60	82 40	82 30
10	84 50	85 30	85 35	85 60	84 50	85 15	84 40	84 26	84 00	83 60	n/cot.	83 20
11	86 60	84 35	87 25	84 80	86 55	84 00	86 19	83 60	85 45	82 90	85 15	82 50
12	85 30	86 60	85 65	86 35	84 75	85 55	84 00	85 20	83 45	84 60	82 80	84 30
13	83 95	86 30	85 00	86 75	84 10	85 70	83 25	85 20	82 80	85 20	82 30	84 30
14	86 50	85 76	87 50	86 11	87 00	85 46	86 10	84 95	85 95	84 39	85 20	84 00
17	86 00	86 35	86 50	86 72	86 05	86 09	85 64	85 14	84 94	84 70	84 25	84 84
18	n/cot.	86 15	87 00	86 85	86 30	86 20	86 00	85 85	85 15	85 35	85 15	84 90
19	86 10	86 92	87 20	87 67	86 51	87 10	86 10	86 75	85 75	86 39	85 00	86 00
20	87 25	87 85	89 17	88 45	88 30	87 85	88 39	87 45	87 75	86 90	87 50	86 50
21	n/cot.	—	88 70	88 75	88 10	88 10	88 00	87 60	87 40	86 50	86 98	86 90
24	—	—	88 00	88 75	87 50	88 10	87 00	87 60	86 80	86 80	87 50	86 15
25	—	—	87 00	87 70	86 10	86 85	86 00	86 44	85 50	86 04	85 05	85 65
26	—	—	87 15	87 15	85 50	86 05	85 25	85 65	85 25	85 25	84 70	84 70
27	—	—	86 90	86 70	85 50	85 70	85 25	85 30	84 80	84 80	n/cot.	84 35
28	—	—	86 75	87 00	86 15	86 10	85 70	85 30	85 50	85 00	84 95	84 55
Média	**85 91**	**85 78**	**86 81**	**86 55**	**85 96**	**85 78**	**85 58**	**85 32**	**85 07**	**84 83**	**84 83**	**84 83**

CÂMBIO NO RIO DE JANEIRO SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

I — Mercado Livre — Vendas à Vista — Maio de 1954

Dias	Londres libra	Nova York dolar	Suiça franco	Portugal escudo	Argentina peso	Uruguai peso	Suécia corôa
3	52,69 60	18,82 00	4,42 50	0,65 07	1,35 20	6,11 04	3,64 02
4	52,69 60	18,82 00	4,42 50	0,65 07	1,35 20	6,06 12	3,64 02
5	52,69 60	18,82 00	4,42 69	0,65 07	1,35 20	6,07 10	3,64 02
6	52,69 60	18,82 00	4,42 69	0,65 07	1,35 20	6,12 03	3,64 02
7	52,69 60	18,82 00	4,42 69	0,65 07	1,35 20	6,10 05	3,64 02
8	52,69 60	18,82 00	4,42 69	0,65 07	1,35 20	6,10 05	3,64 02
10	52,69 60	18,82 00	4,42 69	0,65 07	1,35 20	6,10 05	3,64 02
11	52,69 60	18,82 00	4,42 69	0,65 07	1,35 20	6,07 10	3,64 02
12	52,69 60	18,82 00	4,42 69	0,65 07	1,35 20	6,96 12	3,64 02
13	52,69 60	18,82 00	4,42 69	0,65 07	1,35 20	6,96 12	3,64 02
14	52,69 60	18,82 00	4,42 69	0,65 07	1,35 20	5,94 63	3,64 02
15	52,69 60	18,82 00	4,42 69	0,65 07	1,35 20	6,02 24	3,64 02
17	52,69 60	18,82 00	4,42 69	0,65 07	1,35 20	6,02 24	3,64 02
18	52,69 60	18,82 00	4,42 69	0,65 07	1,35 20	6,02 24	3,64 02
19	52,69 60	18,82 00	4,42 69	0,65 07	1,35 20	6,02 24	3,64 02
20	52,69 60	18,82 00	4,42 69	0,65 07	1,35 20	6,02 24	3,64 02
21	52,69 60	18,82 00	4,42 69	0,65 07	1,35 20	6,02 24	3,64 02
22	52,69 60	18,82 00	4,42 69	0,65 07	1,35 20	5,90 89	3,64 02
24	52,69 60	18,82 00	4,42 69	0,65 07	1,35 20	5,90 89	3,64 02
25	52,69 60	18,82 00	4,42 69	0,65 07	1,35 20	5,90 89	3,64 02
26	52,69 60	18,82 00	4,42 69	0,65 07	1,35 20	5,87 21	3,64 02
27	52,69 60	18,82 00	4,42 50	0,65 07	1,35 20	5,89 51	3,64 02
28	52,69 60	18,82 00	4,42 50	0,65 07	1,35 20	5,89 05	3,64 02
29	52,69 60	18,82 00	4,42 50	0,65 07	1,35 20	5,89 97	3,64 02
31	52,69 60	18,82 00	4,42 50	0,65 07	1,35 20	5,89 97	3,64 02
Média .	52,69 60	18,82 00	4,42 64	0,65 07	1,35 20	6,07 68	3,64 02

CÂMBIO NO RIO DE JANEIRO SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS
II — Mercado Livre — Compras à Vista — Maio de 1954

Dias	Londres libra	Nova York dolar	Suiça franco	Portugal escudo	Argentina peso	Uruguai peso	Suécia corôa
3	51,40 80	18,36 00	4,28 16	0,63 28	1,31 61	5,87 52	3,55 13
4	51,40 80	18,36 00	4,28 16	0,63 28	1,31 61	5,82 86	3,55 13
5	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,83 78	3,55 13
6	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,88 46	3,55 13
7	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,86 58	3,55 13
8	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,86 58	3,55 13
10	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,86 58	3,55 13
11	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,83 78	3,55 13
12	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,82 86	3,55 13
13	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,82 86	3,55 13
14	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,71 86	3,55 13
15	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,79 18	3,55 13
17	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,79 18	3,55 13
18	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,79 18	3,55 13
19	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,79 18	3,55 13
20	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,74 65	3,55 13
21	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,71 96	3,55 13
22	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,68 42	3,55 13
24	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,68 42	3,55 13
25	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,68 42	3,55 13
26	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,67 42	3,55 13
27	51,40 80	18,36 00	4,28 16	0,63 28	1,31 61	5,68 10	3,55 13
28	51,40 80	18,36 00	4,28 16	0,63 28	1,31 61	5,66 67	3,55 13
29	51,40 80	18,36 00	4,28 16	0,63 28	1,31 61	5,67 54	3,55 13
31	51,40 80	18,36 00	4,28 16	0,63 28	1,31 61	5,67 54	3,55 13
Média .	51,40 80	18,36 00	4,28 30	0,63 28	1,31 61	5,77 18	3,55 13

CÂMBIO EM SÃO PAULO

Médias diárias de CÂMBIO LIVRE, afixadas pela Bôlsa Oficial de Valôres de São Paulo, durante o mês de MAIO de 1954

Dias	Inglaterra	Canadá	Est. Unidos	Uruguai	Alemanha	Suiça	Suécia	Dinamarca	Portugal	Espanha	Argentina	Bélgica	França	Itália
3 .	149,8661	—	53,5110	17,5500	—	12,4885	—	—	—	1,8772	1,3871	0,9900	—	—
4 .	151,9047	—	53,6121	—	—	12,4900	—	6,2500	2,2000	1,8990	1,4000	1,0300	—	—
5 .	150,5323	—	55,6725	18,4000	—	13,0489	9,0000	6,0000	2,3000	1,9414	1,4000	1,0848	—	0,0920
6 .	161,0359	54,0000	57,2141	—	—	13,3995	9,3916	6,5000	2,3000	2,0600	1,4500	1,0500	—	—
7 .	159,8564	—	56,9735	—	14,0000	—	9,2200	—	2,3000	2,0587	1,4340	—	0,1600	0,0920
8 .	159,4927	—	54,8655	—	—	13,3000	—	—	2,4000	1,9814	1,4287	—	—	0,0920
10 .	159,4395	—	56,3554	18,7000	—	—	9,1700	—	—	1,9858	—	—	—	—
11 .	159,5969	—	56,5783	18,0000	—	13,5000	—	6,3000	2,3500	1,9877	1,4000	—	0,1600	—
12 .	159,1297	54,0000	57,4850	17,0000	—	13,3937	9,2300	6,0000	2,3500	2,0232	1,4500	—	—	0,0970
13 .	160,2719	—	57,7062	—	—	—	7,9500	6,6128	2,3000	2,0267	1,4500	1,1400	—	—
14 .	157,3368	—	57,0863	—	—	13,4500	8,7000	—	2,3500	2,0093	—	1,0902	—	0,0940
15 .	160,2902	—	56,9961	—	—	13,2515	9,1700	—	—	2,0041	1,4200	—	—	0,0920
17 .	—	—	56,3741	—	—	13,5500	—	—	—	2,0170	1,4200	—	—	—
18 .	158,7000	—	55,9951	—	—	13,3581	—	6,9000	2,3359	1,9994	1,4200	—	—	0,0920
19 .	158,0863	—	56,1061	—	—	13,1500	—	—	2,3000	1,9871	1,4057	1,0500	—	0,0940
20 .	158,0153	—	56,7448	—	—	13,1065	8,8500	—	—	1,9679	1,4379	1,0600	—	0,0950
21 .	158,3410	—	56,9326	—	—	13,3832	—	—	2,3000	1,9886	1,4500	1,0700	—	0,0930
22 .	159,6152	58,0000	57,1683	—	—	13,3312	9,5000	—	—	2,0008	1,4500	—	—	—
24 .	159,7313	—	56,9214	—	—	13,3500	—	—	2,3000	1,9920	1,4500	1,0800	—	—
25 .	159,2558	—	56,6736	—	—	13,3037	—	—	—	1,9953	1,4300	—	—	0,0950
26 .	158,2981	59,5000	56,8559	18,9069	—	—	—	—	2,2050	2,0000	1,4000	1,0800	0,1400	—
28 .	157,6625	—	56,8561	18,2400	—	13,3540	—	—	2,3000	1,9960	1,4470	—	—	—
29 .	159,4441	58,5000	57,1020	18,9010	—	13,3981	9,2878	—	2,3000	1,9968	1,4512	1,0900	0,1700	—
31 .	159,7805	—	57,5175	—	—	—	—	—	—	—	1,4500	1,0900	—	—
Md	158,0775	56,8000	56,4709	18,2122	14,0000	13,2424	9,0426	6,3661	2,3056	1,9989	1,4287	1,0696	0,1575	0,9345

INDICE

COLABORAÇÃO:

RESUMOS E TRANSCRIÇÕES:

ESTATÍSTICA:

CAMBIO EM NOVA YORK SÔB

MAIO DE 1

Valor das diversas moed

DIA	Londres £	Montreal $	Rio de Jan. Cr$	B. Aires peso	Montevideo peso	Paris frc.	
3	2,82 00	1,01 1/2	0,01 94	0.07 25	0,32 50	0,0028 5/8	0,02
4	2,81 15/16	1,01 9/16	0,01 85	0,07 25	0,32 20	0,0028 5/8	0,23
5	2,81 13/16	1,01 17/32	0,01 73	0,07 25	0,32 20	0,0028 5/8	0,23
6	2,81 7/8	1,01 1/2	0,01 78	0,07 25	0,32 20	0,0028 5/8	0,23
7	2,81 15/16	1,01 17/32	0,01 85	0,07 25	0,32 20	0,0028 5/8	0,23
10	2,81 15/16	1,01 23/32	0,01 79	0,07 25	0,32 20	0,0028 5/8	0,23
11	2,81 15/16	1,01 23/32	0,01 79	0,07 25	0,32 20	0,0028 5/8	0,23
12	2,81 15/16	1,01 1/2	0,01 80	0,07 25	0,32 00	0,0028 5/8	0,23
13	2,81 15/16	1,01 1/2	0,01 80	0,07 25	0,32 00	0,0028 5/8	0,23
14	2,82 00	1,01 1/2	0.01 80	0,07 25	0,32 00	0,0028 5/8	0,23
17	2,81 15/16	1,01 9/16	0,01 82	0,07 25	0,32 00	0,0028 5/8	0,23
18	2,81 15/16	1,01 9/16	0,01 82	0,07 35	0,31 75	0,0028 5/8	0,23
19	2,81 15/16	1,01 17/32	0,01 81	0,07 25	0,31 75	0,0028 5/8	0,2
20	2,81 15/16	1,01 19/32	0,01 80	0,07 25	0,31 87	0,0028 5/8	0,2
21	2,82 00	1,01 19/16	0,01 80	0,07 25	0,31 55	0,0028 5/8	0,2
24	2,82 00	1,01 23/32	0,01 80	0,07 25	0,31 40	0,0028 5/8	0,2
25	2,81 7/8	1,01 3/4	0,01 80	0,07 25	0.31 17	0,0028 5/8	0,2
26	2,81 7/8	1,01 3/4	0,01 80	0,07 25	0,31 17	0,0028 5/8	0,2
27	2,81 7/8	1,01 3/4	0,01 80	0,07 25	0,31 17	0,0028 5/8	0,2
28	2,81 7/8	1,01 29/32	0,01 79	0.07 25	0,31 17	0,0028 5/8	0,2
Média	2,81 59/64	1,01 5/8	0,01 81	0,07 25	0,31 83	0,0028 5/8	0,2

RE DIVERSAS PRAÇAS

954

as em dolar.

Berna frc.	Stockolmo corôa	Madrid peseta	Lisbôa escudo	Bélgica franco	Amsterdan guilder	Brasil Cr$ oficial
33	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0198 5/8	0,26 43	0,05 50
34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0198 5/8	0,26 43	0,05 50
34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0198 5/8	0,26 43	0,05 50
34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0198 5/8	0,26 43	0,05 50
34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0198 5/8	0,26 43	0,05 50
34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0198 7/8	0,26 43	0,05 50
34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0198 7/8	0,26 43	0,05 50
34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0198 1/8	0,26 43	0,05 50
34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0198 1/8	0,26 43	0,05 50
34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 1/4	0,26 43	0,05 50
33 3/4	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 5/8	0,26 43	0,05 50
33 3/4	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0200 00	0,26 43	0,05 50
34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0200 00	0,26 43	0,05 50
34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0200 00	0,26 43	0,05 50
34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0200 00	0,26 43	0,05 50
34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 7/8	0,26 43	0,05 50
33	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 5/8	0,26 43	0,05 50
33	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 5/8	0,26 43	0,05 50
33	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 1/2	0,26 43	0,05 50
331/2	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 1/2	0,26 43	0,05 50
33 3/4	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 13/64	0,26 43	0,05 50

AVISOS

Já estão reimpressas algumas de nossas separatas, cuja distribuição havia sido suspensa, e que podem agora ser novamente remetidas, em escala limitada, aos interessados.

São as seguintes:

"Da Secagem Mecânica do Café" — Rogério de Camargo

"Expurgo de sementes de café infestados pela broca do café" — J. Bergamin

"Melhoramento do Cafeeiro" — C-A-Krug

"Culturas Acessórias na Fazenda de Café" — Feijão Soja" — N. A. Neme

"Culturas Acessórias na fazenda de café — O milho" — G. P. Viegas

"Técnica das Adubações" — A Menezes Sobrinho

"Conservação do Solo e revestimento vegetal" — Francisco M. Aires de Alencar

"O Cheiro do Mato" — Adalberto de Queiroz Teles Jr.

"S/ um método miscroscópico p/ contagem de cascas no café em pó" — J. B. Ferraz de Menezes Jr. e Bento A. de Almeida Bicudo

"Culturas Acessórias na fazenda de café — Arroz — alimento básico tropical" — H. S. Miranda.

"A Broca do Café" — J. Bergamin

"Culturas subsidiárias na fazenda de café — A Mandioca" — Edgard S. Normanha.

GRÁFICA SÃO JOSÉ — Rua Galvão Bueno, 230 — Telefone: 36-4812 — São Paulo

CAFÉ
SANTOS
DE
CONSUMO
MUNDIAL